

CRISTOLOGIA PURA E SIMPLES



**Seminário
Casa de
Profetas**

SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
- INTRODUÇÃO	03
- CAPÍTULO I	
VERDADES A SEREM CONSIDERADAS	04
- CAPÍTULO II	
JOÃO: O ARAUTO	05
- CAPÍTULO III	
O NASCIMENTO DO DEUS HOMEM	18
- CAPÍTULO IV	
SUA VIDA ANTES DO MINISTÉRIO	29
- CAPÍTULO V	
O COMEÇO DO SEU MINISTÉRIO TERRENO	42
- CAPÍTULO VI	
NO MONTE DAS BEM-AVENTURANÇAS	46
- CAPÍTULO VII	
JESUS CONTA SOBRE O VALOR DA ORAÇÃO	54
- CAPÍTULO VIII	
ALGUMAS PARÁBOLAS GERAIS DE JESUS	60
- CAPÍTULO IX	
ENSINOS DE JESUS SOBRE SUA VINDA EM GLÓRIA	65
- CAPÍTULO X	
O ENSINO DIRETO AOS APÓSTOLOS	73
- CAPÍTULO XI	
E COMEÇA A OPOSIÇÃO AO MESSIAS	77
- CAPÍTULO XII	
ÚLTIMOS DIAS ANTES DO MARTÍRIO	83
- CAPÍTULO XIII	

O SOFRIMENTO DO MESSIAS JESUS CRISTO	101
- CAPÍTULO XIV	
A VITÓRIA DE JESUS SOBRE A MORTE	139
- CONCLUSÃO DO CURSO	151
- REFERÊNCIAS	152

INTRODUÇÃO:

A Cristologia se propõe ao estudo sobre Cristo, é uma parte da teologia cristã que estuda e define a natureza de Jesus, a doutrina da pessoa e da obra de Jesus Cristo, com uma particular atenção à relação dele com Deus e com os homens. No entanto muitos tem tido dificuldades em interpretar tais estudos, uma vez que são estudados de forma mais acadêmica nas nossas Faculdades e Seminários Teológicos.

No entanto, notamos que o que Deus sempre quis era se revelar ao homem, e para isso procurou pessoas de diferentes épocas, formações e profissões, para que, através do Espírito Santo pudesse se revelar pela inspiração das escrituras. Então, nos propomos nesta matéria trabalhar de forma panorâmica, mas buscando detalhes mais importantes sobre a vida e o ministério de Jesus, antes, durante e depois do seu nascimento.

Procuraremos entender a realidade dos acontecimentos, dentro do contexto da época, analisando os motivos pelos quais Jesus foi ao mesmo tempo tão amado e tão odiado pelo seu próprio povo. E aprenderemos os seus ensinamentos aos seus discípulos, em cada palavra e parábola, sempre levando em conta que este ensino transcende as épocas.

Este estudo embora, se propõe a ser explanado de forma simples e profunda, mas sem ser simplista em sua apresentação.

Seja bem vindo ao estudo de CRISTOLOGIA PURA E SIMPLES!

CAPÍTULO I

VERDADES A SEREM CONSIDERADAS

A – JESUS É O FILHO DE DEUS?

- Quando o pecado entrou no mundo e tentou despojar a bela criação de Deus, de tal maneira que conforme diz Paulo toda a criação a um só tempo geme e suporta aflições até agora (Romanos 8:22), somente uma Pessoa (e até mesmo Ele, só a um preço infinito) poderia consertar os prejuízos causados.

- Neste século presente, as descobertas científicas tem multiplicado por um milhão o tamanho do universo conhecido. Telescópios poderosos têm sondado as galáxias distantes, vendo algumas delas que se acham nas regiões mais remotas do universo como "meras pontinhas vagas de luz." Mas cada galáxia é composta de milhões de sóis flamejantes, acompanhados por planetas desconhecidos, e algumas dessas galáxias estão a uma distância de milhões ou até mesmo bilhões de anos-luz.

- Para o racionalista, o universo revela ser grande demais para Deus o ter criado. O ateu, portanto, reduz a sua filosofia ao absurdo de dizer que a matéria morta criou a si mesma! Ao invés de começar com Deus, e partir daí para baixo, começa com a lama e tenta subir a partir daí. O crente sincero, porém, ao considerar a majestade dos céus e a extensão ilimitada do universo, somente pode exclaimar com reverência humilde: "Oh Deus, quão grande és Tu!"

- A Encarnação (mistério pelo qual Deus se fez homem) é outro mistério que está totalmente além da capacidade humana de compreendê-la. Foi um milagre, e continua sendo. Mas, afinal de contas, não é certo que o universo inteiro é um milagre? Mas o universo está aqui, e temos que aceitá-lo. A aceitação voluntária da Deidade no milagre da Encarnação liga Deus com os homens pelo sangue. Pelo sangue, Cristo veio a ser nosso Irmão mais velho. A humildade d'aquela que se esvaziou dos atributos que ele tinha antes da Encarnação, e que se tornou verdadeiro homem, não é menos inspiradora de reverência do que sua exaltação infinita.

- Deus se tornou homem a fim de salvar o homem. Nada é mais óbvio do que o fato que a humanidade, a fim de sobreviver, precisa ter um Salvador. Os, sábios deste mundo, os filósofos, os intelectuais, estão preocupados em inventar maneiras para o homem salvar-se a si mesmo.

- Algumas Provas de que Jesus é o filho de Deus:

1) O Próprio Cristo declarou Ser o Filho de Deus: João 10:36; 8:58; 6:62; 17:1-2).

2) Cristo emerge da obscuridade: Marcos 6:2-3

3) Ele falava com autoridade "Como Ninguém Falou": Lucas 4:32, João 7:46, Mateus 27:54

4) Cristo conhecia os pensamentos do pecador e Lhe oferecia perdão: João 2:24-25

5) Cristo foi o único homem sem pecado (As únicas acusações que seus inimigos Lhe atribuíam era que ele comia com pecadores e trabalhava aos sábados.) A resposta de Cristo: Mateus 9:12

6) Cristo operava milagres nunca antes operados pelo homem: João 9:32-33

- A natureza de Jesus como filho de Deus. A Confissão de Westminster dá a seguinte definição da natureza ou naturezas e pessoa de Jesus Cristo: "O Filho de Deus, a segunda pessoa da trindade, sendo o verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância e igual ao Pai, quando veio a plenitude do tempo tomou sobre si mesmo a natureza humana, com todas as suas propriedades essenciais e fraquezas comuns, porém sem pecado: sendo concebido pelo poder do Espírito Santo, no ventre da virgem Maria, de sua substância. Desse modo, as duas naturezas completas, perfeitas e distintas, a divina e a humana, foram unidas inseparavelmente em uma pessoa, sem conversão, composição ou confusão. Tal pessoa é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém um Cristo, o único mediador entre Deus e o homem..." (Cap. VIII, Sec. 2).

- Jesus nasceu e morreu como os homens, mas era o "Ancião de Dias", que disse: "Antes que Abraão existisse, eu sou" (João 8:58). Jesus disse: "Tenho sede"; mas, também: "Eu sou a água da vida." Jesus disse: "Dá-me de beber"; todavia, na mesma ocasião: "Aquele, porém, que beber da água que eu Lhe der, nunca mais terá sede, para sempre" (João 4:7-14). Ele foi açoitado; mas os seus açoites nos curaram. Ele disse: "Nada posso fazer de mim mesmo"; no entanto, sem Ele, nada do que foi feito se fez. Outro teve de carregar a sua cruz; mas "sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hebreus 1:3). Ele cresceu em sabedoria e estatura (Lucas 2:52); mas é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Ele foi sentenciado à morte por um governador romano; mas era o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores. Ele disse: "Minha alma está angustiada"; porém, era o "Príncipe

da Paz". Ele clamou na cruz: "Por que me abandonaste?"; todavia, prometeu a seus seguidores: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei."

B – A MISSÃO DE CRISTO

- Depois que Cristo apareceu, tornou-se possível comparar os eventos reais da Sua vida com os trechos dos escritos antigos, assim confirmar nossa fé n'Aquele que veio, que realmente era Cristo, o Filho do Deus vivo.

- Outro propósito foi servido por Cristo ter nascido justamente naqueles tempos. Até essas alturas, o mundo tinha recebido a oportunidade de comprovar plenamente as suas capacidades e disposições. Muitos resultados notáveis tinham sido conseguidos no desenvolvimento das várias civilizações. Ficou comprovado que o homem conseguia subir a níveis mais elevados nas artes e nos refinamentos da vida, na literatura, na pintura e na arquitetura. Na dimensão religiosa, no entanto, ficou claro que o homem não conseguia chegar a Deus pelos seus próprios esforços. Embora o homem tivesse feito grandes progressos em outros campos do conhecimento, melhorando o seu intelecto, refinando seus gostos, e corrigindo os seus modos não conseguiu purificar seu próprio coração. A triste história do declínio moral da humanidade é informada pelo Apóstolo Paulo em Romanos 1:21-23.

- O homem precisa ter um Salvador; ele não está completo nele mesmo. Apesar das especulações dos filósofos cegos que argumentam que a natureza tende para cima, a triste verdade é que, à parte de Cristo, a tendência inerente na vida moral da humanidade é para baixo.

- Sendo assim, embora Cristo tenha operado muitos milagres maravilhosos, não era Seu propósito meramente curar os aflitos e enfermos, que poderiam adoecer de novo, nem ressuscitar os mortos para morrerem de novo. Nem veio para satisfazer o apetite físico dos homens, só para eles voltarem à passar fome. Ele veio ao mundo a fim de dar aos homens o pão da vida, pão para a alma, de modo que nunca mais tenham fome nem sede espiritual. Veio pregar um Evangelho de arrependimento, a fim de salvar os homens dos seus pecados, para que nunca pereçam. Quando alguns Lhe contaram que o governador Pilatos mandara assassinar certas pessoas, e da torre de Siloé, que desabou, matando mais dezoito, Ele disse: Pensais que esses galileus eram mais

pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas? Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis (Lucas 13:2-3).

- Nem todos aceitaram a chamada de Cristo ao arrependimento. Ali, no norte da Galileia, onde se cruzavam as grandes estradas comerciais, havia forte tentação para os homens dedicarem-se profundamente à busca das riquezas e às coisas materiais da vida. Embora os habitantes parecessem profundamente impressionados com os milagres de Cristo e os Seus ensinamentos, sobrepuja-se o desejo de participarem da prosperidade, e a maioria deles repudiou a chamada de Cristo para deixar tudo e seguir a Ele.

- Alguns que foram atraídos pela chamada de Cristo seguiam-no por algum tempo; mas não tinham realmente calculado o quanto isso lhes custaria. Mas, quer os homens aceitem a Cristo, quer eles o rejeitem, Ele é a Pedra pela qual os destinos dos homens são decididos. Cristo disse aos líderes religiosos: Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó (Mateus 21:44). Em outras palavras: aquele que aceita a Cristo será quebrantado, com a finalidade de ter sua vida restaurada. Mas aquele que rejeita a Cristo será irremediavelmente moído até se tornar pó.

- A um homem que veio a Jesus, pedindo-Lhe que conversasse com seu irmão sobre a divisão de uma herança, Ele deu uma forte repreensão: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui (Lucas 12:15). Jesus passou, então, a descrever o fim de um rico, tolo que pensou em destruir seus celeiros a fim de reconstruí-los maiores para ali recolher todos os seus bens. O rico disse à sua alma Tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe, e regala-te. Jesus contou que, naquela mesma noite, Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? (Lucas 12:19-20).

C – POR QUE DEVEMOS ACEITAR A CRISTO

- Há um só Deus verdadeiro. Deus, o Criador do Universo, existe antes do princípio do mundo. Deus é um Deus bom, um Deus de amor, Ele criou o homem para ser seu companheiro e amigo.

- Mas, como Satanás enganou o homem e levou-o a rebelar-se e pecar contra Deus, o homem pecaminoso está separado de Deus, castigo este que é muito pavoroso.

- Porque Deus é santo e perfeito, Ele não pode se associar com uma pessoa que tem pecado na sua vida. Logo, nossos pecados nos levarão a ficar eternamente separados de Deus. A fim de trazer o homem de volta à comunhão com Ele mesmo, Ele permitiu que Seu Filho único, Jesus Cristo, pagasse a pena da morte pelos nossos pecados. Se aceitarmos o Seu Filho, Deus perdoará os nossos pecados, e nós ficaremos exatamente como se nunca tivéssemos pecado. Como redimidos, agora podemos ter comunhão com Deus mesmo enquanto vivermos neste mundo, e quando terminar a nossa vida aqui, viveremos com Ele por toda a eternidade.

1 - O Que Significa Para Você A Morte De Cristo Na Cruz: Relembremos o dia em que Cristo foi crucificado. Ali ficou Ele, dependurado entre a Terra e o Céu um espetáculo diante dos homens e dos anjos, e o suplício ficava a cada momento mais insuportável. Sua morte pela crucificação inclui a soma total de todos os sofrimentos que um corpo humano pode experimentar: a sede, a febre, a vergonha pública, e tormentos contínuos e prolongados.

Chegara o meio-dia, normalmente a hora mais ensolarada do dia. Mas, ao invés da luz do sol, desceram trevas sobre a Terra. A própria natureza, não suportando ver a cena, retirou a sua luz, e os céus enegreceram. Essas trevas afetaram imediatamente as pessoas que estavam em volta.

Não havia mais escárnio e zombaria. As pessoas começavam a retirar-se em silêncio, deixando Jesus sozinho para beber até às profundezas as escórias do sofrimento e da humilhação. Mas um horror maior estava para vir. Ao invés da alegre comunhão com Deus, houve um grito de aflição. Jesus viu-se totalmente abandonado pelos homens e por Deus. Até hoje, Seu grito provoca um arrepio de terror. Ele clamou: Deus meu, Deus meu por que me desamparaste?

De fato, Deus o tinha abandonado, mas somente por momentos; e a razão disso fica clara: naquele momento, o pecado do mundo inteiro, com toda a sua hediondez, pesava sobre Jesus. Ele se tornou pecado: A Jesus Cristo que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus (2 Coríntios 5:21).

Aí temos a explicação daquilo que aconteceu. Cristo foi feito pecado em nosso lugar. Ele tomou sobre Si o pecado do mundo, inclusive o seu pecado e o meu. Por isso, Ele precisava agüentar o castigo merecido pelo pecado.

Chegando o momento final, Jesus curvou a cabeça, e disse: "Está consumado!", e morreu. A salvação fora completada. Era uma salvação, não de obras, a ser merecida mediante jejuns, penitências, e romarias. A salvação é, para sempre, uma obra consumada. Não precisamos completá-la mediante os nossos próprios esforços. Nada mais há para fazer senão aceitá-la. Não há necessidade de lutas e de labutas, pois é só aceitar calmamente aquilo que Deus tem preparado ao preço de um sacrifício infinito.

Foi assim que Cristo morreu pela nossa salvação. Foi assim que Ele foi ressuscitado em triunfo, três dias e noites depois, para nunca mais morrer. Por isso, Ele diz: Porque eu vivo, vós também vivereis (João 14:19). Então cabe a nós procurarmos viver uma vida condizente com a de um servo de Deus. Sabedores que tão grande sacrifício foi feito por nós, devemos também de igual forma vivermos uma vida de gratidão ao eterno e amado Senhor de nossas vidas.

CAPÍTULO II

JOÃO: O ARAUTO

A – O NASCIMENTO DE JOÃO BATISTA – LUCAS 1:5-13

- Quando o anjo anunciou a vinda de João Batista, rompeu os 400 anos do silêncio do espírito da profecia. De todas as maneiras, João Batista era sem igual. Comparando-o com os demais profetas, Jesus disse que não houve nenhum maior, nascido de mulher. Sua sinceridade incorruptível, sua humildade, seu destemor e coragem, juntamente com a história trágica da sua morte, combinam-se para lhe dar um lugar distintivo na narrativa bíblica. Somos informados de que ele veio a Israel no poder e espírito de Elias. Ele ficou sozinho entre a dispensação judaica e a dispensação cristã. Mas sua obra máxima, e o ministério pelo qual sempre será lembrado, foi seu papel de precursor do Messias, ou seja, aquele que anuncia a chegada do Messias.

- O Evangelho segundo Lucas começa com um relato dos eventos associados com o nascimento de João Batista. Nas alturas da região montanhosa perto de Jerusalém, habitava certo

sacerdote chamado Zacarias, com sua esposa Isabel. Formavam um casal piedoso, de idade bem adiantada na ocasião dos eventos narrados. Havia muito tempo que desejavam um filho, mas este lhes fora negado. Mesmo assim, tinham orado muitas vezes a respeito, mas no fim, tendo acabado seus melhores anos, cessaram de alimentar essa esperança. Aceitaram o fato aparente de viverem e morrerem sem filho (Lucas 1: 13).

- Zacarias era um sacerdote "do turno de Abias," e duas vezes por ano era seu dever viajar para Jerusalém para cumprir seu cargo no Templo, durante uma semana de seis dias e dois sábados. Nesse período histórico, segundo Josefo, havia cerca de 20.000 sacerdotes habitando na região da Judéia. Muitos deles não tinham crédito algum para o sacerdócio, eram na realidade, "guias cegos dos cegos." Havia, por outro lado, aqueles sacerdotes que eram profundamente sinceros e viviam de modo devoto. Zacarias pertencia a esse último grupo, juntamente com sua esposa Isabel. Ambos eram justos diante de Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os preceitos e mandamentos do Senhor (Lucas 1:6).

- O sacerdote que oferecia o incenso era escolhido por lançamento de sortes. E ninguém o oferecia duas vezes na vida. Mas nesse aconteceu que, ao ser lançada a sorte, caiu em Zacarias.

- Realmente, era uma grande honra. Zacarias foi escolhido dentre a nação inteira de Israel para entrar no Santo Lugar e ministrar no altar e fazer intercessão pelo povo. Posto que Zacarias nunca antes realizara tarefa solene, sua mente estava naturalmente num estado de reverente temor e emoção. No momento da oferenda, Zacarias entrou no Santo Lugar com a cabeça coberta e com os sapatos removidos.

Levando na mão seu incensário cheio de incenso, derramou-o no fogo perpétuo do altar. Em seguida, fez intercessão pelo povo, enquanto a multidão, lá fora, também estava orando.

- Mas, de repente, Zacarias levantou os olhos e viu um anjo do Senhor em pé à destra do altar do incenso. O sacerdote, já em estado de suspense emocional, quando viu o anjo ali turbou-se, e se encheu de temor (v. 12).

- O anjo era o próprio Gabriel, que assiste na presença de Deus. O anjo acalmou Zacarias, falando que não devia ter medo, pois sua oração fora atendida. A esposa dele, Isabel, lhe daria um filho, que seria o João.

- O evento, conforme declarou o anjo, daria grande alegria à casa de Zacarias. Passou a dar mais instruções ainda. O menino devia ser criado como nazireu, e não devia beber vinho, nem qualquer tipo de bebida forte. Seria cheio do Espírito Santo desde o seu nascimento. Quando o menino crescesse, seria um grande profeta que converteria muitas almas ao Senhor. Mais importante ainda: ele seria precursor do Messias, preparando um povo para a Sua vinda. Na realização dessa grande tarefa, ele teria o espírito e poder de Elias.

- O povo maravilhou-se porque o sacerdote permaneceu tanto tempo no Templo. Quando Zacarias finalmente saiu, as pessoas presentes perceberam que ele não conseguia falar. Com os gestos dele, acabaram entendendo que ele recebera uma visão. Zacarias continuou no templo até cumprir os dias da sua ministração, e então voltou para casa.

- Mas, no fim de seis meses, receberam uma visita inesperada, e certamente era bem-vinda. Era a própria Maria, futura mãe do Menino Jesus! Não sabemos se essas parentas já tinham se encontrado antes, mas é provável, pois Maria fez a viagem sozinha e soube chegar até à casa do casal idoso. Enquanto, Maria entrava pela porta aconteceram duas coisas notáveis. No momento em que Maria falou, a criança estremeceu no ventre de Isabel. Então, de repente, o Espírito de Deus veio sobre a mulher mais idosa, e saiu uma bela profecia reconhecendo Maria como mãe do Messias.

- No oitavo dia depois de Isabel dar à luz um filho, os vizinhos e primos chegaram para congratular-se com os pais e para circuncidar o menino. Queriam dar-lhe o nome do pai: Zacarias. A mãe disse que ele devia ser chamado João. Os parentes não ficaram contentes com isso, porque já tinham selecionado um nome. Quando, porém, fizeram sinais a Zacarias, ele escreveu as palavras: "João é o seu nome." Na sua resposta, nada mais havia de hesitação. Contou-lhes o que o nome já era não o que talvez seria! E tão logo que fez assim, ficou solta a sua língua, e ele pronunciou uma bela profecia messiânica: Lucas 1:67-79

- Todos os dias, o sacerdote idoso orava a Deus com espírito fervoroso para Ele realmente usar esse filho deles no ministério do qual o anjo falara. E que o Messias viesse e trouxesse salvação a Israel.

- Zacarias sabia, provavelmente, que não viveria tempo suficiente para ver pessoalmente esses acontecimentos; mas tinha certeza de que viriam. Quanto ao jovem João Batista, somos

informados: O menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até ao dia em que havia de manifestar-se a Israel (Lucas 1:80).

B – A VOZ CLAMANDO NO DESERTO – MATEUS 3:1-6

- Como filho de um sacerdote, e descendente direto de Arão através de Isabel, João Batista teria o direito de tornar-se um sacerdote no templo. A vida no templo lhe teria dado honrarias e segurança, ricas vestes e jóias. Mas virou as costas contra tudo isso e renunciou seu direito ao sacerdócio.

- Enquanto estava no deserto, aprendeu a subsistir com poucas comidas, tais como mel silvestre tirado das árvores, e gafanhotos, que os beduínos do deserto assam para comer. Sua aparência era desmazelada, suas roupas eram de pelos de camelo, e havia um cinto de couro na sua cintura.

- João não estava sozinho no grande deserto da Judéia. Havia os essênios, que tinham deixado a civilização para viver uma vida de pobreza e abnegação.

- Nunca, desde os dias de Amós e de Jeremias, tinha surgido semelhante profeta! O fogo da sua mensagem varreu o país inteiro! Jovens vinham a ele, de todas as direções. Os discípulos ficaram tão numerosos em bem pouco tempo, ao ponto de, trinta anos mais tarde, se encontrarem constantemente em lugares bem distantes, tais como a Ásia Menor e o Egito (Atos 18:24-25; 19.3). Caifás e seu pai Anás ficaram alarmados. Herodes, o rei, nos seus jardins luxuosos, achou necessário enviar mensageiros para descobrir o motivo de tanta comoção.

- Mas estava para acontecer um evento que, embora João Batista participasse dele, deixaria o ministério dele totalmente na sombra. As notícias dos ensinamentos de João Batista tinham sido propagadas numa centena de aldeias e cidades em Israel. Uma dessas aldeias era Nazaré. Ali, um carpinteiro ouviu o que se dizia. Ele sabia de que se tratava. Sabia de cor as palavras que João Batista citou de Isaías: “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do SENHOR; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados.” (Isaías 40:34).

C – JOÃO BATISTA E JESUS – LUCAS 1:5-13

1 - Jesus E João Batista Chegaram A Se Conhecer Quando Eram Meninos?

Se Zacarias e Isabel ainda tinham vida e saúde quando José e Maria saíam nas suas visitas anuais, é quase certo que sim. Maria, que tinha tanta intimidade com Isabel, certamente desejaria visitá-la e trocar experiências. Tanto Maria quanto Isabel teriam interesse intenso pelo bem-estar desses filhos que, segundo sabiam, eram destinados a papéis de destaque no destino humano.

Posto que Zacarias e Isabel moravam a pouca distância de Jerusalém, é altamente provável que nada, a não ser as fraquezas da velhice, os manteria afastados da Páscoa. Apesar disso, é possível que, na providência divina, Jesus e João Batista foram mantidos separados entre si durante a juventude. De qualquer maneira, os dois realmente cresceram separados, e cada um ia em direção à sua própria missão específica. Os dois realizariam uma grande obra, mas um voaria mais alto do que o outro.

Um iria aumentar-se, para então diminuir-se. Mas do outro estava profetizado: para que se aumente o seu governo e venha paz sem fim (Isaías 9:7).

2 - Jesus É Batizado Por João: Jesus, tendo viajado durante vários dias depois de sair de Nazaré, chegou finalmente às ribanceiras do Jordão. Então seguiu pela senda que levava ao sul, até à travessia onde as multidões se tinham reunido para escutar João Batista. Jesus foi diretamente até João, pedindo o batismo. Embora os dois homens tivessem parentesco entre eles segundo a carne, parece que João Batista não reconheceu Jesus humanamente. Mesmo assim, seu entendimento espiritual certo deixou-o saber imediatamente de Quem se tratava. Imediatamente, o profeta procurou refreá-Lo, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? (Mateus 3.14).

Aqui não havia nenhum penitente procurando uma nova e melhor maneira de vida. João Batista sabia que não se tratava de nenhum candidato comum ao batismo. Este era o próprio Messias! Enquanto João contemplava a majestade solene do Impecável que estava em pé diante dele, sentia irresistivelmente a necessidade da obra do Forasteiro para ele mesmo. Além disso, posto que não havia pecados para serem lavados, o batismo parecia inapropriado para o Visitante.

Jesus, porém, tinha Se sujeitado a todas as formas da jurisdição humana. Fora circuncidado de conformidade com a Lei. Segundo a Lei Mosaica, aqueles que entravam em contato com pessoas cerimonialmente impuras deviam submeter-se às abluções determinadas. Jesus tinha tido contato com as pessoas. Estava disposto a ser batizado a fim de cumprir toda a justa Lei. Reconhecia o batismo de João como um símbolo de purificação. Porém, mais do que uma purificação, esse batismo era um atestado. Simbolizava a consagração da alma a Deus, e para todo o sempre. Era a dedicação, da parte de Jesus, para ser o Cordeiro de Deus morto desde a fundação do mundo.

Por isso, quando Jesus disse: "Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça," João o batizou.

3 - O Batismo No Espírito: Enquanto Jesus saía da água, uma experiência maravilhosa irrompeu sobre Ele. Tratava-se da gloriosa vinda do Espírito Santo em toda a Sua plenitude. (Mateus 3:16-17)

Jesus não foi o único que viu o Espírito descendo como pomba. João Batista também o viu, assim ficou sabendo com certeza que Jesus era o Filho de Deus que estava para vir (João 1:32-34).

Nesse evento no rio Jordão, a Trindade e Unidade da Deidade foram reveladas. Deus Filho sendo batizado; Deus o Espírito Santo vindo sobre Ele na forma de uma pomba; Deus Pai dizendo: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo (Lucas 3.22)

4 - A Ascensão do Ministério de Cristo E o Declínio do Ministério de João Batista: João Batista continuou levando adiante seu ministério da mesma maneira que antes. Escolheu um lugar em Enom, perto de Salim porque havia ali muitas águas, e para lá concorria o povo e era batizado (João 3.23). Cada vez mais discípulos afastaram-se dele a fim de seguirem a Jesus. Mas alguns permaneceram com ele, por senso de lealdade, mesmo sabendo que Aquele que João Batista lhes indicara era o Messias. A estes chegou a notícia que Jesus (ou seja, os Seus discípulos) batizava mais discípulos do que João (João 4:1-2). Os seguidores de João, zelosos pelo ministério do líder deles, mencionaram o fato a ele: Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão do qual tens dado Testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro (João 3:26).

É uma das coisas mais naturais no mundo quando os seguidores de uma personalidade famosa têm zelo pelo prestígio do seu líder. Para eles não parecia justo que, depois de João Batista ter labutado e dedicado sem limites à obra de fazer o povo de Israel acordar diante da sua necessidade de arrepender-se, tendo realmente arriscado a sua vida pela causa, outro chegasse em cena e colhesse os benefícios. Além de Jesus ter levado alguns dos discípulos de João, até mesmo batizava mais discípulos do que João. Apesar do espírito generoso de João Batista, os seus discípulos não achavam tudo isso muito certo.

Mas João Batista, uma alma nobre, estava à altura de tudo, e, num discurso sublime, não somente justificou plenamente o que Cristo estava fazendo, como também fez a declaração mais específica feita até então da divindade do Senhor e do seu ministério: João 3:27-36.

Um exame cuidadoso dessas palavras de João Batista revela que ele tinha entendimento compreensivo da natureza e ministério de Cristo.

1. João entendeu que ele era mero precursor; disse, portanto: Convêm que ele cresça e que eu diminua (v. 30).

2. João resistiu a todas as tentativas de levá-lo a assumir a preeminência, e lembrou a seus discípulos que, o tempo todo, ele tinha dito: Eu não sou o Cristo, fui enviado como seu precursor (v. 28).

3. Seu papel era de "amigo do noivo", e, naquela condição, podia dizer: esta alegria já se cumpriu em mim (v. 29), e que ao cumprir esse papel, seu propósito na vida estava realizado.

4. João passou, então, a dar uma declaração da divindade de Cristo, dizendo que Ele veio de cima, isto é, do Céu (v. 31).

5. Declarou que a Ele, Deus não dá o Espírito por medida (v. 34).

6. Cristo era amado pelo Pai, e o Pai todas as coisas tem confiado às Suas mãos (v. 35)

7. Ter fé em Jesus era ter a vida eterna; rejeitá-lo era atrair sobre si a ira eterna de Deus (v. 36).

João Batista, nessa notável declaração de fé no Messias, colocou-se acima das invejas e rivalidades mesquinhas da humanidade. Renunciou totalmente à ambição pessoal e reafirmou sua fé total n'aquela que ele mesmo anunciara e identificara como o Messias de Israel.

João Batista não sabia qual seria o futuro do seu ministério, entendeu, porém, que tinha o dever de continuar como antes, até receber instruções em contrário.

D – JOÃO BATISTA E HERODES - MARCOS 6:20

- Acontece que Herodes, o Tetrarca, tinha observado com interesse o ministério de João Batista durante algum tempo. Havia dois lados contrastantes nesse homem Herodes: sua melhor natureza que correspondia à pregação veemente de João Batista, e também um lado maligno que, na maior parte do tempo, controlava esse rei. Ao ouvir João Batista pela primeira vez, Herodes ficou muito impressionado. É provável que sua própria corte ficasse surpreendida com a atitude favorável dele para com João. Por certo, duvidavam da reação de Herodes diante da pregação franca e direta de João Batista. Mas parece que Herodes não ficava ofendido, e que apreciava esse tipo de pregação. Somos informados de que quando o ouvia ficava perplexo, escutando-o de boamente.

-
1 – João Batista é Preso: Mas as impressões religiosas de Herodes não duraram muito tempo. Em primeiro lugar, sua esposa Herodias, a quem ele furtara do próprio irmão, Filipe, não tinha a mínima simpatia por João. Se ela dedicava a ele algum pensamento, era para considerá-lo mero fanático desajeitado. Quando, porém, ficou sabendo que João tivera a ousadia de denunciar publicamente o casamento dela, ficou furiosa. Herodias exigiu que Herodes prendesse João Batista e o executasse imediatamente. Ele recusou a exigência dela. Mas quando ele percebeu que ela iria conseguir sua intenção maligna de uma maneira ou de outra, ele se adiantou e mandou encarcerar João.

Mas pelo menos deixou o encarceramento tão fácil como possível para João Batista, ao deixar os discípulos deste terem livre acesso a ele. Dessa maneira, o profeta mantinha estreito contato com tudo quanto acontecia lá fora.

A fortaleza negra de Maquero, onde João Batista estava encarcerado, não era um cenário que inspirasse um homem tão acostumado à liberdade. A localidade estava cercada por regiões de lava negra, que por sua vez olhavam para as águas desoladas do Mar Morto.

Nesse local, acima do vale, havia precipícios íngremes de rocha vulcânica negra. Um deles estava cercado, em três lados, por abismos profundos, e, lá no pico, Herodes Magno erigira o Castelo de Maquero. Seus vastos celeiros abrigavam estoques de grãos e outros alimentos, suficientes para resistir a um cerco prolongado. A casa das armas estava repleta de espadas, lanças e escudos para um grande exército. Por certo, com essa fortaleza inexpugnável, Herodes podia vencer quem ousasse resistir à sua autoridade.

2 – A Dúvida de João Batista: Então, pela primeira vez, surgiu uma pergunta na mente de João Batista. Os dias passavam rapidamente, e parecia que suas esperanças não estavam sendo cumpridas, tinha conclamado o povo ao arrependimento, garantindo a todos que estava próximo o Reino de Deus. Embora João não pedisse um lugar de destaque naquele reino, pelo menos esperava que, com a vinda do Messias, seria liberto do cárcere e gozaria de uma aposentadoria honrosa. Mas agora parecia que ficaria na cadeia por tempo indeterminado. Então resolveu enviar seus discípulos para perguntar se Jesus realmente seria o Messias, ou se teriam que esperar outro.

Jesus não fez nada disso. Pelo contrário, pediu que os mensageiros observassem Seu ministério naquele dia, e que voltassem para relatar a João aquilo que, tinham visto. O profeta julgaria, então, se a obra tinha as marcas e qualificações do Messias.

O recado para João seria: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho. As necessidades da humanidade estavam sendo supridas, as feridas dos que sofriam estavam sendo curadas, as tristezas dos magoados estavam sendo Consoladas, e os enfermos e doentes estavam sendo restaurados.

3 - O Martírio de João Batista: Herodes, com sua fraca personalidade, estava para culminar a sua carreira com um crime que deve manchar perpetuamente o seu nome e colocá-lo no poço mais fundo da infâmia. Esse rei, da mesma maneira que seu pai, Herodes Magno, podia ser cruel e astucioso, mas, diferentemente do seu pai, era fraco e vacilante. Era um homem em quem se reuniam algumas das piores características da natureza humana. Embora Herodes não fosse inteiramente mau, e houvesse momentos em que ele pensava em agir melhor, qualquer

tendência boa que ele possuísse foi destruída pelo seu casamento com a abominável Herodias. Diz-se com razão que, o que Jezabel era para Elias no Antigo Testamento, Herodias era para o Elias do Novo Testamento (João Batista). Mas, ao passo que Elias escapou do ódio mortífero de Jezabel, João Batista passaria a ser vítima da assassina Herodias.

Herodias tinha suas boas razões para odiar a João Batista. Se Herodes seguisse as instruções do profeta, no sentido de desfazer-se dela, para onde ela iria? Seria uma mulher envergonhada e arruinada. O ódio dela, portanto, era implacável; e ela procurava uma chance para seu propósito supremo de derramar sua fúria sobre a cabeça desprotegida do profeta fiel.

CAPÍTULO III

O NASCIMENTO DO DEUS HOMEM

A – O MUNDO QUANDO JESUS NASCEU – LUCAS 2:36-38

- Havia uma mulher notável na cidade de Jerusalém, com o nome de Ana, que vivia nos tempos imediatamente antes da vinda de Cristo. Permanecia no Templo, e ali orava noite e dia pelo povo dela. Casara-se no ano 91 a.C., mas o marido dela morreria sete anos mais tarde. Ela, assim como algumas outras pessoas semelhantes a ela, tinha continuamente rogado a Deus, com jejuns, para Ele enviar o Messias. Durante a vida dela, tinha visto o mundo passar por grandes convulsões políticas. Roma fora repetidas vezes abalada por guerras civis sangrentas. Para Roma conquistar o poderio mundial, muitos reinos tiveram ascensão e queda.

- Em 63 a.C., Pompeu invadiu a Palestina e sitiou Jerusalém. Ana lembrava-se bem do dia terrível em que o exército romano rompeu o muro com aríetes (máquina de guerra para abater muralhas). A batalha tinha sido travada no sábado, quando, muitos dos judeus recusaram-se a lutar. A matança que se seguira fora pavorosa. Depois de forçar caminho para dentro do Templo, Pompeu entrou no Santo dos Santos, onde somente o sumo sacerdote tinha licença de entrar. Onze anos mais tarde, outro general, chamado Crasso, entrou no Templo de novo e o despojou. Então surgiu Júlio César. Este atravessou o rio Rubicão e assumiu o domínio da Itália. Pompeu, que tinha profanado o Templo, lutou desesperadamente; mas seu exército foi esmagado na batalha de Tapso. Três anos mais tarde foi a vez de César ter seu fim. Foi assassinado nos idos de março.

Seguiu-se mais uma guerra civil, e Marco Antônio subiu ao poder; mas ele e sua amante, a ambiciosa e inescrupulosa Cleópatra, perderam a batalha de Actio. O vencedor foi Augusto César. Todas essas coisas aconteceram durante a vida de Ana, mas ela continuou orando. No decurso do tempo, as orações dela e das pessoas semelhantes a ela acabariam transformando o mundo mais do que todos os exércitos dos Césares.

- Durante o reinado de Augusto César, um homem chamado Herodes tinha observado com astúcia esses eventos, e sempre lançava a sua sorte com o lado vencedor. Como recompensa pelos seus serviços, Augusto nomeou-o rei da Palestina. Ambicioso e implacável, embelezou Jerusalém e autorizou a construção de um Templo novo, magnífico. Ana lembrava-se de quando o grande edifício estava suficientemente adiantado para já servir para os cultos. A partir daquele tempo, de dia e de noite, ela estava no Templo, jejuando e orando pela vinda do Messias. Então, certo dia, foi inspirada a ir àquela parte do Templo onde os sacerdotes preparavam as oferendas para o povo. O Espírito testificara a ela que certo menino que estava sendo apresentado no Templo era Aquele que traria a redenção a Jerusalém. Ela entrou, deu graças a Deus, e contou ao povo que o Salvador de Israel estava ali. Ao mesmo tempo, um homem chamado Simeão também recebeu uma revelação semelhante. Depois de ver o Menino e tomá-Lo nos seus braços, louvou a Deus, dizendo: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação" (Lucas 2:29-30).

B – CONDIÇÃO DA NAÇÃO DE ISRAEL

- Com o surgimento do Messias, uma força totalmente nova entrou no mundo. Para entendermos o impacto deste evento, que marcou uma nova era, devemos saber alguma coisa da situação de Israel naqueles dias. Examinemos, pois, resumidamente, as condições que existiam na nação dentro de cujas fronteiras o Messias passaria Sua vida terrestre.

- Ao lermos a Bíblia inteira, passando do Antigo Testamento para o Novo, poderíamos pensar que o povo de Israel nos dias de Jesus era em semelhante àquele que existia no período anterior. Mas, durante os quatro séculos que se seguiram depois dos dias de Malaquias, as mudanças que ocorreram em Israel foram as maiores que já ocorreram na história de alguma nação. Até mesmo o idioma nacional foi trocado, bem como muitos dos costumes e instituições.

1 – Israel Politicamente: Israel tinha passado por maus tempos. Nos dias de Esdras e de Neemias, a nação tinha sido organizada como tipo de estado teocrático. Um conquistador após outro tinha passado pela terra, paulatina inexoravelmente alterando tudo. Os macabeus heróicos tinham dado brado da guerra em favor da liberdade, e lançaram para longe o jugo do opressor, mas só por algum tempo. Dentro de um século depois dos macabeus, a nação judaica caíra debaixo do domínio de Roma.

A dinastia dos Herodes, que veio ao poder uns poucos anos antes do nascimento de Cristo, mantinha a nação em sujeição. Mas, pouco Pois do nascimento de Jesus, o país foi dividido em três partes. A Galileia e a Peréia passaram a ser governadas por reis vassalos. A Judéia, depois de sofrer com o governo iníquo de Arquelau, passou a um governador romano. O tacão romano agora se fazia sentir em todos os lugares. Os soldados romanos eram aquartelados em todas as partes do país. Os estandartes romanos eram hasteados em todas as fortalezas da nação. Todas as cidades e cidadelas tinham cobradores de impostos romanos.

O Sinédrio, a corte suprema religiosa da nação, mantinha um mero vestígio de poder, e seus líderes eram meros bonecos de Roma, sujeitos aos caprichos dos imperadores. Apesar disso, o patriotismo religioso e nacional ardia com uma paixão mais forte do que em qualquer período da História de Israel.

2 – Israel Religiosamente: Quanto à religião, o povo era mais ortodoxo do que em qualquer período anterior. Antes do cativo na Babilônia, a nação era maldita por ser idólatra. O castigo no cativo foi a cura dessa praga. As ordens sacerdotais tinham sido posteriormente reorganizadas, e os cultos no Templo passaram a ser observados com regularidade, bem como as festas anuais.

Embora Herodes Magno tivesse construído em Jerusalém um Templo novo que se rivalizava com aquele de Salomão, tinha surgido uma nova instituição que quase deixava o Templo em segundo plano, era a sinagoga. Havia sinagogas em Israel em todas as partes onde havia judeus que queriam cultuar a Deus, e também em todas as partes do mundo civilizado. As pessoas lotavam as sinagogas nos dias de Sábado. Ali oravam, escutavam as leituras das Escrituras, e recebiam a exortação de um rabino. Tinha surgido escolas de teologia, onde os rabinos eram treinados e, os livros sagrados, interpretados.

Apesar de todas essas atividades, a verdadeira religião em Israel ficou em forte declínio. Mesmo nos períodos de apostasia no Israel antigo, grandes profetas tinham surgido; falavam à consciência da nação e mantinham o contato com o céu. Mas já havia quatrocentos anos que nenhum profeta aparecera em Israel.

3 – Israel e os Grupos Religiosos: No decurso desse período, várias novas seitas religiosas tinham surgido. Uma delas era a dos fariseus, que passaram a defender a superioridade racial dos judeus. Caracterizavam-se pelo sectarismo exageradamente estreito, e mantinham um forte compromisso com o legalismo e as exterioridades da religião. Desprezavam e odiavam as demais raças, e chegaram a se considerar os prediletos especiais de Deus, simplesmente por serem descendentes de Abraão.

Havia os escribas que se associavam aos fariseus e que dedicavam a vida a copiar as Escrituras. Professavam grande reverência pelas Escrituras, e faziam contagem de cada palavra e letra nelas existente. Sua interpretação do Antigo Testamento era, no entanto, totalmente legalista, e deixavam de lado muitas coisas de mais espirituais e nobres que ali podiam ler.

Os rabinos acrescentavam seu vasto acúmulo de opiniões às Escrituras e, no decorrer do tempo, os escribas passaram a considerar essas tradições tão autorizadas quanto as próprias Sagradas Escrituras. A multiplicação das interpretações finalmente atingiu tamanhas proporções que, chegaram a regular todos os pormenores da vida humana pessoal, doméstica, e social. Eram essas as tradições que os escribas ensinavam ao povo nas sinagogas, e chegaram a ser um fardo insuportável para os judeus. As questões espirituais e morais eram esquecidas, à medida que os ritos e as cerimônias se multiplicavam e proliferavam.

Os saduceus eram os “modernistas” dos dias deles. Rejeitavam a autoridade da tradição, mas o protesto deles era meramente negativo. Nada tinham para oferecer no lugar das tradições. Formavam um grupo de homens mundanos, muitos dos quais eram ricos. Ridicularizavam a exclusividade dos fariseus, mas ao mesmo tempo tinham perdido toda fé naquilo que antes tinha sido a esperança da nação.

Não acreditavam em milagres nem em anjos. Os saduceus eram totalmente materialistas nos seus pensamentos, e até mesmo negavam a ressurreição. Podem ser melhor descritos como

um grupo mundano sofisticado, com uma leve camada exterior de religião superficial que refletia a cultura grega e apreciava as diversões estrangeiras. Adoravam as riquezas e as altas posições na sociedade paganizada. Certa seção específica dos saduceus, lisonjeava Herodes; buscava os favores dele, e por isso eram chamados herodianos.

Fora das fronteiras desses partidos religiosos havia as massas que pertenciam à escala social inferior - publicanos, prostitutas, pecadores em geral -, as escórias da sociedade, pessoas com cujas almas ninguém se preocupava. Eram as pessoas que Deus tinha chamado "filhos de Abraão." A estas pessoas o Messias tinha sido prometido. Entre elas, ainda havia algumas que acalentavam a esperança da restauração de Israel. Existia pessoas tais como Ana e Simeão, que oravam noite e dia com jejuns e lágrimas para que o Senhor viesse e redimisse o Seu povo, libertando-o do pecado.

C – O NASCIMENTO DE JESUS

1 – Quem era Maria: Maria, segundo a genealogia citada em Lucas, era filha de um homem chamado Heli. A família era pobre, mas podemos tomar por certo que o padrão de vida deles não era muito diferente daquele dos seus vizinhos. Eram de descendência devota. Maria e Isabel eram primas, mas não sabemos se eram primas-irmãs. É pouco provável que seus pais fossem irmãos, tendo em vista a grande diferença entre as idades.

Em todos os dias de Sábado, Maria ia com os pais dela até à sinagoga, a fim de escutar as Escrituras. Nem tinha a mínima idéia, naqueles tempos, que certas referências bíblicas diziam respeito a ela pessoalmente (Isaías 7:14). Ela não se esquecia facilmente daquilo que escutava (Lucas 2:51). Não temos registro do tipo de educação que Maria recebeu, embora possivelmente fosse pouca. Mas o cântico dela em Lucas 1:46-55 indica que estava longe de ser ignorante.

2 – Quem era José: Os registros revelam ser ele um simples carpinteiro, provavelmente bem mais velho do que Maria, mas as Escrituras também o descrevem como "homem justo." Como seu antepassado José, cujo nome recebeu, ele também parecia ter um dom especial de

sonhos. Várias vezes, as revelações que ele recebeu em sonhos deram-lhe informações da máxima importância.

3 - Onde Maria Ficou Conhecendo José Pela Primeira Vez: Foi ao lado fonte onde ela ia tirar água? Ou ela o conheceu na carpintaria? Sem, dúvida, ela admirava a perícia dele como artesão, e quando os pais dela lhe contaram que José lhe pedira a mão em casamento, o rosto dela provavelmente se iluminou de alegria. Podemos imaginar José trazendo algum presente feito por ele na carpintaria. A partir de então, Maria começou a fazer os preparativos simples para o casamento. Então começaram os eventos que mudariam completamente a vida dela, eventos estes que ameaçaram arruinar-lhe a vida, mas que, na providência de Deus, tiveram um fim feliz.

4 – O Censo: No grande trono da cidade de Roma, Augusto César governava um império maior do que qualquer outro que o mundo já conheceria. Poderíamos supor que essa personagem poderosa estava complacente da sua vitória na grande luta pelo domínio do mundo conhecido. Na realidade, porém, ele estava a braços com o problema de financiar seu império de difícil manejo. O custo de manutenção do exército e sua administração em lugares muito distantes exigia grandes somas de dinheiro. Muitas províncias estavam pagando impostos, mas a Palestina era uma delas que ainda não pagava. O imperador resolveu que cada país devia pagar sua parte das despesas.

E assim foi que Augusto colocou em ação a máquina governamental para levar a efeito o seu plano de taxaço universal. Esse decreto foi repassado de oficial em oficial, até finalmente a notícia chegar aos ouvidos de José e Maria. Reconheceram que teriam que ir imediatamente à cidade dos seus antepassados, a despeito do estado avançado da gravidez de Maria.

A estrada já era conhecida a Maria, porque ela tinha voltado por ela seis meses antes, depois da sua visita a Isabel. Ficou montada numa jumenta, com José indo adiante. Assim começaram sua viagem pela estrada que descia até à Planície de Esdrelom. Nem sempre a população ao longo da estrada era amigável. Enquanto passavam pela Samaria, nenhuma hospitalidade lhes era oferecida. Em Siquém, viram os montes Ebal e Gerizim, os montes da maldição e da bênção onde os samaritanos adoravam. É possível que tenham parado para beber do poço em Sicar, aquele que Jacó tinha escavado. Então continuaram viagem, passando por Siló,

Gibeom e Betel. Finalmente, ao se aproximarem de Jerusalém, irrompeu diante deles a vista do Templo magnífico. Embora ainda estivesse no processo de construção, os átrios exteriores brilhavam com um branco fulgoroso.

5 – A Manjedoura: A visita a Jerusalém era inesquecível, mas ainda não tinham chegado ao destino deles. Faltavam-lhes 8 quilômetros para chegarem em Belém. Dentro de uma hora depois de terem deixado o perímetro urbano de Jerusalém, já avistavam Belém. Meia hora mais tarde, estavam passando pelo túmulo de Raquel, e então, finalmente, entraram em Belém. Tinha feito todas as economias para poderem alugar um quarto na hospedaria. Descobriram, infelizmente, que muitos visitantes tinham chegado antes deles, com o mesmo propósito, o quarto disponível já tinha sido alugado. José, quase desesperado, finalmente achou uma manjedoura que o dono da hospedaria lhes cedeu. O melhor que Maria tinha à disposição dela era um cobertor e um tipo de lençol para tampar o feno. E assim foi deitar-se o humilde casal que viria posteriormente a ser a família mais famosa no mundo.

6 – O Nascimento do Messias: É possível que José tenha despertado durante a noite. Nesse caso, é provável que tenha visto uma estrela, brilhando mais do que as demais, parecia pairar acima do estábulo. O repouso dele não demoraria a ser interrompido de novo. Maria não estava dormindo. Estava com dores severas, pois o momento do parto viera a ela. Eram circunstâncias lastimáveis para uma mãe ter que dar à luz um filho! Maria enfrentou situação com coragem e, a despeito de toda a falta de conforto, o Bebê veio a nascer, com a pouca ajuda de José. Quem creia que num ambiente tão humilde o evento mais importante da História da Humanidade tinha acontecido!

D – CRISTO NASCEU NO INVERNO?

- A data tradicional do nascimento de Cristo é o dia 25 de dezembro, mas a Bíblia certamente não menciona essa data, e as evidências são contrárias a esse período do ano. Jerusalém e Belém têm uma altitude 760 m. A neve cai frequentemente nessa área. Os invernos

eram por demais severos para Cristo ter advertido os judeus, que deviam fugir dos romanos quando estes cercassem Jerusalém: que a vossa fuga não seja no inverno (Mateus 24.15-22).

O clima, naquele período do ano terá sido muito severo para uma mãe em perspectiva percorrer a longa distancia de Nazaré até Belém. O Menino Jesus nasceu numa manjedoura aberta, e deve ser notado que os pastores estavam ali no campo aberto, por livre e espontânea vontade. No inverno, não era o costume dos pastores estarem com os rebanhos fora do curral à noite. As evidências históricas indicam que Cristo nasceu em outubro.

E – A VISITA DOS ANJOS

- Havia naquela mesma região pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite. E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, lhes disse: Não temais: eis aqui vos trago boa nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura. E subitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem (Lucas 2.8-14)

- A visita dos anjos aos pastores humildes foi um evento interessante mas alguém pode perguntar: Por que os anjos não apareceram a sacerdotes em Jerusalém, que se assentavam no assento de Moisés? sacerdotes realmente tinham sido informados a respeito do evento, mas não se interessaram em fazer a viagem de 8 quilômetros a fim verificarem por conta própria (Mateus 2.4-5). Por que os anjos apareceram aos pastores? Estes, sem dúvida, eram como Simeão: faziam parte daqueles que tinham esperança na consolação de Israel. Na quietude de sua ocupação, tinham tempo para meditar e para preparar o coração deles para o grande evento. Mesmo assim, o efeito da repentina visitação celestial foi deixá-los "tomados de grande temor."

- Depois de os anjos terem voltado ao Céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos que o Senhor nos deu a conhecer. Foram apressadamente e acharam Maria e José, e a criança deitada na manjedoura (Lucas 2.15-16).

F – A POBREZA DE CRISTO

- As Escrituras nos dizem que Cristo, que era rico, tornou-Se pobre a fim que nós, mediante a Sua pobreza, nos tornássemos ricos. Pelos nossos padrões modernos, a família de Jesus era bem pobre, mas provavelmente muito mais pobre do que a família mediana em Nazaré. Um incidente ocorrido no Templo nos dá um vislumbre da condição financeira de José. Quando veio a hora para a circuncisão da criança, a Lei exigia que os pais trouxessem um cordeiro e o sacrificassem como expiação. Mas as Escrituras levando em conta as circunstâncias limitadas dos pobres, acrescentaram: Mas, se as suas posses não lhe permitirem trazer um cordeiro, tomará então duas rolas, ou dois pombinhos (Levítico 2.6-8). A pobreza da família de Jesus fica evidenciada, portanto. O casal devoto certamente teria trazido um cordeiro, se tivesse meios para tanto. O máximo que podia oferecer era dois pombinhos.

- Em razão das suas finanças limitadas, a família dificilmente poderia ter viajado para o Egito a fim de escapar de Herodes. Foi só por que, segundo a providência divina, os Magos tinham trazido oferendas de ouro, incenso, e mirra (Mateus 2:9-10), que a família conseguiu fazer a viagem.

G – O RETORNO PARA ISRAEL – MATEUS 2:19-22

- Herodes tinha feito um total de quatro testamentos. Depois da morte de Herodes, Arquelaus seria rei da Judéia, ao passo que os outros filhos Herodes Antipas e o meio irmão, Felipe, herdavam outras províncias do reino. Tudo isso, naturalmente, teria que ser ratificado pelo Imperador Augusto. Mas mesmo antes de Arquelaus poder viajar até Roma irromperam demonstrações violentas em Jerusalém, sendo que os amotinados exigiam concessões especiais de Arquelaus. Os dirigentes da desordem foram detidos e queimados vivos. José e Maria, é claro, não pretendiam permanecer no Egito. Tão logo o anjo do Senhor apareceu-lhe num sonho, dando a certeza da morte de Herodes, José resolveu voltar. Quando a família tinha atravessado o deserto e começado a subir colinas da Judéia, José recebeu notícia de outros eventos que ocorreram na

Judéia. Ouviu a notícia terrível de que milhares de peregrinos que tinham ido à cidade de Jerusalém tinham sido massacrados pelos soldados. Não parecia seguro passar por aquela região. Quando José ficou sabendo que Arquelau era rei sobre a Judéia, resolveu seguir a estrada que ia até às planícies e cercava o monte Carmelo. De lá, atravessou a Planície de Esdrelom até chegar em Nazaré, onde o casal tinha morado antes.

H – O MENINO JESUS

- A cidade de Nazaré passou a ser a habitação de Jesus até Ele completar trinta anos de idade. Os escritores que descrevem a vida de Cristo geralmente deploram a falta de informações registradas a respeito da Sua juventude. Houve, no entanto, motivo para isso. Segundo a própria intenção de Deus, a vida de Jesus enquanto menino e moço devia ser pouco diferente da vida de qualquer outro jovem em Israel. Embora seja provável que as pessoas tenham reconhecido que Jesus era um menino incomum, certamente ficava longe dos pensamentos delas que aquele jovem que habitava no meio delas fosse o próprio Filho de Deus, cujo impacto sobre o mundo seria maior do que o de qualquer ser humano que já viveu.

- Os habitantes de Nazaré talvez tenham notado que, embora todas as crianças às vezes se comportem mal, nunca podiam lembrar-se de Jesus ter feito algo errado. Aqueles que tinham mais intimidade com a família devem provavelmente ter notado que Ele era muito dedicado a Maria e José. Outros talvez tenham notado Seu interesse incomum pelas Escrituras. Mesmo assim, cometia os enganos que qualquer menino faz, tal como perder de vista o grupo dos Seus familiares quando voltavam de Jerusalém a Nazaré. Parece provável que Jesus tenha crescido em Nazaré sem atrair atenção extraordinária.

-

1 – Os Evangelhos Apócrifos: Embora os Evangelhos pouca coisa digam a respeito de Jesus quando era menino, alguns dos evangelhos apócrifos declaram ter aberto a cortina de mistério que encobre esse período da Sua vida.

É natural que, quando Deus silencia, a curiosidade humana procure preencher a lacuna. Nos dias de Paulo, parece ter havido aqueles que procuravam desenterrar a vida de Jesus como

menino. O apóstolo acutelou contra o zelo demasiado nesse assunto, dizendo: “Se antes conhecemos a Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo” (2 Coríntios 5:16). Seu ministério e Sua mensagem eram relevantes, mas não os dias da Sua juventude.

O evangelho apócrifo de Tomé registra vários milagres que supostamente foram operados por Jesus quando era menino. Não passa de invenções humanas, e não convencem muito. Nenhum historiador deixa de reconhecê-las como fictícias. Essas fábulas demonstram quão insuficiente é a imaginação humana para semelhante tarefa. As estórias são caricaturas grotescas por comparação com as narrativas majestosas dos Quatro Evangelhos. Os evangelhos apócrifos fazem de Jesus um operador de maravilhas frívolas e inúteis. Segundo essas estórias apócrifas, Jesus fez pardais de barro e então lhes fez voar. Supostamente, ressuscitou um menino da morte, a fim de comprovar-se inocente de um crime. Transformava em animais os coleguinhas. Resumindo: os evangelhos apócrifos são compilações de mera palha, algumas das estórias são, além de incríveis, quase blasfemas.

Essas lastimáveis confecções de fantasia servem como advertência para nos mantermos longe de procurar invadir a privacidade sagrada da sua vida como menino.

O propósito de Deus era que Jesus crescesse tranqüilamente numa aldeia obscura e não atraísse a Si mesmo nenhuma atenção especial. A Bíblia nos informa que Ele cresceu em sabedoria e em estatura, no favor de Deus e dos homens; passou, portanto, por todas as etapas do crescimento normal. Quanto aos milagres que supostamente foram operados durante a sua juventude, o Evangelho segundo João nos informa especificamente que o primeiro milagre de Cristo foi o de transformar a água vinho (João 2:11).

2 – O Lar de Jesus: O lar de Jesus era piedoso. José era um homem reto e justo, embora provavelmente fosse considerado um camponês pelas classes mais ricas. Cumpria fielmente suas tarefas na carpintaria, e comportou-se como trabalhador honesto, sustentando da melhor maneira que podia a sua família grande. A medida que Jesus e cada um dos Seus irmãos crescia um pouco, por certo ajudava José na carpintaria, como sua contribuição ao sustento da família.

A despeito do tamanho da sua família, Maria deve, por certo, ter dedicado tempo a ensinar aos filhos tudo quanto sabia a respeito das coisas de Deus. O Grande Segredo que guardava no

coração impulsionava-a a fazer o máximo em favor do seu Primogênito. Ele, era um filho amoroso, e, mesmo durante as últimas horas da Sua vida, estava pensando no bem-estar dela e tomando providências para seu futuro. Enquanto Jesus estava pendurado na cruz, mandou seu discípulo João ser como um filho para ela. Fora do lar, porém, Maria era reticente e dizia pouca coisa a respeito dessas questões. Conforme a Bíblia nos conta: Sua mãe, porém, guardava todas estas coisas no coração (Lucas 2:51).

3 - A Escola na Sinagoga: Na véspera do sábado, José guardava sua serra, seu formão e seu martelo, e no começo da noite os homens da aldeia iam à sinagoga. Na manhã seguinte, os meninos e as meninas freqüentavam cultos especiais. O chefe da sinagoga usualmente chamava alguém para ler as escrituras. Qualquer pessoa que soubesse ler teria o direito de ter sua vez nessa tarefa. O cilindro que continha o rolo sagrado era trazido e desenrolado, então a pessoa nomeada escolhia um trecho das escrituras para ler diante da congregação. Parece, de conformidade com Lucas 4.16, que a capacidade de Jesus na leitura, no decurso do tempo, tornou-se tão superior que Lhe cabia muitas vezes cumprir essa tarefa. "Entrou, num sábado, na sinagoga segundo o seu costume, e levantou-se para ler."

CAPÍTULO IV

SUA VIDA ANTES DO MINISTÉRIO

A – JESUS E AS ESCRITURAS

- Conforme já notamos, não pode haver dúvida de que Jesus, desde menino, tinha consciência da Sua divindade; mas, quanto a tudo que estava envolvido, à maneira e aos métodos do Seu ministério futuro, e como Ele devia cumprir Sua missão ao mundo, Ele só os descobriria através dos meios postos à Sua disposição.

- Jesus deve ter reconhecido desde o início que Sua grande fonte de conhecimentos a respeito do plano de Deus seriam as Escrituras, às quais Ele já tinha acesso na sinagoga de Nazaré.

Um dos fatos mais óbvios daqueles anos de silêncio é que Ele realmente estudou com cuidado as Escrituras. Suas referências constantes àquilo que Moisés e os profetas tinham escrito, Sua fé total na sua inspiração, no sentido de nenhum jota ou til deixarem de ser cumpridos, comprova esse fato.

- Devemos tomar nota daquilo que Jesus tinha aprendido, antes de Se tornar adulto, a respeito da expectativa que Israel tinha da vinda do Messias. A seqüência regular nas festas anuais em Jerusalém deu a Jesus familiaridade íntima com a natureza do culto religioso dos judeus. Sua nítida percepção via o judaísmo na realidade crua. Percebia que Israel era uma nação dominada pelo nacionalismo feroz e pelo orgulhoso desprezo a outros povos.

- Havia, também, o endurecimento da vida moral da nação, até ficar sendo um sistema de formalidade e de rituais. Havia o sacrifício externo de oferendas, mas nenhuma piedade no íntimo. O povo como um todo era ignorante e supersticioso, porém fiel aos poucos ideais que tinha.

- Quando Jesus, nas Suas viagens ocasionais para a Galileia, visitava os banhos térmicos na praia do lago, via as cenas dolorosas da desgraça humana e do sofrimento físico. Via revelado um pequeno mundo de homens, mulheres e crianças, esgotados com enfermidades e infecções. O coração dele sentia forte compaixão pelas pessoas que assim sofriam.

- Na área das praias ocidentais do mar da Galileia, cruzavam-se as grandes rotas comerciais das nações. Jesus tinha a oportunidade de ficar sabendo, dos estrangeiros e peregrinos que passavam por ali, algo a respeito das religiões pagãs. Ficou sabendo da vida penosa na Índia, e da reforma moral inaugurada pelo Buda. Viajantes provenientes da Pérsia informavam-no a respeito de Zoroastro, que tinha estabelecido outro sistema de religião.

Do ocidente, teria recebido informações a respeito das religiões de mistério e dos princípios da filosofia grega. Aprendeu, também, algo a respeito das seitas mais tenebrosas, que endeusavam os homens, que adoravam a indecência, e que praticava vileza indescritível.

- Foi assim que se formou na mente de Jesus uma visão do mundo conforme ele realmente era um mundo dos perdidos e dos que pereciam, porém tendo possibilidades. Ele sentia o peso da miséria sofrimento e tristeza deste mundo. Ele via o fracasso e o desespero da raça. Era testemunha da violência, da cobiça pelas riquezas, do desejo dos luxos, e da busca egoísta do prazer que dominavam este mundo. Ele via, também, a labuta paciente, a servidão, e a pobreza dos

oprimidos, e o desejo de coisas melhores. Ficou conhecendo, de um lado, anseio do coração humano por coisas melhores e, por outro lado, o cinismo e materialismo que também existiam. E sempre existiam, no fundo, as tristezas de uma raça decaída, os soluços de mulheres e de criancinhas, o luto dos que tinham perdido algum ente querido, e que, ficavam em pé ao lado do defunto.

- Alguns dizem que Jesus nunca riu. Por certo, isso não é verdade, mas, tendo em vista o grande peso do sofrimento humano, o riso mantinha-se longe dele, como poderia rir diante desse quadro triste de um mundo perdido? Mas Seu sorriso ficou tanto mais doce porque compreendia as mágoas e pesares da raça humana.

- W. P. Livingston, no seu volume *The Master Life* ("A Vida do Mestre") resume aquilo que Jesus viu, e a Sua interpretação da necessidade da raça humana cujos fardos Ele levaria e cujas almas viera salvar: "Aquele mundo não precisava de nenhum potentado político, de nenhum generalíssimo militar, que iria fazer pose numa miserável hora de sangue e triunfo, para então sumir para o abismo. Nem precisava de um grande erudito que discursasse sobre a filosofia do universo, sobre a constituição da matéria ou sobre a solução aos problemas econômicos e industriais, ou sobre os princípios que subjazem à arte. Essas coisas não afetavam a vida essencial do mundo. Não satisfaziam o seu paladar espiritual. Eram apropriados para a esfera intelectual, e o homem tinha o privilégio de buscar esclarecimento... mas informá-lo antes do tempo a respeito da formação e da história física da Terra, dos processos que a produziram... seria invadir a evolução natural da mente e interferir com a ordem divina das coisas."

- Apesar disso, Jesus Se tornava cada vez mais consciente que essa não era a mensagem que Israel estava querendo receber. Quem captara a imaginação do povo era muito mais Judas da Galileia, embora tenha levado muitos à morte. Os homens queriam com impaciência que o trono de Israel fosse estabelecido. Logo, a tarefa de Jesus ficaria muito dificultada pelo pensamento perverso do povo. O Messias que buscavam não seria um ensinador, mas um general que levaria o povo à vitória no campo de batalha. Poucos desejavam um reino puramente espiritual. (João 18:36)

- Jesus reconheceu na profecia de Jacó uma referência ao cetro de Israel que passaria a ser a herança dele. “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre os seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos.” (Gênesis 49: 10)

- Na profecia de Balaão, Ele Se via como uma Estrela surgindo de Jacó que um dia derrotaria os inimigos de Israel: “Vê-lo-ei mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmeoras de Moabe, e destruirá todos os filhos de Sete.” (Números 24.17)

-

1 - As Escrituras Falam do Seu Ministério: Jesus deve ter percebido desde cedo o tipo de ministério que teria. Percebia que se tratava de um ministério de libertação, não para livrar dos romanos a Sua nação, mas para livrar do pecado e das enfermidades os corpos e espíritos humanos. O Livro de Isaías, que se refere tão freqüentemente ao Messias, deve ter merecido a Sua máxima atenção. O trecho em Isaías 61:1-2 deve ter sido muitas vezes o assunto da Sua meditação, e realmente foi este o texto que escolheu para Seu primeiro sermão registrado na História.

Essa profecia contou-Lhe muitas coisas. Primeiro que Ele receberia a unção especial do Espírito, pela qual receberia poder para cumprir a obra que Lhe cabia. Esse fato nos faz lembrar as palavras que falou aos discípulos depois da Sua ressurreição, ao lhes dar a Grande Comissão: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra” (Atos 1.8).

Jesus não iria meramente falar palavras, conforme todos os mestres e reformadores religiosos tinham feito antes dEle, mas também iria demonstrar a Sua autoridade através de um ministério de poder. Como Seu coração deve ter sentido compaixão dos enfermos que ficavam deitados perto das fontes de águas térmicas perto de Tiberíades! Como o Messias, devolveria aos cegos a vista; sararia os quebrantados; soltaria os algemados; e libertaria aqueles que estavam presos pelo poder de Satanás.

2 - As Escrituras Falam de Sua Rejeição: Mas tão certamente como os pobres e oprimidos receberiam com alegria esse ministério, assim também ficou certo para Ele, na base das profecias,

que as autoridades religiosas O rejeitariam. No capítulo 53 de Isaías, viu Seu destino previsto de modo claro e inconfundível. Muitos dos Salmos também revelavam os sofrimentos e destino específico do Messias.

3 - Profecias Que Diziam Respeito Ao Ministério De Cristo, Bem Como A Maneira De Serem Posteriormente Cumpridas: A fim de podermos ver através dos olhos de Jesus, enquanto estudava as profecias e mantinha comunhão com Seu Pai celeste durante os anos que passou em Nazaré, alistamos estas profecias a respeito de ser traído, julgado, morto e ressurreto, e o cumprimento delas. Quando Jesus as leu, ainda não tinham sido cumpridas. Ele sabia que seria mais fácil acabarem-se os céus e a terra do que essas profecias passarem sem ser cumpridas. Eram esses os assuntos solenes que pesavam no coração e mente de Jesus, pensamentos estes que não podia compartilhar com a Sua mãe à medida que se aproximavam rapidamente os dias do Seu ministério ativo.

TEMA	PROFECIA	CUMPRIMENTO
1. O Messias seria rejeitado	- Isaías 53:3	- João 1:11
2. O Messias seria traído por um dos Seus seguidores e amigos mais íntimos.	- Salmo 41:9	- Marcos 14:10
3. O Messias seria vendido por trinta moedas de prata	- Zacarias 11:12	- Mateus 26:15
4. O Messias guardaria silêncio diante dos Seus acusadores	- Isaías 53:7	- Mateus 26:62,63
5. O Messias seria ferido e cuspidos pelos Seus inimigos	- Isaías 50:6	- Marcos 14:65
6. O Messias levaria a cura ao povo	- Isaías 53:4-5	- Mateus 8:14-17

7. O Messias seria zombado e escarnecido	- Salmo 22:6-8	- Mateus 27:39-40
8. O Messias sofreria com as transgressores e oraria pelos seus inimigos	- Isaías 53:12	- João 19:34
9. As mãos e os pés seriam traspassados	- Salmo 22:16	- João 20:27
10. Ao Messias seriam dados fel e vinagre	- Salmo 69:21	- João 19:29
11. O lado do Messias seria traspassado	- Zacarias 12:10	- João 19:34
12. Lançariam sortes pelas roupas do Messias	- Salmo 22:18	- Marcos 15:24
13. O Messias seria sepultado com os ricos	- Isaías 53:9	- Mateus 27:57-60
14. O Messias seria um sacrifício pelo pecado	- Isaías 53:5,8,10,12	- João 1:29
15. O Messias devia ressuscitar dentre os mortos	- Salmo 16:10	- Mateus 28:9
16. O Messias subiria até à destra de Deus	- Salmo 68:18	- Lucas 24:50- 51

4 - Quando Viria o Messias: Havia ainda outra profecia, no Livro de Daniel, que deve ter sido interesse tremendo para Jesus. A profecia dizia respeito à data determinada para a vinda do Messias. Quais devem ter sido os pensamentos do jovem Jesus quando Ele leu, pela primeira vez, a profecia em **Daniel 9:25-26**?

“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas; e em sessenta e duas semanas as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas será morto o Ungido, e já não estará; e o povo de um príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e

o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas.” (Daniel 9:25-26).

Aqui, Daniel recebeu notícias do anjo Gabriel, quanto à data exata em que o Messias seria morto. Jesus nasceu no tempo certo indicado pela profecia? Ela dizia que o Messias seria morto exatamente semanas depois da "saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém" (Daniel 9.25).

A ordem para a restauração de Jerusalém claramente predita por Isaías, profetizando o Decreto de Ciro: “Que digo de Ciro: Ele é meu pastor, e cumprirá tudo o que me apraz; que digo também de Jerusalém: Será edificada, e do templo: Será fundado.” (Isaías 44.28).

O cumprimento dessa profecia de Isaías foi registrado em Esdras 1:1-4. Qual é a duração desse período, "69 semanas," que começaria partir daquela data? Se houvesse referência a Dias de 24 horas cada período não seria muito mais do que um ano, um período muito breve demais. Em Gênesis 29:27, vemos que uma "semana" de anos é sete anos. Logo, 69 semanas de anos são 483 anos. Jesus, usando cronologias existentes nos tempos dele, viu que Ele realmente chegou ao cenário no tempo certo! É claro que Ele sabia que era o Messias, certamente como sabia qualquer outra coisa. Mas é notável como Jesus sempre apoiava a Sua fé na confirmação das Escrituras. Saber que os 483 anos estavam quase cumpridos deve ter levado Jesus a mais orações e preparos. E além disso, a profecia declarava que o Messias seria morto! Jesus iria consumir o Seu ministério com a Sua própria morte!

5 - O Sacerdócio de Jesus: As Escrituras também revelaram a Jesus que Ele iria atuar como um sacerdote, mas não da tribo de Levi, à qual nem pertencia, mas segundo a ordem de Melquisedeque: “O SENHOR jurou e não se arrependerá: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Salmo 11:4).

Jesus percebeu que o sacerdócio levítico e a Lei não deixavam nada perfeito (Hebreus 7:11,18,19). O sacerdócio levítico morreu, e não continuou. Por isso, o Messias ficou sendo um sacerdote segundo a ordem Melquisedeque (Hebreus 7:17).

Como sacerdote, Cristo seria Mediador da melhor aliança (Hebreus 8:6), substituiria a velha aliança (Hebreus 8:13). Mas antes de Cristo poder torna-se sacerdote, precisava chegar à idade de

trinta anos, idade esta que poderia ser aceito para o serviço sacerdotal (Números 4:3). Se Ele entrasse no Seu ministério aos trinta anos de idade, quantos anos teria disposição antes de ser morto, conforme a profecia dizia a respeito do Messias? Apenas uns três anos! Jesus teria de cumprir Sua tarefa tremenda no período curtíssimo de, três anos! Mas Ele não estava limitado somente às Escrituras, pois realmente o Espírito de Deus estava sobre Ele desde o início para ensiná-lo, e para trazer todas as coisas à sua lembrança. Mesmo assim, durante os anos anteriores ao Seu ministério, ainda não tinha grande e ilimitada medida do Espírito Santo que viria a ter depois o batismo: “Pois o enviado de Deus fala as palavras dele, porque Deus não dá o Espírito por medida” (João 3:34).

É interessante seguir a narrativa dos quatro Evangelhos e observar como os eventos na vida de Cristo eram repetidas vezes relacionados com os cumprimentos das profecias do Antigo Testamento. Ele dizia ao povo: “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (João 5:39). E aos judeus incrédulos disse: “Porque se de fato crêsseis em Moisés, também creriam em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito (v. 46). Aos saduceus afirmou: “Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus (Mateus 22:29).

E, depois da ressurreição quando abriu o entendimento de alguns dos Seus discípulos Ele lhes disse: “Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que o profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse entrasse na sua glória? E começando por Moisés, percorrendo por to os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas Escrituras.” (Lucas 24:25-27).

B – A DIVINDADE DE CRISTO

- Certo dia durante o Seu ministério, Jesus Cristo perguntou aos seus: “Que pensais vós do Cristo?” (Mateus 22:42). Responderam que acreditavam ser Ele o filho de Davi, que era a verdade segundo a humanidade de Cristo. Mas aqui Jesus estava considerando a Sua divindade, e ressaltou o fato que Davi, no Espírito, o chamara de Senhor. Como pois, poderia ser filho de Davi?

1 – O Ponto de Vista Unitariano: A pergunta sobre a natureza de Cristo tem sido respondida de muitas maneiras diferentes. Alguns o têm considerado um daqueles indivíduos com dons especiais que aparecem no mundo de tempos em tempos. Dizem ter sido Ele um homem com uma personalidade incomparável e com talentos incomuns mas, mesmo assim, um mero homem. Esse ponto de vista tem sido sustentado com tenacidade por uma certa escola de pensamento desde os dias de Cristo até hoje. Mantém domínio forte sobre aqueles que comumente são chamados Unitarianos. Estes sustentam que as leis físicas da natureza são invariáveis e constantes, e que todo o verdadeiro conhecimento é o produto do conhecimento dessas leis. Fica claro que esse ensino dos Unitarianos exclui todos os milagres e nega a inspiração divina das Escrituras. Seguido até sua conclusão lógica, esse ensino destrói todo o fundamento para se acreditar em anjos, espíritos, e a imortalidade da alma. Realmente nega a mínima possibilidade de Deus governar. Para eles, Deus é o desconhecido que nem pode ser conhecido. Essa posição levou inevitavelmente ao ateísmo.

2 – O Ponto de Vista Meio Termo: Há uma segunda classe de pessoas que consideram Cristo mais do que humano, mas menos que Divino. Reconhecem a grandeza de Cristo, e a excelência e sublimidade dos Seus ensinamentos. Eles o exaltam acima dos anjos, mas não até ao nível da Deidade. Essa crença é uma teoria de meio termo.

3 – O Ponto de Vista Medieval: Há, ainda, um ponto de vista medieval que continua sendo sustentado por alguns, de que Jesus tinha uma alma humana e uma alma divina, num só corpo. Essa idéia representa um tatear pela verdade, se aproxima mais da verdade do que as duas teorias supracitadas. Mas mesmo assim, não deixa de ser uma teoria desajeitada.

4 – O Ponto de Vista Real: A verdade real conforme veremos adiante, fica bem simples. Examinemos as Escrituras e vejamos o que elas têm para dizer a respeito dessa questão de máxima importância.

a) O Verbo Se Fez Carne: O apóstolo João nos conta que o Verbo se fez carne, e habitou entre nós (João1:14). Essa é a explicação dada por João, que tinha mais comunhão com Cristo. Isso significa, em linguagem clara, que Espírito divino vestiu-Se de um corpo humano e, naquela condição assumiu as limitações de um homem.

b) Feito na Semelhança de Homens: O trecho bíblico de Filipenses 2:7-8, nos revela a preexistência de Cristo na forma de Deus, e que Ele assumiu a forma de homem. Em outras palavras Jesus sendo uma Pessoa divina, assumiu um corpo humano, e Se sujeitou a todas as leis e condições desse corpo.

c) Assumiu a Carne Pecaminosa: Em Romanos 8:3, somos informados de que Cristo assumiu a carne pecaminosa. Através de Maria, Ele tomou sobre Si a natureza humana, de modo que, em todos os aspectos, o Seu corpo era um corpo de homem, assaltado pelas mesmas tentações, porém sem pecado.

- Jesus, depois de ter recebido o batismo no Espírito Santo no Rio Jordão, reconhecido em figura humana, passou a receber o desdobrar paulatino daqueles poderes que antes possuía. Pouco a pouco, voltou a ser a Sua Pessoa original. Conforme disse Henry Ward Beecher no seu livro: *Life of Jesus, the Christ* ('Vida de Jesus, o Cristo'): "Quem declarará que Deus não pode colocar-Se em condições finitas? Embora Deus, como espírito livre, não possa crescer, Ele o pode enquanto está algemado à carne. Jesus, que às vezes irrompe em grande poder em certas direções, mas em outras ocasiões sentindo as névoas da humanidade pairando sobre os Seus olhos, declara: "A respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas somente o Pai" É uma experiência que esperaríamos num Ser cuja vocação na vida não era a revelação do pleno poder e glória dos atributos de Deus, mas a manifestação do amor de Deus e do grau máximo da renúncia..."

- Alguns teólogos da antigüidade acreditavam que o sofrimento era inconsistente com a divindade. Tendo essas idéias a respeito da natureza divina, como poderiam acreditar que Jesus, um Homem de, sofrimento, era divino? O fato é que a natureza do homem e a de Deus diferem

entre si menos no tipo dos seus atributos, e mais no grau deles. O amor, a misericórdia e a bondade são as mesmas em Deus e no homem. Quando Deus criou o homem, Ele disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.” (Gênesis 1:26).

- Sim, Cristo era plenamente Deus. Ao ser revestido de carne e sujeitado às leis físicas, passou a ser um Homem, com as mesmas faculdades morais, com os mesmos poderes mentais, sujeito às mesmas fraquezas físicas, provações e tentações somente sem o pecado.

C – AS TENTAÇÕES NO DESERTO – LUCAS 4:1-2

- Quanto aos acontecimentos durante os quarenta dias no deserto, as Escrituras; mantêm silêncio quase total. Posto que o Senhor tem conservado para Si o que se passou durante aquele período, não nos cabe especular. Temos, porém, um relato pormenorizado dos acontecimentos posteriores àquelas quarenta dias.

- O que mais nos impressiona é o fato de “quem” levou Jesus ao deserto, lugar este, que se tornou palco do interesse de Satanás para tentar o Messias. Na realidade este texto de Lucas afirma que foi o próprio Espírito Santo que o leva até lá. Porém, temos que salientar que Jesus estava cheio do Espírito Santo, este é o fator fundamental para que qualquer homem possa sobreviver às astutas ciladas de Satanás.

-

1 – O Momento Em Que Satanás Entra Em Cena: Fica claro que Satanás surgiu em cena no momento psicológico certo para ele. Foi quando Cristo, depois dos longos dias de jejum, estava no Seu ponto mais fraco. Essa estratégia do diabo não é assunto e somenos importância, pois a maioria entre nós tem momentos de exaustão e de depressão. É melhor sabermos qual é a ocasião que Satanás escolhe para lançar seus ataques.

2 – As Primeiras Palavras De Satanás: As primeiras palavras do diabo são de especial relevância. Disse: “Se és Filho de Deus.” Ele deu início à batalha a respeito da filiação de Cristo. Procurou injetar uma dúvida a respeito da Sua divindade. Sabia que a melhor oportunidade para levar Cristo a duvidar desse fato, era aquele momento. Por maiores que sejam os benefícios de um

jejum prolongado, é perto do fim dele que existe o perigo mais grave. É uma ocasião em que algumas pessoas entram em algum exagero como resultado de falsas impressões e de alucinações.

Há um paralelo notável entre as palavras que Satanás falou a Cristo; Se és o Filho de Deus, e aquelas que a serpente falou a Eva no Jardim do Éden: Sereis como deuses (Gênesis 3:5). A tentação, nos dois casos foi uma sugestão no sentido de procurar tudo para o próprio eu sem respeitar a Palavra de Deus nem a vontade dele. Ao passo que Adão e Eva cederam diante da tentação de se tornarem como deuses, e se entregaram aos seus apetites, Cristo não quis arrogar a divindade para Si da maneira que o diabo o instigava.

3 - A Primeira Tentação: Arapuca da Fome Física: O diabo é extremamente sutil nas suas tentações. Isso se vê nas primeiras palavras que dirigiu a Cristo. Sugeriu que o Senhor comprovasse a Sua divindade por meio de transformar pedras em pães. Durante um jejum prolongado, o desejo de alimento está quase ausente mas, perto do fim, o apetite volta. O diabo queria provocar Cristo a fazer uma demonstração imprópria do Seu poder.

No Éden, vemos Eva desviando-se da Palavra revelada e da Árvore da Vida para satisfazer o seu orgulho e o seu apetite. Cristo, por outro lado, virou-Se contra o apetite para a vontade de Deus, a fim de poder levar os homens de volta à Árvore da Vida. Dessa maneira, vemos que a escolha errada no Éden foi invertida pelo Segundo Adão.

4 - A Segunda Tentação: A Tentação da Quarta Dimensão: Esta tentação foi diferente da primeira, e envolveu um acontecimento que alguns descrevem como uma tentação de Quarta dimensão. Por algum meio estranho, a pessoa do Senhor foi transportada do deserto para o pináculo do templo em Jerusalém. Para algumas pessoas esse incidente oferece dificuldade, e estão dispostas a considerar imaginária essa transportação física de Jesus.

Embora o evento tenha sido contrário às leis do mundo natural, isso não deve ser problema para nós. Existem leis da natureza que permaneceram desconhecidas durante as eras, e que só foram descobertas recentemente. Quanto às leis da dimensão espiritual, nossos conhecimentos são extremamente limitados. Mas certamente sabemos, nessa era atômica, que a energia transcende a matéria, e que a vida transcende e controla ambas. O método pelo qual Cristo foi

transportado para Jerusalém está além das limitações dos conhecimentos que atualmente possuímos, mas nem por isso está fora da esfera das possibilidades.

A Idéia de Satanás seria a operação de algum milagre sensacional e surpreendente que atrairia a atenção das pessoas, e capacitaria a Cristo a comandar a obediência delas através de Lhe impor medo. Era um plano para tentar forçar Deus a revelar de modo espetacular a filiação de Cristo. Era subir ao poder de modo instantâneo, através de um milagre.

Mas Cristo aguentou a ofensa, e não de deixou forçar a fazer uma demonstração precipitada e grosseira do poder de Deus. Aceitou suas limitações humanas, e não procurou imitar o vôo orgulhoso de Satanás. (Mateus 4:7)

5 - A Tentação de Receber os Reinos Deste Mundo: As duas tentações sofridas por Jesus parecem quase triviais por contraste com a terceira. A primeira foi Sua recusa de empregar o Seu poder, para criar pães. A segunda foi a sugestão de fazer um salto mortal, obrigando Deus, a salvar a sua vida. Mas, por triviais que pareçam ser, a maioria dos que caem são derrubados por tentações tais como essas.

Mas, totalmente diferente das duas primeiras, surgiu a terceira tentação diante de Cristo: Mateus 4:8-10.

O diabo levou Jesus a um monte muito alto e Lhe mostrou todos os reinos do mundo num só momento de tempo, e disse, em seguida: "Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares." Aqui houve uma mudança de estratégia. O diabo já não desafiava a filiação divina de Jesus. Ao invés disso, Satanás Lhe deu uma demonstração ofuscante do poder temporal que ele, "o príncipe deste mundo", detinha. Satanás, velho perito em tentar às pessoas, acreditava que a humanidade de Cristo preponderaria sobre a Sua divindade. Com insolência blasfema, o diabo demonstrou diante dos olhos de Jesus o tremendo poder satânico que dominava no mundo, com a grandeza e glória dos reinos mundanos.

Posto que não existe nenhuma montanha na Terra que domina uma vista geográfica do alcance mencionado aqui, essa demonstração, também, foi um ato sobrenatural operado por Satanás. No âmbito espiritual, Cristo conseguiu assimilar essa vista panorâmica que transcendia o tempo e o espaço.

A oferta era claramente genuína. Isso porque, num sentido profundo, os reinos deste mundo pertencem a Satanás. Originalmente, domínio pertencera a Adão: Também disse Deus: Façamos o homem nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar sobre as aves dos céus ..." (Gênesis 1:26).

Mas por mais sagacidade que Satanás tivesse, enganou-se muito em esperar que sua oferta seria aceita. A oferta era deslumbrante, quase irresistível, mas não levou em conta as qualidades daquele que era manso e humilde de coração (Mateus 4:10).

CAPÍTULO V

O COMEÇO DO SEU MINISTÉRIO TERRENO

A – ALGUNS MILAGRES DE JESUS

- Citaremos em seguida alguns dos milagres feitos por Jesus no início de seu ministério, quando, depois do batismo e tentação no deserto, passou a cumprir o que já havia sido predito pelo profeta Isaías no capítulo 61.

- 1) O Milagre em Caná – João 2:1-12
- 2) A purificação do Templo – João 2:13-25
- 3) A Mulher Samaritana – João 4:1-30
- 4) O Endemoninhado na Sinagoga – Marcos 1:21-27
- 5) A Cura do leproso – Mateus 8:1-4
- 6) A Cura do Servo do Centurião – Lucas 7:1-10
- 7) Ressuscitado o Filho da Viúva de Naim – Lucas 7:11-17
- 8) Cristo acalma a tempestade – Marcos 4:35-41
- 9) A legião dos Malditos – Marcos 5:1-20
- 10) A Filha de Jairo é ressuscitada, e outros milagres no caminho – Marcos 5:21-43
- 11) O tanque de Betesda – João 5:1-15
- 12) A Multiplicação dos pães para os cinco mil – Mateus 14:15-21
- 13) Cristo anda sobre as águas – João 6:16-21

B – OS DISCÍPULOS SÃO ORDENADOS A CURAR OS ENFERMOS

“E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ENSINANDO nas sinagogas, PREGANDO o evangelho do reino e CURANDO toda sorte de doenças e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.” (Mateus 9:35,36).

As multidões que vinham ouvir a pregação de Jesus eram tão grandes, que Ele viu que chegara a hora de introduzir uma mudança. Até essas alturas, os Doze tinham seguido juntamente com Ele em todas as ocasiões. Mas estava na hora para saírem separadamente de Jesus. Havia duas razões para isso. A primeira era que não ia longe o dia em que o Senhor seria tirado do meio deles. A outra era que, com a distribuição das tarefas, as realizações seriam melhores. Quando Jesus contemplou os campos e viu as multidões sem pastor, Ele voltou-se aos Seus discípulos, dizendo: “Rogai pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a seara” (Mateus 9:3 8).

Ele não somente via as pessoas das regiões onde Ele tinha ministrado, mas incluiu o mundo inteiro como Seu campo. Dentro em breve, estaria dizendo aos Seus seguidores: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15).

Os homens que o cercavam provinham de situações humildes na vida, mas a eles seria entregue a obra da Igreja Cristã. Eles seriam grandiosos, mas a grandeza deles viria de Cristo somente. No começo, eram rudes e carnais, mas Cristo os ensinava com paciência, e os livrava das suas ilusões terrestres a respeito do reino vindouro. A obra mais constante dele era o treinamento deles. Eles viam tudo quanto Ele fazia, e escutavam tudo quanto Ele dizia. Frequentemente, Ele os levava a sós para lhes dar ensinamentos especiais. Devagar, Ele foi carimbando neles a Sua própria imagem. Chegara a hora de eles serem enviados na sua primeira missão de pregação, e Ele os chamou a Si mesmo: (Mateus 10:1)

Era um culto de ordenação, no qual Ele lhes daria as instruções finais antes de os enviar dois a dois. Embora o fato não seja explicitamente declarado, a ordem em que os apóstolos foram enviados foi provavelmente de conformidade com a lista em Mateus 10.2:

1. Pedro e André
2. Tiago e João
3. Filipe e Bartolomeu (Natanael)
4. Tomé e Mateus
5. Tiago e Tadeu
(Tiago também é chamado Cléopas, Tadeu também é chamado Judas)
6. Simão e Judas Iscariotes

1 - As Instruções Dadas aos Doze

1. Deviam limitar o seu ministério a Israel. Não deviam ir à Samaria nem a qualquer cidade dos gentios (vv. 5-6).

2. Deviam sair com o ministério da libertação, o mesmo ministério que Jesus demonstrara: (Mateus 10:7-8).

3. Não deviam levar nada com eles; nem dinheiro no bolso, nem sacola para comprar comida. Não deviam levar uma segunda túnica para trocar, nem sapatos de reserva. Porque digno é o trabalhador do seu alimento (Mateus 10:10).

Havia várias razões por que Jesus deu essas instruções. Primeiro, quando Deus chama um homem para o ministério, Ele quer que Seu servo dependa inteiramente dEle. Segundo, os discípulos estavam numa missão urgente; Ele não queria que desperdiçassem tempo com preparativos desnecessários. Jesus tinha dedicado muitos meses ao preparo espiritual deles, mas não queria que eles se sobrecarregassem com bagagem pesada na sua viagem de pregação. Terceiro, Jesus indicou que "digno é o trabalhador do seu alimento." Eles estavam indo para abençoar o povo, oferecer a cura das enfermidades e pregar as boas novas do reino. Mereciam receber em troca as coisas que lhes eram necessárias.

- Não eram mendigos, em nenhum sentido da palavra; aqueles que os hospedassem receberiam uma rica recompensa (Mateus 10:40-42). Quando, portanto, chegassem em uma cidade, deviam informar-se quem era digno, e hospedar-se ali. Não deviam mudar de casa em casa. Em outras palavras, não deviam desperdiçar o tempo deles nas visitas sociais. Enquanto estivessem

debaixo do teto de alguém, deviam comportar-se graciosamente e com consideração, e não pôr defeito na comida ou nas acomodações.

- Deviam abençoar a casa onde fossem hospedados, dizendo: “A paz seja convosco”. As vezes, seriam mal recebidos e sua mensagem seria rejeitada. Deviam, então, partir de lá, depois de ter feito seu protesto solene contra aquela cidade, e sacudir a poeira dos seus pés como testemunho contra ela: (Mateus 10:14).

- Em seguida, Jesus lhes fez uma advertência: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mateus 10: 16). Foram advertidos contra os descuidados. Certamente, o pastor precisa da sabedoria a fim de vencer as forças da iniquidade que procuram prendê-lo na armadilha. A sabedoria seria o primeiro fruto do Espírito Santo (1 Coríntios 12:8). De fato, Deus tem prometido a sabedoria a todos quantos a peçam (Tiago 1:5,6). Infelizmente, muitos têm levado seu ministério a um naufrágio calamitoso por falta de sabedoria.

- Em Mateus 10:19-20, fica óbvio que as instruções que Jesus estava dando aos apóstolos iam além da missão imediata deles. Profeticamente, foram projetadas para os anos e séculos do futuro, quando, então, muitos dos seus sucessores dariam a vida como mártires. Referiam-se especialmente à era das perseguições nos séculos II e III, quando os crentes foram odiados de todos por causa do seu nome (v. 22).

- Depois de o Senhor acabar de dar as Suas instruções, Ele os enviou de dois em dois, e então Ele também saiu para pregar e ensinar nas cidades da Galileia. É provável que Ele não tenha continuado muito tempo na Galileia, pois João nos informa que nesse período Jesus fez uma visita em Jerusalém para freqüentar uma festa, e que Ele foi sozinho.

CAPÍTULO VI

NO MONTE DAS BEM-AVENTURANÇAS

A – A MUDANÇA DA LEI MOSAICA

- Deus inspirou Moisés a escrever a Lei contida nos cinco primeiros Livros do Antigo Testamento? E o mesmo Deus enviou Jesus ao mundo a fim de outorgar a Lei da Graça? Se for assim, deve haver um relacionamento compatível entre os dois. Mesmo assim, deve também haver uma diferença fundamental. Jesus declarou que, embora a antiga Lei Mosaica declarasse assim e assim, Ele estava fazendo mudanças. Qual é, portanto, o relacionamento entre a Lei Mosaica e a Lei de Cristo?

- Foi no Sermão da Montanha que Jesus explicou o relacionamento entre a Lei Mosaica e a Lei da Graça. Primeiro, há uma continuidade entre as duas (Mateus 5:17-19). Segundo, a nova Lei da Graça não destrói a Lei Mosaica, mas a completa e cumpre. Essa continuidade é declarada da seguinte maneira: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus, aquele, porém, que os observa e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus.”

- A Lei não foi um engano. Era a melhor Lei possível para os tempos e as circunstâncias. Foi dada para cumprir um propósito, e antes de ela poder falhar, os céus e a terra passariam. Veremos, ao examinarmos a questão em detalhes, que cada elemento do Antigo Testamento acha seu cumprimento no Novo Testamento. O Antigo é o Novo oculto; o Novo é o Antigo revelado.

- Ao estudarmos os preceitos e estatutos de Levítico, vemos que são cumpridos em Hebreus. Levítico tipifica e prenuncia o que Hebreus posteriormente diz claramente. A Lei Mosaica era uma escola de treinamento que preparava os homens para a Lei da Graça. Os elementos do Antigo Testamento são imperfeitos. Representam a vontade de Deus numa certa etapa do progresso humano. Seus estatutos não deviam ser desprezados ou desonrados. Muitas vezes, quando as pessoas descobrem algo novo, seu primeiro impulso é criticar aquilo em que

acreditavam antes. Por isso, o Senhor advertiu que quem revelasse um espírito destrutivo para com a Lei receberia o lugar mais baixo no reino.

- Jesus passou, então, a demonstrar que a Lei de Moisés estava incompleta, e que precisava ser atualizada: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (Mateus 5:20).

- Não bastava a mera realização dos rituais externos da Lei. Os fariseus e os escribas tinham deixado de lado todas as verdades mais profundas da Lei e dos Profetas, e tinham limitado suas obrigações religiosas a uma observância externa dos rituais. Estes não tinham poder para transformar a natureza carnal, e o resultado era a hipocrisia.

- O ministério e o ensino de Cristo tinham suas raízes no Antigo Testamento, e eram compatíveis com ele; mas eram mais do que isso. Possibilitavam os objetivos do Antigo Testamento. Em outras palavras, a Lei Mosaica tinha feito o máximo que podia, e tinha esgotado as suas possibilidades. Cristo estava para dar aos homens algo novo, e realmente assim era necessário. A Lei Mosaica, embora fosse boa em si, não dava a ninguém o poder para pô-la em prática. Algo mais era necessário, e Cristo seria a fonte de onde jorraria aquele poder.

B – O PESO QUE JESUS DEU À LEI MOSAICA

1 – A Lei da Culpa: A Lei de Moisés tratava somente do ato propriamente dito. A Lei de Cristo lidava com a motivação no coração do homem que estava por detrás do ato. Agora examinaremos esse fato. “Ouvisses que foi dito aos antigos: Não matarás, e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal, e quem lhe chamar. Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo” (Mateus 5:21,22).

Aqui, o Senhor levou à tona a questão do conteúdo da culpa. Quanto ao ato do assassinio propriamente dito, que tinha que ser castigado. Quem cometeu homicídio não teria lugar no Reino do Céu. Mas Cristo também lida com aquilo que acontece no coração, pois é de lá que o ato de violência acaba brotando.

Segundo a Lei de Cristo, a ira e malícia iníquas, acolhidas no coração, equívalem ao homicídio propriamente dito. Em outras palavras, os pecados do coração são equiparados ao próprio ato, porque esses pecados poderão destruir a alma ao serem tolerados dentro dela.

Os delitos contra um irmão têm maus efeitos contra a consciência, e não deve haver demora em tratar com eles. Embora Cristo falasse aos judeus, Suas palavras são aplicáveis a todos que estão no Novo Reino. Nós, também, vamos ao altar a fim de oferecer nosso corpo como sacrifício espiritual ao adorarmos a Deus em Espírito e em verdade (Romanos 12:1,2). Devemos oferecer continuamente o sacrifício de louvor a Deus (Hebreus 13:10-15). É, portanto, da máxima importância que mantenhamos o relacionamento certo com nosso irmão.

2 - A Lei Contra o Adultério: “Ouvistes que foi dito. Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela” (Mateus 5:27-28).

Acabamos de ver que Cristo equiparava o ódio no coração com o ato de assassinio, com suas conseqüências terríveis. Na questão do adultério, o Senhor atribuiu a mesma culpa envolvida no ato consumado ao desejo no coração, quando chega ao ponto da intenção deliberada de pecar.

Nesse caso, o homem olhava para uma mulher a fim de excitar a sua cobiça, e era refreado do ato somente pela falta de oportunidade ou medo das conseqüências. Ter a intenção de pecar, ou estimular o pecado, leva a mesma culpa aos olhos de Deus como realmente praticá-lo.

Por essa razão, Cristo conclamava os homens a tomarem as medidas necessárias de autodisciplina que os preservariam do pecado: “Se o teu olho direito refaz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti, pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti, pois te convém que se perca um dos teus membros e não vá todo o teu corpo para o inferno (Mateus 5:29-30).

Em outras palavras, se um membro desregrado do nosso corpo está destruindo as raízes da nossa vida, será melhor que esse membro pereça. Tudo quanto nos deixa expostos a tentações fortes demais para nós precisa ser abandonado. Embora essa metáfora dificilmente se possa aplicar literalmente, há aplicações abundantes. Certos prazeres mundanos são apropriados para o cristão consagrado? Isto ou aquilo é justificável? Poderíamos fazer uma lista longa. A pergunta

crucial é: qual é o efeito que essas coisas têm sobre nós? É possível que algumas delas nos pareçam bastante inocentes. Jesus disse que é melhor entrar aleijado na vida eterna do que, possuindo tudo quanto o mundo tem para oferecer, ser destinado ao inferno.

3 - A Lei do Divórcio: “Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada, comete adultério” (Mateus 5:31-32).

Segundo a antiga Lei Judaica, o divórcio era permitido: “Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavrar um termo de divórcio, e lho der na mão e a despedir de casa; e se, saindo da sua casa, for, e se casar com outro homem.” (Deuteronômio 24:1-2).

Com essa disposição da Lei Mosaica, os judeus se sentiam bem livres para divorciar-se e contrair novas núpcias. Em Mateus 19:3-9 Jesus explicou por que Moisés permitiu que os filhos de Israel repudiassem suas mulheres. Era por causa da dureza do seu coração. Em razão da baixa condição de espiritualidade, era possível surgir uma situação que tornasse impossível viverem juntos como casal. Nessas circunstâncias, nada podia ser feito senão levar em conta a fraqueza humana, embora o divórcio e o novo casamento fossem totalmente contra o propósito original de Deus.

“Não foi assim desde o princípio”. Jesus, porém, veio para solucionar corretamente a situação, por meio de abolir o divórcio. Fica fora de dúvida, portanto, que a Igreja de Jesus Cristo deve se colocar contra o divórcio e o novo casamento, com a única exceção notada por Jesus, as relações sexuais ilícitas. No sentido real, essa fornicção não é uma exceção. A morte de um dos cônjuges dava ao outro o direito do novo casamento. A fornicção era passível da pena da morte; e embora a pessoa que cometesse esse pecado talvez evitasse essa penalidade, era contada culpada aos olhos de Deus, e digna da morte. É somente por essa razão que o divórcio se torna justificável. A exceção não permite nem proíbe o novo casamento da parte inocente que afastou o cônjuge por causa do adultério. Parece, portanto, que a Igreja Cristã não pode permitir o divórcio e o novo casamento, com essa única exceção.

4 - A Lei dos Juramentos: “Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo: De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus, nem pela terra, por ser estrado de seus pés, nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei, nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim, não, não. O que disto passar, vem do maligno” (Mateus 5:33-37).

O Terceiro Mandamento, tomado juntamente com outros trechos no Velho Testamento, ordenou que o homem jurasse somente por Jeová e, ao jurar assim, que fosse diligente no cumprimento do seu juramento (ver Gênesis 28:20; Deuteronômio 6:13; Amós 8:14). Cristo emendou essa imposição, aprofundando-a.

É importante entender a natureza de um juramento. Ao prestá-lo, a pessoa declara solenemente na presença de Deus que aquilo que ela diz é a verdade, tão seguramente como ela espera que haja a bênção divina na sua vida. Mas será que Deus está presente apenas ocasionalmente? Conforme declara Paulo: Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos. Jesus quer nos mostrar que Deus está em todos os lugares nos céus, na Terra, e em Jerusalém. Sendo assim, por que os homens devem reconhecer a presença de Deus e contar a verdade somente em ocasiões especiais? O judeu não queria perjurar, mas não se importaria em falar mentiras em outras ocasiões. Cristo estava querendo levantar a um nível superior todas as conversas que antes eram válidas somente com prestação de juramento. O apóstolo Tiago repete essa imposição do Senhor em Tiago 5:12.

Nesses tempos em que vivemos, as pessoas dão pouca importância a guardar a palavra. É uma falta fundamental de integridade que tem resultado em tamanha deterioração do nível espiritual da Igreja.

Pode ser perguntado se todos os juramentos são proibidos ao cristão, tais como aqueles que são administrados no fórum. A razão por que juramentos são prestados no tribunal é porque a verdade é habitualmente negligenciada na conversação comum. O cristão genuíno sempre fala a verdade, é claro. Se alguém contar a verdade somente por se considerar obrigado por juramento, está vivendo muito abaixo do padrão cristão.

5 - A Lei da Vingança: “Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja lhe emprestes “(Mateus 5:38-42).

O Senhor, tendo tratado de três dos Mandamentos, voltou Sua atenção a certos outros aspectos da Lei e, assim como fez nos demais casos, aprofunda e intensifica essas leis, e as eleva até ao padrão moral do Novo Testamento. Segundo a Lei Mosaica, a vingança era permitida até certo ponto. Só podia ir até a reciprocidade exata. A Lei em Êxodo 21:24-25 determinou a regra: “Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe.” Aqui vemos que a Lei Mosaica era uma limitação do instinto humano. O espírito da vingança busca causar tantos danos ao inimigo quanto possível. O selvagem não somente matará o homem que lhe fez mal, como também a mulher e família deste. A Antiga Aliança refreava essa barbaridade e a submetia a limitações. A Lei de Moisés ficava como árbitro, ou policial. Dizia: "Foi vazado um olho? Pois bem, um olho precisa ser dado em troca, mas nada mais." A Lei Mosaica funcionava por limitação. As tendências selvagens dos homens eram refreadas pela Lei, até serem disciplinadas pela Lei de Cristo.

6 - Como Tratar os Inimigos: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o Seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mateus 5:43-48).

Embora as palavras exatas, odiarás o teu inimigo, não ocorram na Lei, elas representam, em certo sentido, o espírito daqueles que eram os filhos da Lei. Nos Salmos, achamos imprecações contra os inimigos de Israel, por serem os inimigos do Senhor. Fica claro que os Salmos não chegam à altura da norma cristã, quanto à esperança pela conversão dos inimigos, e quanto ao

amor por eles. Não é de se estranhar, porque o Antigo Testamento representava a lei mais do que a misericórdia. A iniquidade dos inimigos de Israel pedia a retribuição pela justiça divina, e ocasionalmente Israel como nação era convocado como instrumento para infligir aquele castigo.

Havia, no entanto, misericórdia e amor até mesmo no Antigo Testamento, e o propósito, de Cristo era ressaltar e cultivar aquelas sementes de amor. Segundo o nível e padrão do cristianismo, devemos amar os nossos inimigos. Antes da vinda de Cristo, a natureza humana era demasiadamente carnal para aceitar esse padrão de conduta. Somente o Filho de Deus tinha o poder de introduzir semelhante conceito revolucionário e o tornar praticável nas vidas de homens e de mulheres. Assim como Deus, por amor a Cristo, nos perdoou quando éramos, na realidade, inimigos dele, assim também nós somos conclamados a amar aqueles que são nossos inimigos. É ao amar aqueles que nos odeiam e nos perseguem que o cristianismo se coloca acima das filosofias históricas e contemporâneas, e fica incomparável entre as religiões na Terra.

7 - A Motivação e o Espírito do Discípulo de Cristo: Os princípios do Sermão da Montanha, pregado por Cristo, não podem ser reduzidos a palavras exatas, como no caso de um documento jurídico. Precisam ser interpretados e praticados com um espírito de amor. Não somente o ato, mas também o motivo por detrás do ato está profundamente envolvido.

Não se pode lançar mão das palavras: “A qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra”, ou: “Ao que quer tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa”, e fazer delas uma regra inflexível para a conduta externa sem subverter toda a base da sociedade. Nem sequer Jesus ofereceu a outra face quando foi esbofeteado por um dos oficiais do Sumo-Sacerdote quando Ele estava sendo julgado (João18:22-23).

Esses princípios de conduta, porém, devem mesmo tornar-se parte essencial do nosso caráter, e então são traduzidos em ação de conformidade com os ditames da sabedoria que o tempo e a ocasião exigem. Na totalidade do Capítulo 6 de Mateus, o único grande assunto e tema é que o cidadão do Reino do Céu olha somente para Deus como o fundamento das suas ações. Busca somente o louvor de Deus, e não o dos homens. O que ele faz, é para Deus, e não para os homens.

Cristo não condena, em lugar nenhum, a busca de uma recompensa só que não deve ser procurada no lugar errado. Se boas obras forem praticadas visando o louvor dos homens, não haverá recompensa no céu. Jesus aplica o princípio de buscar a aprovação de Cristo a três ramos da conduta humana: (1) O dever a Deus; (2) o dever ao próximo; (3) o dever a si mesmo. O primeiro expressa-se na oração e na adoração a Deus. O segundo acha expressão em nossos atos de misericórdia ao nosso próximo. E o último, no domínio próprio e na subjugação da carne através do jejum. Em todos esses casos, devemos procurar a aprovação divina.

8 - Dando Escolas: “Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles, de outra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu porém, ao dares a esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita” (Mateus 6:1-3). Nos versículos supra, Jesus empregou uma metáfora. Não supomos que os fariseus literalmente soassem uma trombeta na rua; e as palavras: ignore a tua esquerda o que faz a tua direita, é claramente um modo figurado de falar. O Senhor simplesmente proibia a ostentação ao contribuir.

9 - Valores Eternos: A nota tônica do capítulo 6 de Mateus é que o motivo dos nossos atos é obter a aprovação de Deus. O cristão tem um só Senhor, que é Deus. Assim ficamos totalmente libertos das ansiedades da vida. Posto que nossos motivos são puros diante de Deus, não procuramos armazenar nesta terra bens que são sujeitos à ferrugem e à podridão: (Mateus 6:19-21)

10 - Ninguém Pode Servir a Dois Senhores – Mateus 6:21-24: Deus precisa ser colocado em primeiro lugar senão, Ele não ocupará lugar nenhum. Na vida de cada pessoa, uma só força motivante passa a dominar. Ou se procura fazer a vontade de Deus, ou se faz aquilo que se considera melhor para a sua própria vantagem neste mundo. Ou Deus governa a vida do homem, ou as riquezas a dominam. Alguns temem que, se colocarem Deus em primeiro lugar em tudo, a

sua vida ficará estreita e minguada. Mas a verdade é bem contrária a essa idéia. Jesus disse: “Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso”. Uma vida plenamente consagrada a Deus tem um potencial espantoso.

CAPÍTULO VII

JESUS CONTA SOBRE O VALOR DA ORAÇÃO

A – A OVELHA PERDIDA – LUCAS 15:1-6

- Essa parábola nos ensina que Deus tem solicitude pelo indivíduo. Nem sequer o pecador mais desesperançoso é abandonado às cruéis misericórdias dos homens; pelo contrário, é individualizado como objeto de solicitude. Deus busca continuamente, e sente júbilo imenso ao recuperá-lo, isto porque, conforme disse Jesus: “O Filho veio buscar e salvar o perdido.” (Lucas 19:10). Assim como a ovelha estava exausta sem capacidade para voltar, assim também fica incapacitado o pecador. Quanto mais profundo sendo o pecado, tanto maior o desespero diante de alguma tentativa de escapar do fardo esmagador. À tal pessoa o Salvador aparece, dá paz e segurança ao coração aflito, e leva-a, salva, ao Seu aprisco.

B – A DRACMA PERDIDA – LUCAS 15:8-10

- Essa parábola é semelhante àquela da Ovelha Perdida. Não deixa, porém, de ressaltar verdades adicionais. A mulher tinha dez dracmas (moedas de prata), e uma delas ficou perdida. Sentindo a falta, acendeu uma vela e varreu a casa inteira, procurando a moeda até achá-la.

- O Senhor escolheu uma moeda de prata para simbolizar o homem perdido. A moeda que se perdeu representa, portanto, uma alma perdida. O fato de a moeda ser de prata demonstra que o Senhor escolheu aquela de maior valor. (As moedas de ouro não eram de circulação geral naqueles dias, de modo que a moeda de prata deve ser considerada a mais valiosa em uso corrente.) A alma humana, portanto, é considerada por Deus muito preciosa pela sua própria natureza.

- Em cada moeda havia uma inscrição. Tem sido geralmente reconhecido que, na parábola, a inscrição na moeda simboliza a imagem de Deus na alma humana, assim como a imagem do soberano é carimbada nas moedas do seu país.

- Na moeda, temos uma dupla analogia: primeiro, que a alma humana é inerentemente preciosa aos olhos de Deus, assim como a prata o é entre os tesouros da terra; e, em segundo lugar, que o homem é distinguido entre todas as demais criaturas na terra, por ter em si a impressão da imagem divina. E é essa a razão por que Cristo acolhia bem os pecadores que vinham até Ele, porque, apesar de ter ficado fraca, a inscrição divina sobre o homem ainda estava presente.

- Quanto ao fato de a moeda estar perdida, vemos um simbolismo assustador da total incapacidade do homem, uma vez perdido, de restaurar-se a Deus.

- No caso da moeda perdida: onde cair a prata, ali ela tem que jazer. Não possui em si mesma a mínima capacidade de mudar sua posição; não esperamos que nenhuma moeda saia rolando do sulco onde está escondida, e pule de volta às mãos de quem a perdeu. A raça humana inteira teria sido irrecuperavelmente perdida se Cristo não tivesse tomado a iniciativa de descer à terra e salvá-la.

- Outro fato interessante é que uma moeda não fica desvalorizada quando se perde; assim também o espírito imortal do homem continua sendo precioso aos olhos de Deus mesmo quando ele está separado dele. Mas embora a moeda perdida não perca o seu valor, está inútil se não estiver nas mãos do seu dono. Além disso, no decurso do tempo vai, perdendo o lustre, e a imagem nela inscrita fica cada vez mais obscura enquanto a moeda jaz perdida. É dessa maneira que a prata, muito mais do que o ouro, demonstra como o espírito humano é sensível diante da corrupção. A alma que se separa de Deus não demora para perder a beleza da santidade, e se enferruja rapidamente mediante o contato com o mal em seu redor.

- Quem é essa mulher que se dedicou a essa busca minuciosa da moeda perdida? O pastor que vai à busca da ovelha perdida representa Cristo, com certeza; e o pai, do Pródigo fala do Pai Celestial que acolhe de volta o filho arrependido, mas essa mulher que varre a casa e que faz uma busca à luz de velas representa outro. Quem é? Por certo, essa mulher representa a Igreja.

- Não é só Cristo, pois, que busca as almas perdidas, como também Seus seguidores o fazem. Foi assim que Cristo disse na Sua oração intercessora: Assim como tu me enviaste ao

mundo, também eu os enviei ao mundo (João17:18). Quando Cristo partisse deste mundo, deixaria os Seus discípulos aqui. A tarefa de buscar os perdidos caberia, então, aos Seus seguidores. A Igreja vai em busca dos pecadores assim como fazia o Senhor dela, e é ela a mulher que procura diligentemente a dracma perdida. Assim como essa Parábola segue a Parábola da Ovelha Perdida, assim também a obra da Igreja segue a de Cristo.

- Mas o que é representado pela vela, pela candeia? A candeia é a Palavra: Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos (Salmo 119:105). Assim como Cristo é a luz do mundo, assim também a Igreja é a luz do mundo (Mateus 5:14). É a Igreja que levanta no alto a luz que Cristo providenciou. Levar a candeia de uma parte da casa para outra representa a participação da Igreja na busca das almas perdidas.

- No fim, o sucesso coroou os esforços da mulher. Na sua grande alegria, saiu correndo para contar às vizinhas a boa notícia. Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu tinha perdido. Jesus tirou a conclusão ao repetir que há alegria no céu por causa da salvação de uma só alma perdida. Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.

- Fica claro que o propósito da parábola é mostrar o júbilo entre os anjos e os homens, e do próprio Cristo, quando urna alma perdida é recuperada.

C – O FILHO PRÓDIGO – LUCAS 15:11-16

- A parábola do Filho Pródigo, ou filho gastador, é um quadro notavelmente fiel da vida, e demonstra o contraste entre a juventude, com sua despreocupação e descuidados, certa dos seus próprios recursos e auto-suficiência, e o homem de anos maduros que já passou por experiências amargas, que se sentiu esmagado pelo senso de fracasso, e que está totalmente incapaz de se recuperar. Notamos também a atitude do irmão mais velho (Lucas 15:25-30), que foi uma atitude de total desamor para com o irmão mais moço. Preocupou-se com as coisas materiais que o pai tinha, mas se esqueceu do mais importante que é o amor fraternal. Onde muitas vezes erramos é no nosso senso de justiça própria, e nos esquecemos de que Deus tem uma preocupação com todos os seus filhos, principalmente com aqueles que estão fora do esconderijo do Altíssimo. A estes Ele espera que volte um dia, arrependido.

D – O FARISEU E O PUBLICANO – LUCAS 18:9-14

- Na parábola do Filho Pródigo, é ressaltada a verdade de que o Pai deseja que as pessoas cheguem diante dele com humildade, e com espírito quebrantado e contrito; a estes, Ele aceitará sem demora. Nesta Parábola do Fariseu e do Publicano recebemos outro vislumbre da importância da responsabilidade pessoal, e de como os homens devem apresentar-se diante de Deus.

- Assim como o Filho Pródigo compareceu diante do seu pai com arrependimento humilde e súplicas, assim também na presente parábola aprendemos que, quem deseja receber o perdão, precisa da oração e da súplica como os meios essenciais para alcançá-lo. Os homens não chegam à salvação mediante algum ato nobre de heroísmo, ou por meio de realizar alguma grande proeza, conforme o jovem rico pensava erroneamente, nem por grandes lutas da alma, que Martinho Lutero inicialmente imaginava serem necessárias. Pelo contrário, os seus nomes são colocados no rol dos salvos mediante sua confissão dos seus pecados e pela fé singela no Pai, que perdoa por amor a Cristo.

1 – A Oração do Fariseu: No começo da parábola, há dois homens que sobem ao templo a fim de orar. Em primeiro lugar foi focalizado o fariseu. Tinha sido especialmente treinado na sua religião, e era um representante típico da sua classe. Colocou-se num lugar de destaque no templo, e então começou a orar em termos de quem se considera um predileto especial do céu.

As primeiras palavras da oração do fariseu avisam de imediato que algo está faltando na sua maneira de falar com Deus. O fariseu, posto, em pé, orava de si para si mesmo, desta forma. Ao invés de fazer súplica a Deus, estava realmente orando consigo mesmo! Alega sentir-se grato, mas somente por não ser como os demais homens. Além disso, procurava usar as iniquidades dos outros como trampolim para proclamar suas próprias virtudes, e os acusou de serem roubadores, injustos e adúlteros!

A natureza ofensiva da disposição do fariseu ao se achar justo por conta própria foi pintada em cores bem sombrias. É um exemplo horrível da total hipocrisia e afronta contra Deus, e Cristo deixou claro esse fato.

Quão diferente foi a oração do fariseu daquela do Salmista: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração: prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno” (Salmo 139:23,24).

Supomos que poucas pessoas orariam da maneira que fez esse fariseu; mesmo assim, essa oração representa com exatidão o pensamento oculto nas mentes de muitos que oram, e lembramo-nos que Deus percebe os pensamentos dos homens, e não somente as suas palavras.

2 – A Oração do Publicano: Depois da oração do fariseu, examinaremos aquela do publicano, que o Senhor considera uma oração genuína. Não é levado em conta o fato que o publicano não pertence a nenhuma igreja, ou que não tem sido considerado um homem religioso. É a sinceridade, o fervor e a humildade do homem que proferiu a oração.

A parábola conta que o publicano nem sequer queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” A oração é singela, mas abrange tudo. Reconheceu ser pecador e clamou pedindo misericórdia. O Senhor indicou que a sua oração era apropriada para um pecador. A singeleza dessa oração deve dar esperança a cada alma sobrecarregada de pecados que deseja aproximar-se de Deus.

O publicano veio bastante sobrecarregado diante do trono da misericórdia. Não imaginava possuir nenhuma virtude por si só, mas estava profundamente consciente da sua culpa e pecaminosidade. E esse é o exemplo que Cristo oferece quanto à maneira de os homens aproximarem-se de Deus. Nota-se que nada foi incluído na oração que descrevesse o grau da gravidade do pecado do publicano. Caso houvesse referência a isso, a oração teria sido aplicável àquele único caso, mas na forma em que consta, tem aplicação universal. Era como a oração de Pedro, que disse: “Senhor... sou pecador”

Ele via que era um réprobo, e que ele nada poderia fazer por conta própria para alterar a situação. Nada havia que pudesse fazer a fim de expiar pelas suas más ações do passado. Mas compareceu diante de Deus a fim de confessar sua pecaminosidade e lançar-se aos Seus pés, rogando misericórdia.

O fato de ele ter agido assim revela que tinha certa confiança na misericórdia de Deus. É essa confiança que chamamos de "fé." E é a fé na misericórdia de Deus que levanta o espírito do

homem acima das nuvens negras da sua própria culpa e lhe dá a esperança do perdão. O publicano não esperava que Deus desculpasse seus pecados sabia que Ele os perscrutaria mais profundamente do que o próprio pecador conseguia percebê-los. Tinha uma única razão para confiar Deus é um Deus de misericórdia, e Ele acharia uma maneira de ser Salvador do pecador. E é isso que Cristo ensina nesta parábola que Deus será Salvador do arrependido. Mas apesar de Deus ser Salvador, a parábola também ensina a necessidade de o próprio pecador invocar Deus em oração a fim de receber o perdão. A misericórdia não perdoa automaticamente os pecadores; precisam comparecer arrependidos diante de Deus, pedindo-Lhe a Sua graça.

- A parábola ensina que a oração do justo aos seus próprios olhos nunca poderá ser atendida, que ela cai por terra, sem eficácia. A oração do publicano, por outro lado, foi atendida sem demora, por ser a oração do arrependido. Era a oração para a qual o céu tinha feito provisão abundante.

E – O AMIGO À MEIA-NOITE – LUCAS 11:5-8

- Nesta parábola, Jesus quis mostrar aos seus discípulos que há demoras no atendimento à oração que nem sempre poderão ser explicadas. Deus é revelado como nosso Amigo. Aquele Amigo nem cochila nem dorme. Ninguém há na sua família que sinta perturbado por nossa visita. Não há nenhum período do dia ou da noite que lhe seja inconveniente. Nossas muitas idas a ele não poderão cansá-lo.

- Apesar disso, existe mesmo a perseverança na oração, e, para obter as bênçãos mais sublimes, é necessária a oração da intercessão. A parte principal da parábola é que o resultado supremo é obtido através da tríplice amizade. Cada uma das três pessoas representadas é chamada de amigo.

F – A VIÚVA IMPORTUNA – LUCAS 18:1-8

- Essa parábola nos ensina que as pessoas nunca devem desanimar, e que devem continuar a orar, sem levar em conta os impedimentos e as demoras. Ele enfatiza a importância da importunação ainda mais do que a Parábola do Amigo à Meia-Noite. E a chave da parábola é: se um juiz injusto, que toma sobre si as prerrogativas da deidade, promulga o decreto desejado pela

viúva, só por causa da importunação dela, quanto mais Deus conseguirá a justiça para aqueles que nEle confiam, embora ele demore muito para castigar os opressores. Então Jesus disse: “Digo-vos que depressa lhes fará justiça.”

CAPÍTULO VIII

ALGUMAS PARÁBOLAS GERAIS DE JESUS

A – O BOM SAMARITANO – LUCAS 10:25-35

- Essa parábola do Bom Samaritano foi contada por Jesus como resposta à pergunta de um intérprete da lei, que indagou: “Quem é o meu próximo?” Esta última pergunta foi subsequente à pergunta anterior: “Que farei para herdar a vida eterna?”

- O intérprete da lei tinha feito sua pergunta com intuito de testar Jesus, e não com o propósito de receber instrução. É possível que considerasse essa uma boa maneira de iniciar um debate religioso acirrado. Mas a resposta do Senhor, tão simples e prática, não era do tipo que levasse a uma discussão.

- Mas o interessado não queria deixar a questão assim. Talvez se sentisse capaz de amar a Deus de todo o coração, mas duvidava na sua mente quem seria seu próximo. Não queria desperdiçar seu tempo amando pessoas que não o mereciam. Estava disposto a amar, mas não além das exigências da Lei. A pergunta significava, portanto: quais pessoas tinha a obrigação de amar, e quais ele poderia deixar fora, sem amor e talvez até odiá-las?

- Como Jesus lidaria com esse intérprete da Lei que considerava que compreendia a Lei, mas que somente tinha dúvidas intelectuais sobre a questão de quem era seu próximo? Para Jesus dar uma resposta apropriada, era necessário que Se aprofundasse além do mero debate dos limites das fronteiras da boa vizinhança.

- O Senhor, ao invés de dar uma resposta direta, teve a extraordinária perspicácia de apelar ao seu coração, contando a história do Bom Samaritano. Perceberemos que cada pormenor desse quadro aprimorado do calor e bondade humanos forma um contraste com o frio legalismo do intérprete da Lei.

-

1 - O Quadro Pintado Na Parábola:

a) Um homem foi assaltado, tiraram-lhe tudo, inclusive as roupas do corpo, foi ferido e deixado à beira da estrada, semimorto. Aqueles que o assaltaram sabiam o que queriam, e o obtiveram; o fato de quase o matarem durante o assalto era incidente secundário para eles.

b) A estrada que aquele homem seguia descia até à cidade de Jericó. Porque os viajantes para aquela cidade tinham que passar por aquela região, para lá acorriam os bandidos a fim de fazer emboscadas.

c) Na mesma manhã, depois do assalto, surgiu na distância uma figura ainda dificilmente visível. Tratava-se de um sacerdote que seguia o mesmo caminho. Viu o homem deitado ali, com as feridas ainda sangrando. O sacerdote tinha sido ordenado para ministrar diante do altar, e seu treinamento para o cargo incluía aprender a amar a Deus e ao próximo. À primeira vista, parecia uma felicidade que uma pessoa assim fosse o primeiro a passar por lá. Mas no fim, a situação virou pelo contrário. O sacerdote passou por lá sem sequer verificar a condição da vítima. Embora o sacerdote não pertencesse à mesma classe dos assaltantes, que, na sua violência, quase mataram, não se importou em deixar o homem morrer.

d) O sacerdote continuou sua caminhada, e depois de algum tempo, surgiu outra figura um levita. Não era um sacerdote, mas um oficial subordinado do Templo. O levita não agiu exatamente como o sacerdote. Quando viu o homem, olhou a situação dele. Parecia, à primeira vista, que o levita era melhor do que o sacerdote, que passara pelo homem prostrado ali sem deter seus passos. Mas, no fim, o levita foi pior, porque, tendo sabido da triste situação da vítima, também continuou a caminhada, sem pensar na angústia daquele homem que certamente morreria se ninguém tivesse compaixão dele.

Ora, cada homem que procura fingir-se religioso, precisa inventar desculpas pela sua conduta. O que esses dois homens poderiam dizer de si para si, para aplacar a consciência e para se justificar melhor ao deixar o homem para trás, morrendo?

Podiam raciocinar que o homem era tolo ao viajar por uma estrada tão perigosa levando sua bolsa de dinheiro. Talvez os salteadores ainda aguardassem por perto. Ninguém deveria perder tempo e arriscar sua vida nesta parte solitária da estrada, só porque aquele homem

optara por ser tolo, sem tomar precauções para proteger os valores que levava consigo. Assim, ele se fizera de convite aberto aos salteadores.

e) Felizmente para o ferido, outra figura surgiu à distância, e, ao chegar mais perto, viu o ferido e parou para ver o que lhe acontecera.

Aqui vemos entrar em cena outro homem, cuja regra de conduta logo revela ser de ordem diferente. Mas é samaritano. O samaritano era um homem bastante distanciado das cerimônias do Templo. Pertencia a uma raça que normalmente não tinha nada que ver com os judeus. Mesmo assim, cria em Deus e O adorava. Imediatamente, ao ver o homem ferido, nem levou em conta se era ou não era um judeu, mas abaixou-se para examinar-lhe as feridas. Com seu óleo e vinho, untou as feridas e as atou. Tendo, pois, aliviado a dor do infeliz, levantou-o, colocou-o na sua própria montaria, e o levou à hospedaria mais próxima. Ali, alugou acomodação e serviços para ajudar o ferido. Na manhã seguinte, o samaritano tinha que prosseguir viagem, pois seus negócios o aguardavam; mas, antes de partir, deixou nas mãos do hospedeiro um pagamento adiantado por quaisquer cuidados adicionais que o ferido porventura precisasse, e prometeu pagar ainda mais ao voltar por lá, se fosse necessário. Assumiu a responsabilidade por todas as despesas incorridas nos cuidados dispensados ao ferido.

- Depois de Jesus terminar Sua narrativa, voltou-Se para o intérprete da Lei e disse: Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? E a resposta foi óbvia: O que usou de misericórdia para com ele. E a resposta incluía o reconhecimento tácito de que a pergunta tinha sido respondida. Faltava, apenas, a aplicação prática do ensino de Cristo, e por isso disse ao intérprete da Lei: Vai, e procede tu de igual modo.

- O intérprete da Lei tinha começado o debate com certa complacência, e conseguiu dar uma resposta à primeira pergunta do Senhor, merecendo os Seus elogios. Mas é provável que essa complacência tenha desaparecido antes de a parábola chegar ao fim. A pergunta a respeito da identidade do próximo recebeu sua resposta inconfundível na circunstância de alguém estar por perto, dentro do nosso alcance. Existem muitos sofrimentos e desgraças neste mundo, mas a maior parte deles está fora do nosso alcance. Não somos nem onipresentes nem onipotentes; mas

sempre estamos presentes em algum lugar, e dentro daquele círculo está nosso próximo e nosso dever.

B – A ROUPA REMENDADA – LUCAS 5:33-36

- Esta parábola é repetida três vezes nos Evangelhos. Em Lucas, somos informados que um pedaço novo é tirado de uma roupa nova e colocado em uma roupa velha. Há, portanto, dois resultados. Tanto a roupa nova quanto a velha ficam estragadas. A nova, porque perdeu um pedaço, e a velha, porque é desfigurada por um tipo diferente de pano. Mateus e Marcos acrescentam que, por ser o remendo novo mais forte do que o pano velho, arranca consigo parte do velho, que fica mais rasgado ainda.

- A parábola segue umas considerações sobre o assunto do jejum (V.33). Jesus indicou na Sua resposta que Ele não viera colocar remendos no judaísmo, mediante certas reformas, mas oferecer uma veste totalmente nova. João Batista era um reformador, um homem bom e grandioso, mas nada mais conseguia fazer senão aplicar mais um remendo ao judaísmo; e Jesus deu a entender que até mesmo o princípio do jejum seria diferente depois de Seus discípulos estarem vestidos com as novas vestes da graça. Devem, portanto, esperar a nova vida do Espírito antes de poderem adotar suas formas externas. Cristo demonstrava, portanto, que não queria fragmentos dos Seus ensinamentos fixados em outros sistemas religiosos. Ele não veio para remendar sistemas esgotados de religião; veio trazer a mensagem da regeneração.

- Nesta parábola se acha a explicação de um fato que freqüentemente deixa os cristãos perplexos. Não é incomum achar pessoas que professam a religião, mas cujas vidas são totalmente inconsistentes. Em alguns momentos, parecem devotas, zelosas e sinceras; em outros momentos, são superficiais, irreligiosas, e até mesmo más. Procuramos reconciliar seus dois estados de ânimo, racionalizar as suas ações, mas isso nos dá muitas dificuldades. Parece haver dois tipos de frutas crescendo na mesma árvore. Essas pessoas são meras hipócritas? Não temos a resposta nesta parábola? Colocaram um remendo de religião sobre sua velha natureza não santificada.

- Como conseqüência, vemos uma dupla operação na vida delas. A parte religiosa vem à superfície; e então o próprio eu genuíno aparece. A parte espiritual luta contra a velha natureza maligna, lutando para obter o domínio. Mas nenhuma das duas consegue influenciar a outra. Assim

como um remendo não se ajusta à roupa velha, não há conexão orgânica entre as duas. A parte religiosa não tem poder para penetrar e transformar a velha natureza não santificada, mas é meramente colada a ela.

- Há outra coisa. Conforme tem sido freqüentemente indicado, algumas pessoas usam a capa da religião a fim de encobrir alguma parte fragmentada do seu caráter, algum aspecto especialmente vil da sua disposição. Querem que a religião encubra aquela rotura notavelmente visível do seu caráter, e pensam que não há nada que não fariam para livrar-se daquela falha desagradável e perturbadora, mas não querem uma veste da graça, totalmente nova. Concentram tanto sua atenção nessa rotura, que não tomam consciência de como sua veste inteira está surrada e reduzida aos últimos fios, e que a totalidade da sua natureza é ímpia e terrena.

- Tais pessoas descobrem, mais cedo ou mais tarde, que não há remédio que cure a sua enfermidade. Seu pecado fica mais profundamente arraigado do que nunca. Se Deus atendesse a sua oração e lhes desse livramento desse único pecado exclusivamente, seria a pior coisa para eles. Mas, ao aumentar-se o seu senso de necessidade, são forçados, desesperados, ao ponto de clamarem a Deus pela renovação completa. Querem mais do que um remendo; querem uma veste inteiramente nova.

- Não há dúvida de que, em muitos casos, as pessoas que olham para esses sistemas vergonhosamente remendados revoltam-se contra o cristianismo por verem o rasgo que tanto desfigura, e a razão não lhes deixa aceitar algo que parece tão inconsistente. Por infelicidade, o que vêem não é o cristianismo, mas uma colcha de retalhos de dogmas isolados. Por outro lado, a veste da graça é uma obra de corte e costura perfeita. É um manto da justiça, que embeleza todas as faculdades da natureza humana e que forma um nítido contraste com o método de ocultar defeitos mediante um trabalho desajeitado de aplicar remendos.

CAPÍTULO IX

ENSINOS DE JESUS SOBRE SUA VINDA EM GLÓRIA

A – O SERVO FIEL E O MAU SERVO – MATEUS 24:45-51

Nessa parábola, Jesus falava do pastor fiel, que ensina a Palavra de Deus. A casa referida é a casa de Deus, e os membros da família são o Seu povo. O Senhor quer que sejam alimentados com a Palavra de Deus em tempo hábil. A Palavra é importante. Muitos pastores hoje, ao invés de ensinarem as Escrituras, pregam a reforma social, a filosofia, a política, resenhas de livros, tudo, menos a Palavra de Deus. O servo que é fiel em toda a sua casa receberá a bênção do Senhor. Sim, ser-lhe-á dada uma rica recompensa. A ele serão confiados todos os bens do seu Senhor.

A lição desta parábola é a fidelidade. A recompensa da fidelidade é a promoção a um serviço numa esfera mais alta. Nosso serviço a Deus não termina com nossa vida aqui na terra. Continua no mundo do porvir. Deus tem um plano glorioso para aqueles que são fiéis no Seu serviço. Envolverá Seu grande programa de toda a eternidade futura.

B – AS DEZ VIRGENS – MATEUS 25:1-13

- A parábola começa com a palavra “Então Assim”, tem conexão com os versículos anteriores que tratam dos eventos que ocorrerão na ocasião da vinda de Cristo. Diz respeito a dez virgens que pertenciam ao grupo de madrinhas da noiva, e que saíram ao encontro do noivo. Não há engano quanto à identidade do noivo, pois ele claramente representa Cristo.

- A pergunta dominante, que tem resultado em muitas controvérsias é: exatamente qual parte da igreja visível é representada pelas dez virgens? Sabemos que, no simbolismo bíblico, o número dez representa uma conta completa. As dez virgens, portanto, representam a Igreja de Cristo conforme ela existe hoje, e é retratada a cena, final, os eventos que ocorrerão na própria vinda do Senhor.

- Mas as dez virgens representam o bem e o mal no Reino dos Céus. Representam os justos e os ímpios, o trigo e o joio, os bons peixes e os maus? Há vários motivos para não podermos aceitar esse ponto de vista. Na parábola anterior, todos os servos fiéis e maus são incluídos.

- A circunstância que marcou especialmente o servo mau foi que ele disse: "Meu senhor demora-se." E, tendo adotado esse ponto de vista, passou a fazer parte dos glutões e ébrios. Passou, também, a dominar sobre seus conservos e a usurpar autoridade sobre eles. Era totalmente hipócrita, um cristão espúrio, um guia cego dos cegos, para quem está reservado o castigo imediato na vinda do Senhor.

- Todas as dez virgens, por outro lado, antegozavam a volta iminente do noivo, e esperavam por Ele em tempo hábil. Devemos entender que essas virgens representam um grupo bem diferente do falso servo mencionado antes, que fingia ser de Cristo mas que na realidade era um apóstata da fé.

- O termo "virgem" tem uma aplicação distintiva nas Escrituras. Paulo fala do crente em termos de "virgem pura," separada para Cristo. (II Coríntios 11:2) Em outro texto, a palavra virgens é empregada em Apocalipse 14:4 como designação das primícias de Deus, em quem não há dolo. O Salmo 45:6-15 retrata uma cena de Cristo saindo dos palácios de marfim para encontrar-Se com Sua noiva.

- Ao seguirmos a linguagem figurada que as Escrituras empregam, devemos concluir que uma virgem simboliza o crente que se separou do mundo. Não tem referência ao sexo nem à situação conjugal propriamente dita. "Virgem" é o termo usado simbolicamente nas, Escrituras para definir o seguidor de Cristo que não se maculou com fornicção ou adultério espirituais, conforme são aludidos em Tiago 4:4. Cristãos professos que namoricam com o mundo cometem adultério espiritual, e não podem ser considerados "virgens" no sentido bíblico.

- A expressão "dez virgens" deve ser compreendida no sentido de todos os crentes genuínos dentro da Igreja. O número dez prefigura as muitas organizações da Igreja, seus grupos, nacionalidades, e formas de serviço existentes no fim da Era Cristã. Formam um paralelo com a boa semente" e os "peixes bons" das outras parábolas.

- Essa parábola nos conta no sentido que as dez virgens tomaram as suas lâmpadas e saíram a encontrar-se com o noivo. Quais são as lâmpadas? A Tua Palavra é lâmpada para os meus pés, diz o Salmista. Era a lâmpada que capacitava as virgens a saírem de noite para encontrar-se com o noivo. É a Palavra de Deus que capacita o povo de Deus a saber e compreender a verdade gloriosa da vinda de Cristo. Num sentido simbólico, a Palavra que se tornou carne veio a ser a Luz

do mundo (João1: 1- 14). É por causa da Luz que veio a todos os homens, que podemos dar testemunho da Luz (João1:6-9). Em certo sentido, todos os crentes em Cristo são luz do mundo (Mateus 5:14).

- Até essas alturas, as dez virgens parecem ser um só grupo unido, que tem em comum as mesmas expectativas, e que se interessa pelo mesmo evento. Mas aparece uma diferença, e ela se manifesta nos preparativos que foram feitos. Cinco eram prudentes, e cinco eram néscias. No caso dessas últimas, seus preparativos eram insuficientes. Embora todas as virgens levassem uma lâmpada ardente e brilhante na mão direita, somente metade delas levava junto uma garrafa de azeite de reserva, para continuar alimentando a lâmpada durante as longas vigílias da noite. Quanto ao significado do azeite, todos concordam. O azeite é o símbolo padronizado do Espírito Santo. A intenção de Deus é que Seu povo fique ungido com aquele óleo, assim como Cristo foi ungido (Lucas 4:14-18). Quando o apóstolo Pedro pregou na casa de Cornélio, falou que Deus ungiu Jesus de Nazaré para Seu ministério (Atos 10:38). O apóstolo João declara que os discípulos de Cristo são ungidos por esse mesmo Espírito (1 João 2:20,27). A unção que dele recebestes permanece em vós.

- Mais uma lição que notamos na parábola é que todas as dez virgens tinham azeite nas suas lâmpadas no início. Tais lâmpadas pois, nem sequer podem ser acesas sem algum azeite. E as lâmpadas não podem apagar-se (conforme menciona o v. 8) sem ter estado brilhando antes. E certamente as virgens não poderiam ter saído na escuridão da noite se as suas lâmpadas não estivessem ardendo. Este fato muitas vezes passa despercebido. Se aceitamos que o azeite representa o Espírito Santo, precisamos reconhecer que todas as virgens tinham algum azeite.

- Onde, pois, se achava a diferença entre as virgens prudentes e as virgens néscias? Está declarado com clareza que as néscias não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. Levavam consigo um suprimento adicional de azeite nas suas vasilhas. Paulo nos diz que levamos esse tesouro em vasos de barro, nosso corpo, e que esse poder resplandece para iluminação do conhecimento da glória de Deus.

- Fica evidente que essa plena medida do Espírito faltava às virgens néscias. Tinham o Espírito em certa medida, porque ninguém pode dizer que Jesus é Senhor senão pelo Espírito (João3:3-5; 1 Coríntios 12:3). Mas isso é diferente de ter a plenitude do Espírito. Nosso corpo (ou

"vaso") é o próprio templo do Espírito Santo (1 Coríntios 6:19). Precisamos, para cumprirmos o propósito de Deus na nossa vida, e para estarmos prontos para o encontro com o Noivo, ter a plenitude do Espírito Santo.

- A parábola nos informa que houve um atraso inesperado: E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono, e adormeceram (Mateus 25:5). O grupo de mocinhas tinha andado uma boa distancia até um lugar de reunião, combinado de antemão, onde deviam aguardar o sinal da vinda do noivo. Mas bem depois do anoitecer, e passado o horário normal do sono, as conversas iam se reduzindo ao silêncio com a chegada da sonolência. Finalmente, as virgens caíram num sono profundo.

- A introdução do elemento de sono sugere um intervalo de tempo em que, segundo parece, o noivo adiou a sua chegada. O sono pode simbolizar inatividade. Quando as pessoas dormem não têm consciência do que acontece ao seu redor. Mesmo havendo perigo por perto, nada sabem a respeito. A casa pode estar em chamas, ameaçando a família inteira; mas enquanto as pessoas dormem, não percebem o fato.

- É possível que o sono das virgens também indique outras coisas. Ilustra como a Igreja abandonou, na Idade Média, a esperança da Segunda Vinda. Por algum tempo a Igreja Primitiva, assim como as dez virgens da parábola, sentia ansiosa expectativa da volta do Senhor. Paulatinamente, a Igreja foi perdendo aquela esperança. Devido à longa demora na volta do Senhor, a verdade da vinda do Senhor foi caindo no esquecimento. Ao empalidecer aquela esperança, houve também um declínio da vida espiritual na Igreja. Os cristãos se tornaram indiferentes e apáticos.

- Mas à meia-noite foi a hora em que menos se esperava o noivo. Há duas maneiras de entendermos o texto supra. Podemos supor que era o momento exato da chegada do noivo pessoalmente, ou entender que era o horário em que soou o aviso da sua próxima vinda. Consideremos o grito como o sinal do despertamento da Igreja diante da grande verdade da Segunda Vinda.

- O último versículo da parábola contém a ordem de vigiar: Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que virá o Filho do homem (Mateus 25:13).

- Embora essa parábola sugira esse quadro das várias atitudes da Igreja, em períodos diferentes, para com a Segunda Vinda, parece claro que o propósito principal da parábola seja focalizar a atenção mais especificamente nos eventos que ocorrerão na própria ocasião da vinda do noivo. Uma coisa que essa parte da parábola ensina parece bastante clara. Haverá grande desapontamento entre certa parte da Igreja na Vinda de Cristo. Não falamos daqueles que negam totalmente a Sua vinda, tais como o servo infiel, mas daqueles que realmente aguardam a Sua vinda, que chegarão ao reconhecimento terrível que estão despreparados para encontrar-se com o Noivo. Realmente, antegozavam o evento, e agora chega a eles a terrível verdade de que não estão preparados. O que está errado? Não levaram azeite nas vasilhas para acompanhar as lâmpadas.

- Existe um ensino muito popularizado, que diz que todos que são salvos serão levados com Cristo quando Ele vem buscar a Sua Igreja. As Escrituras, no entanto, ensinam o contrário. O próprio Jesus disse: Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder, e estar em pé na presença do Filho do homem (Lucas 21:36). Um Será levado, e um será deixado.

C – AS DEZ MINAS – LUCAS 19:11-27

Nessa parábola vemos, que o trabalho do cristão, à parte do seu valor para o Senhor no tempo presente, é um tipo de escola de treinamento para dar experiência visando as coisas muito mais grandiosas no futuro. Quando for terminada a nossa obra aqui, seremos transferidos para um novo Reino a fim de participar da administração dos assuntos da vida do porvir. Só poderemos especular quanto à glória daquela grande obra. Sabemos que o escopo aumentado de nosso serviço a Deus importará em recebermos faculdades imensamente aumentadas para a atuação. Não haverá mais Satanás nem conflito com o mal. O servo realmente entrará no gozo do seu Senhor. Mas, por contraste com essa perspectiva maravilhosa, temos as trevas e os ais de um servo rejeitado, que não quis servir a Deus.

D – HADES, A TERRA DA NOITE – LUCAS 19:11-27

- O Hades é um assunto apropriado para ser considerado numa pregação do púlpito? As pessoas devem ser advertidas contra irem para tal lugar? Já que nesta vida temos a obrigação de avisar nosso próximo quanto aos perigos que existem não deveríamos avisá-lo daqueles do mundo do porvir? São bem poucos os anos que nos são concedidos nesta terra, e a eternidade se estende por um tempo infinito. Por que a raça humana se ocupa exclusivamente com estes breves anos, ao ponto de desconsiderar os anos infindos no outro lado do tempo?

- O mundo, como um todo, pode não reconhecer a divindade de Cristo; nem por isso deixa de respeitá-lo como uma Pessoa benevolente da história. Todos concordam quanto à bondade essencial de Cristo.

Seus ensinamentos, portanto, merecem a mais sóbria consideração. Jesus nos diz em linguagem bem clara que aquilo que fazemos neste mundo determina, para o bem ou para o mal, nosso bem-estar e destino no mundo do porvir. Por certo, a mínima saúde mental deve exigir que prestemos atenção às Suas advertências e nos preparemos para a hora em que atravessaremos do tempo para a eternidade.

- Já que é considerada coisa digna salvar a vida humana de alguma desgraça neste mundo, mediante aviso tempestivo, não devemos prestar atenção àqueles que querem nos advertir contra os perigos que afetariam o bem-estar humano no mundo do porvir? Cristo nos tem dado, com toda a seriedade, as informações essenciais a respeito das condições que existem além do véu. Se Ele estiver enganado e não nos tiver dado uma explicação certa, realmente não saberíamos onde buscar a verdade.

- É através do corpo físico que desfrutamos das bênçãos da vida física. Na morte, porém, perdemos esse corpo. Por isso, aquele que vive somente para satisfazer seus apetites físicos, sem levar em conta a sua natureza espiritual, terá que perder, na hora da morte, todas as coisas em prol das quais vivera. Como espírito desencarnado, o homem ainda mantém seu estado consciente e a sua memória, mas não tem meios de gratificar os apetites que tinha na Terra.

- Na morte, a natureza moral do homem não muda em nada. Se é pecaminoso, profano, e dado à impureza, inveja e ciúmes no seu coração, sentirá as mesmas emoções e paixões depois de seu espírito partir do seu corpo. O que acontece com aqueles que ouviram o Evangelho, e que

tiveram a oportunidade de aceitar Cristo, mas que nunca atenderam à chamada? Na hora da morte, qual é a situação deles? Não virá, no momento em que reconhecerem que perderam tudo, um senso assoberbante de remorso? Finalmente, vêm se face a face com as realidades da eternidade. Não há meio de voltarem ao mundo de onde saíram. A irreversibilidade da morte deixa as pessoas estarecidas. Aqueles que nesta vida cometem erros graves e depois reconhecem que é tarde demais para endireitar a situação só poderão sentir de modo muito fraco o remorso terrível da alma que partiu desta vida sem ter recebido a salvação.

- Fica óbvio que o rico no Hades teve essa experiência. Tivera acesso às Escrituras; soubera o que ensinavam; compreendera o significado do arrependimento, mas lá no Hades, era tarde demais para ele pôr em prática o que sabia. Há um ditado: Havendo vida, há esperança." Que hora terrível de despertar quando o espírito precisa ajustar-se à verdade terrível de que tudo está perdido! Vêm à mente as palavras de Jesus: Ali haverá choro e ranger de dentes, quando VIRDES no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós lançados fora (Lucas 13:28).

- Alguns se permitem a ocupação agradável de sonhar na possibilidade da redenção dos perdidos no Hades. É natural querer ser otimista quando o estado eterno das almas está em jogo. Infelizmente, porém, as Escrituras não nos oferecem base para termos; essa esperança no caso daqueles que negligenciaram a salvação. Como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação? dizem as Escrituras. Eis agora o tempo sobremodo oportuno, eis agora o dia da salvação. Se é que há alguma esperança no Hades, as Escrituras certamente nada dizem nesse sentido.

- Existe um fato pavoroso que não se refere frequentemente, e que parece ser argumento contra a redenção dos ímpios que já foram além dos limites. É um fato que apoia a evidência que se acha nas Escrituras. É que espíritos malignos e desencarnados existem neste mundo e têm o desejo forte de habitar em algum corpo humano (Lucas 11:24-26). É inconcebível que Deus os tenha criado naquela condição ímpia, de modo que somos forçados a ver a verdade de que antes eram seres justos, mas que passaram a ser irremediavelmente maus. Por isso, temos nítida evidência independente de que a desencarnação não transforma uma natureza réproba, mas somente a fixa de modo permanente.

- Às vezes, alguém pergunta se no Hades os espíritos perdidos São atormentados por chamas físicas. Obviamente, o fogo físico não exerce nenhum efeito sobre espíritos. As chamas do Hades são as chamas da concupiscência, dos desejos malignos e inclinações perversas que não se pode apagar. Todo espírito no Hades é dominado pelas paixões que ali predominam. Aqueles que entram naquela região são obrigados a se entregar imediatamente às influências que imperam ao seu redor.

- O Hades não fornece nenhum conforto físico, nenhuma paz para a alma, nenhum alívio; é um mundo da fantasia, da ilusão e da decepção. O espírito anseia por coisas que não há meios de obter. O rico desejava umas poucas gotas de água para satisfazer a sua sede ardente, mas mesmo um pedido tão singelo assim não podia ser atendido.

- É óbvio que um dos elementos do Hades que mais provoca torturas é o reconhecimento de amigos que tínhamos na terra. Marietta Davis, na sua visão do Hades, declarou que seu maior choque era encontrar-se com aqueles que conhecera antes, e reconhecê-los. Disse: "Àqueles espíritos que conhecera na terra, continuei reconhecendo quando os vi ali." O rico no Hades reconheceu Abraão e Lázaro. Não queria encontrar-se com os cinco irmãos que estavam seguindo um caminho que levaria ao mesmo lugar onde ele estava.

- Verdadeiramente, Deus, na Sua misericórdia, deseja salvar os homens das conseqüências do pecado. Mas, embora a salvação seja oferecida de graça ao mundo, e embora os mensageiros do Céu procurem persuadir o pecador, milhões continuam recusando, e outros milhões se limitam a especular a respeito das grandes verdades ligadas com a redenção. Por outro lado, Deus tem uma mansão preparada no Céu para cada coração disposto a aceitar a salvação.

- Devemos nascer de novo. Nossa natureza precisa ser transformada. Nossa natureza sem conversão tem uma única tendência, que é para baixo e em direção ao pecado. Aqueles que se entregam à sua natureza original ficam cada vez mais envolvidos nas malhas da iniquidade até suas inclinações se tomarem totalmente ímpias. Morrer nessa condição significa que a pessoa irá àquela região onde a sua natureza tem afinidade. Será atraído ao elemento dominante com o qual corresponde a sua natureza caída.

-

CAPÍTULO X

O ENSINO DIRETO AOS APÓSTOLOS

A – A GRANDE CONFISSÃO – MATEUS 16:13-19

- Nenhum estudo da vida de Cristo ficaria completo sem oferecer um quadro do treinamento que Ele oferecia aos Seus discípulos. Já notamos no nosso estudo anterior como Jesus continuamente respondia às perguntas por meio de fazer outra pergunta. Nesta seção, Jesus faz aos Seus discípulos duas perguntas momentosas. A resposta que Pedro deu à segunda: "Quem dizeis que Eu sou?" sempre será lembrada como a "Grande Confissão."

- Como resposta a essa grande confissão, Jesus fez algumas declarações notáveis, a respeito das quais tem havido controvérsias acirradas durante séculos. Tratava-se de uma promessa de que a igreja, alicerçada nessa Grande Confissão, não seria vencida pelos poderes do inferno; pelo contrário, na pessoa dos seus representantes, teria poder para abrir e fechar, ligar e desligar, e aquele poder, exercido com fidelidade na Terra, seria ratificado no Céu. Em certo sentido, Pedro, mediante a sua confissão, passou a ser a primeira pedra a ser deitada no alicerce. Outros viriam depois e se tornariam parte da estrutura. Mas obviamente é ridícula a idéia que Pedro se tornaria parte do alicerce. Cristo é o alicerce, embora Pedro, bem como todos os demais discípulos, tivessem parte nele (Mateus 16:19). Vemos claramente que não foi somente Pedro que recebeu essa promessa, pois em Mateus 18:18 as chaves do Reino dos Céus, que incluem o poder de ligar e desligar, foram dadas aos demais apóstolos tanto quanto a Pedro.

- Para Pedro a promessa teve um cumprimento singular. Foi ele quem, no Dia de Pentecostes, abriu as portas da Igreja Cristã para 3.000 judeus que foram convertidos através do seu sermão. E foi também ele que, na casa de Cornélio, admitiu os primeiros gentios aos privilégios da comunhão cristã (Atos 10; 15:7)

- A promessa, porém, tem um escopo muito mais abrangente do que a pessoa de Pedro. É dada à Igreja, mas somente à medida que ela permanecer na união do Corpo de Cristo. Se assim não fosse, ninguém mais teria autoridade para disciplinar ninguém, nem mesmo para pregar o evangelho, tendo em vista que toda a expectativa para isto estaria sobre um homem que já

morreu. No entanto, quando olhamos para o significado verdadeiro dito por Jesus, entendemos que todos aqueles que se tornaram filhos de Deus, através de Jesus Cristo, tem autoridade para abrir as portas da Igreja àqueles que aceitarem o convite do amado Mestre Jesus.

B – O JOVEM RICO – MARCOS 10:17-22

- Enquanto Jesus e Seus discípulos partiam do local onde Ele abençoara as crianças, houve um incidente bastante notável. Um jovem de importância, que era chefe da sinagoga e rico, ainda por cima, aproximou-se e ajoelhou-se diante dele. O jovem chegara à conclusão de que estava negligenciando uma grande oportunidade e foi ver Jesus na casa onde Ele estava hospedado. Chegando perto, viu que Jesus e Seus discípulos já tinham começado sua viagem. Correu atrás, e, quando os alcançou, ajoelhou-se aos pés de Jesus e Lhe perguntou: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

- Foi a mesma pergunta que certo intérprete capcioso da lei fizera na sinagoga (Lucas 10:25). É possível que o jovem rico, um chefe da sinagoga, tivesse ouvido comentários a respeito, e passasse a sentir no coração o anseio de, ele também, obter uma resposta de Jesus. Como chefe da sinagoga, decerto um fariseu, mas de tipo mais nobre do que a maioria dos membros da seita. O jovem rico tinha obedecido meticulosamente aos mandamentos da Lei, e, da mesma maneira que Saulo de Tarso nos dias da sua ignorância, considerava-se inculpável. Mesmo assim, o jovem ainda se sentia insatisfeito, e por essa razão foi fazer a pergunta a Jesus.

- Havia algo atraente nesse jovem, que, embora possuindo a juventude e uma posição de distinção, parecia tão zeloso no assunto da sua alma. Jesus, contemplando-o, sentiu amor por ele.

- Mesmo assim, havia aspectos errôneos na sua pergunta. Acreditava que, por meio de fazer algo grandioso, de realizar um ato de heroísmo, ou de cumprir algum mandamento extraordinariamente difícil pudesse qualificar-se para receber a vida eterna. Além disso, o jovem, ao dirigir-se a Ele, não tinha falado no estilo usualmente empregado ao falar com um rabino, mas como se falasse à Deidade. O jovem realmente considerava Jesus assim? Daí a resposta de Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um só, que é Deus.

- Jesus não aceita o título de "Messias" no falso sentido em que o povo queria atribuí-lo a Ele. Nem queria aceitar o título "bom" no sentido de Ele ser um "homem bom," mas nada mais do

que um homem. Mas Jesus não deixou de continuar. - Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos (Mateus 19:17). Essa resposta desconcertou um pouco o jovem, que não esperava que fosse tão simples assim. Passou, então, a perguntar: "Quais?" Não imaginaria que o Senhor Se referisse meramente aos Dez Mandamentos. Mas Jesus respondeu, citando aqueles da Segunda Tábua.

- A isso, o jovem respondeu: Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude (Marcos 10:20). Sem dúvida, ele os observara literalmente, conforme todos os bons israelitas procuravam fazer; mas é claro que pouco sabia a respeito do Espírito por detrás daqueles mandamentos, conforme Cristo ensinara no Sermão da Montanha.

- Jesus olhou para ele, amou-o, e o queria para ser Seu discípulo. Mas, para isso, o jovem teria primeiramente que ser aprovado no teste que Jesus dera aos demais discípulos. Ele disse, portanto: "Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu, então vem, e segue-me" (Marcos 10:21).

- O fracasso do jovem rico diante dessa prova deixou triste o grupo dos discípulos. E Jesus, olhando para todos eles, fez um comentário que assustou a todos eles. "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas" (Marcos 10:24-25). Por mais atônitos que tenham ficado os discípulos, o Senhor não quis abrandar Sua declaração, mas reforçou-a com um provérbio: "Filho, quão difícil é para os que confiam nas riquezas entrar no reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus" (Marcos 10:24-25).

Essas palavras bateram nos ouvidos dos discípulos como Jesus lhes respondeu: "Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Mateus 19:28).

- Lastimavelmente, poucos cristãos satisfazem as condições da promessa da vida eterna. Existem discípulos em demasia que querem primeiro as casas e os campos. Não, estão dispostos a fazer o sacrifício supremo. Talvez obtenham o que desejam mas no fim perdem a recompensa espiritual. Alguns, porém, na sua alegria entregam tudo a Cristo e estão, contentes em fazer sacrifícios a fim de cumprirem a chamada do seu discipulado. Quando Deus abençoa tais pessoas com coisas materiais, freqüentemente é uma surpresa para elas. Judas tentou vender o seu

investimento por trinta moedas de prata, perdeu tudo, tanto a parte material quanto a parte espiritual. Pedro e os demais discípulos acabaram sendo mordomos de riquezas, contribuídas por milhares de pessoas. Não as esbanjaram para seu próprio uso, porém as gastavam nas despesas de estabelecer a Igreja nascente e da evangelização do mundo. Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros (Marcos 10:31).

C – A CRUELDADE DE PILATOS – LUCAS 13:1-3

- Enquanto Jesus chegava perto de Jerusalém, houve alguns que queriam precavê-Lo a respeito de Pilatos! Certo grupo de galileus tinha ido a Jerusalém a fim de prestar culto a Deus. Segundo parece, sua missão era pacífica: queriam apresentar suas oferendas no Templo. É possível que não tenham sido cautelosos na sua conversa. Todos os galileus sempre deixavam conhecer sua disposição de participar de qualquer resistência à tirania romana. Por certo, seus comentários tinham chegado até Pilatos e despertado as suas suspeitas. Enquanto ainda ofereciam seus sacrifícios, os soldados de Pilatos os atacaram, ceifando as suas vidas e misturando seu sangue com o dos sacrifícios.

- Ao mesmo tempo, Jesus aludiu- Se a outra tragédia que ocorrera quando a Torre de Siloé desabou e matou dezoito pessoas. Os judeus tinham a idéia de que quando uma pessoa morria vítima de violência, era sinal do desagrado divino. Se, por outro lado, eram, prósperos, era sinal do beneplácito de Deus. Jesus queria dissipar essas noções. Embora Ele não negasse o aspecto providencial de as pessoas serem livradas de males, não aceitou que a tragédia fosse sinal de que as vítimas eram pecadoras piores do que outras pessoas. As palavras Lucas 13:4-5, foram cumpridas quarenta anos mais tarde, quando, então, os muros de Jerusalém foram derrubados pelos aríetes de Tito. Multidões pereceram, e os sobreviventes foram enviados aos mercados de escravos do mundo. Não queriam arrepender-se, e pereceram.

CAPÍTULO XI

E COMEÇA A OPOSIÇÃO AO MESSIAS

A – OS MOTIVOS DA OPOSIÇÃO

1. Agora devemos começar a notar como surgiu a oposição contra Jesus. Vários fatores contribuíram para essa nova situação. Mas os primeiros sinais de desagrado contra Ele parecem ter aparecido depois de Ele falar: “*Perdoados são, os teus pecados*”.

Jesus tinha Se dirigido assim à mulher pecadora e também ao paralítico que Ele curou. Nos dois casos, as palavras tinham provocado desagrado e forte desaprovação por parte dos fariseus. O fato de Jesus ter vindicado Seu direito de perdoar os pecados não mudara a situação. Ninguém podia negar que tinha havido curas, pois havia muitas testemunhas para confirmá-las. Por isso, Seus inimigos não podiam negar que Ele tinha esse poder. Mas o próprio fato de terem sido frustrados na sua oposição ao perdão dos pecados que Jesus concedia, deixou-os cada vez mais amargurados. Não existe nada que enfureça mais os eclesiásticos bitolados do que ofendê-los nas suas crenças doutrinárias mesquinhas.

2. Confeccionaram, ainda, outra acusação contra Ele, de que era um *glutão e bebedor de vinho* (Mateus 11:19). Embora Jesus não seguisse o ascetismo extremo de João Batista, vivia uma vida de simplicidade. Comparecia nos banquetes onde era convidado, que não era nem mais nem menos do que os fariseus faziam. Dessa maneira, conseguia novas oportunidades para alcançar pessoas-chaves com a Sua doutrina. Jesus, respondendo às acusações feitas contra Ele pelos fariseus, disse que estes eram como crianças manhosas que nunca se contentavam com nada. Acusavam Jesus de intemperança porque aceitava convites para jantar fora. Por outro lado, tinham dito que João Batista tinha demônio, porque pregava contra a corrupção social. Essas acusações eram tão obviamente infantis que não demoraram para ser abandonadas. O povo em geral sabia muito bem que a conduta pessoal de Jesus e de João Batista era irrepreensível.

3. Alguns achavam que podiam criticá-Lo porque Ele não jejuava tão freqüentemente quanto João Batista e seus discípulos. Esses críticos esperavam, assim, conquistar a simpatia dos discípulos de João Batista. Mas o fato de Jesus não jejuar, nem exigir que Seus discípulos jejuassem, não resultou em nenhuma perda da simpatia do povo. Além disso, Jesus deixou claro que viria a hora em

que Seus discípulos jejuariam (Mateus 9:15). Ensinava, também, que a expulsão de certos demônios poderosos exigia o jejum (Mateus 17:21). Quanto ao próprio Cristo, iniciara o Seu ministério público com um jejum de quarenta dias de duração.

4. Na questão de Cristo conviver com os publicanos e os pecadores, foi levantada uma oposição mais grave. A escolha que Ele fez de Mateus, um publicano, para ser um discípulo deve ter ofendido muito os fariseus. Estes consideravam maldito o povo que não conhecia a Lei (João7:49). Mas, para maior desgosto deles, aí havia Jesus convivendo livremente com eles. Até mesmo permitiu que mulheres tais como Maria Madalena, de quem expulsara sete demônios, acompanhassem o Seu grupo. Como a atitude de Jesus era diferente daquela dos fariseus! Para estes, o mero toque de semelhantes criaturas era considerado uma poluição. Jesus repreendeu a falsa justiça e o espírito descaridoso deles, falando um provérbio: Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes (Lucas 5:31). O senso de casta que tinham pode ser comparado com o que existe hoje na Índia, país este que também tem os seus intocáveis. Nem mesmo os discípulos estavam totalmente imunes a esse conceito. Depois da ressurreição, alguns deles acusaram Pedro de visitar os incircuncisos e de comer juntamente com eles (At 11:3).

5. Mas como os fariseus, com sua oposição inalterável a Jesus, confeccionariam uma acusação verossímil, que pudessem enquadrar na Lei? Uma acusação havia, que achavam que lhes servisse. Acusaram-No de violar a Lei por não observar o Sábado, como veremos nos exemplos a seguir:

a) Os Discípulos São Acusados de Violar o Sábado: O primeiro ataque contra Ele foi na ocasião em que passava pelos campos de trigo no sábado. Os discípulos sentiam fome, e pegaram em alguns grãos de trigo e os esfregaram nas palmas das mãos, assopraram a palha e comeram os grãos (Mateus 12:1-2). Os sabatarianos ficaram muito zangados com essa ação, que classificavam como delito grave. Segundo a escola de Shammai, tratava-se da violação em primeiro grau do Sábado, coisa totalmente proibida. Nada havia de errado quando os discípulos colheram os grãos, que a Lei de Moisés permitia (Deuteronômio 23:25). O crime terrível era fazer assim no dia de Sábado.

Embora Jesus não tivesse participado do ato dos Seus discípulos, Ele não deixou de protegê-los com a Sua aprovação. Ressaltou diante dos judeus o fato que Davi entrara na casa de Deus no dia do Sábado e comera dos pães da proposição, que eram sagrados, e que não deviam ser comidos por ninguém senão pelos sacerdotes (1 Samuel 26:1 e Levítico 24:8-9).

O Senhor ressaltou, ainda, que os sacerdotes no Templo profanavam o Sábado. Cortavam a madeira, acendiam o fogo, sacrificavam as vítimas, e circuncidavam os meninos no dia do Sábado, mas permaneciam inculpáveis. Se o Templo os desculpava, a presença daquele que era maior do que o Templo não desculparia esses discípulos? Pois Jesus era mesmo maior do que o Templo. O Senhor passou a lembrar-lhes, de novo, de que a misericórdia era melhor do que o sacrifício. O Sábado era designado para a misericórdia; logo, atos de misericórdia podiam ser realizados naquele dia. O Sábado, pois, foi feito para o homem, e não o homem para o Sábado. E terminou, dizendo: *Porque o Filho do **homem é Senhor do Sábado*** (Mateus 12:8).

b) Curada a Mão Ressequida no Dia do Sábado: No texto de Mateus 12:9-14, Jesus reverenciava a Lei, mas Sua intenção era remover os detritos e restos da invenção humana, a fim de restaurar a simplicidade e majestade original da Lei de Moisés. Mais tarde no mesmo dia Jesus entrou na sinagoga. Ali havia um homem que tinha uma das mãos ressequida. A tradição declara que era um pedreiro, e que fez esse pedido a Jesus: "Rogo-Te, Jesus, restaura-me a saúde, para eu não passar a vergonha de mendigar o meu pão." Os escribas, os fariseus, e os herodianos, todos estavam presentes para ver o que Ele faria. Jesus não os deixou na dúvida durante muito tempo. Primeiro, mandou o homem com a mão ressequida colocar-se em pé no meio; e então, voltando-se para aqueles que o observavam com olhares malignos, percebeu a pergunta que tinham no coração, e disse: *É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? salvar a vida ou tirá-la?* (Marcos 3:4). A pergunta foi colocada com clareza sublime. Se dissessem diante do povo que não era lícito curar o homem, todos os considerariam monstros. Não sabendo o que dizer, mas não querendo consentir com o milagre, ficaram em silêncio.

Jesus reforçou implacavelmente a Sua lição, dizendo-lhes: *Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali? Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito fazer bem, aos sábados*

(Mateus 12:11-12). As palavras foram bem expressadas. Não se podia responder a semelhante argumento, e a hipocrisia dos críticos ficou desmascarada diante do povo. Em seguida, a compaixão do Senhor estendeu-se ao infeliz que perdera a capacidade de ganhar a vida e que teria ficado naquela condição desgraçada se aqueles eclesiásticos desprezíveis tivessem conseguido impor a sua vontade. O espírito de Jesus inflamou-se com santa indignação. O sectarismo preconceituoso e estreito deles já os tinha levado bem longe da compaixão humana! Até que ponto esses homens permitiriam, em nome da religião, que seus preconceitos guerreassem contra tudo quanto era decente e certo? A religião dos fariseus não era nada mais do que uma camada de verniz, de piedade sem amor nem compaixão pelos infortúnios do próximo. Esses homens não passavam de religiosos fraudulentos, de guias cegos dos cegos.

Jesus olhou em derredor; Seu rosto ardia em santa ira por serem eles tão malignos e maldosos. Em seguida, voltando-se para o homem, Ele disse: "Estende a tua mão." Como o aleijado poderia fazer isso? A mão estava atrofiada, inútil. Mas o poder de Deus fez a diferença. A fé é um ato. Foi feito o esforço, e no mesmo instante a mão ficou sendo tão perfeita como a outra.

E como ficaram os escribas e os fariseus? Qual efeito o milagre teve sobre eles? Totalmente frustrados, desmascarada a sua hipocrisia, foram completamente derrotados na sua tentativa de inventar um motivo para levantar acusações contra Ele. Jesus não tocara no homem, nem lhe fizera perguntas. Só falou a palavra. E até mesmo os fariseus tinham que reconhecer que falar não era uma violação do Sábado. Ardendo em ódio e raiva, saíram da sinagoga a fim de conspirar contra Ele juntamente com os herodianos. Era uma conspiração profana. Até então, tinham sido os maiores inimigos dos herodianos, membros de uma seita dos saduceus, seita esta que existia no norte do país e que fazia tudo para agradar a Herodes, a fim de obter seus favores políticos.

Não somos informados por que esses traidores, os herodianos, eram inimigos de Cristo, mas é fácil percebermos que Sua pregação destemida contra suas vidas de iniquidade deixara-os envergonhados. A posição firme que Jesus tomara contra o divórcio, que também se constituía em forte crítica contra o casamento adúltero de Herodes, pode ter sido um dos fatores dessa inimizade contra Ele. Esses semi-apóstatas esqueceram-se da sua animosidade contra os fariseus,

e, conspirando com estes, resolveram que Jesus teria que morrer. Naquela mesma hora, teriam gostado de tomar vingança dele, matando-O ali, se não tivessem sido impedidos nisso porque Cristo desfrutava da simpatia da multidão. Mas os conjurados não deixavam de espreitar alguma oportunidade para isso; procediam com cautela, mas nunca se desviaram do seu propósito malicioso, até finalmente conseguir impor a sua vontade no Calvário.

B – COMO SURGIRAM OS FARISEUS

- As sementes do farisaísmo foram semeadas durante o cativeiro babilônico. Os israelitas exilados, privados do seu Templo, tinham que contentar-se com o sonho da sua restauração, e com o Livro da Lei que tinham levado consigo. A Lei passou a ser o centro da vida dos judeus, e a alma do judaísmo. Quando o povo voltou do cativeiro, e o Templo foi reconstruído, a antiga ordem sacerdotal foi restaurada, mas a Lei não cessou de ser a alma da nação.

- Lado a lado com o culto no Templo, e à parte dos sacerdotes, foi surgindo um grupo de escribas e de intérpretes da Lei que se declaravam os únicos autorizados para aplicarem a Lei. Invasores estrangeiros podiam entrar e saquear o Templo, ou destruí-lo, mas não podiam destruir a Lei.

- Foi depois da revolta dos Macabeus que os fariseus surgiram como um partido político-religioso, fortemente estabelecido. Josefo, que nos fornece boa parte das informações que temos a respeito deles, nos conta a sua história. Declara que os primeiros fariseus transmitiram certas regras e regulamentos que não se acham nos Livros de Moisés. A seita recebeu bastante popularidade e apoio entre as massas. Havia outra ordem, chamada dos Saduceus, cuja influência não era tão grande como a dos fariseus. Não acreditavam na continuação da alma depois da morte, nem nas penas e recompensas na vida do além. Conforme declara o escritor de Atos: Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas (Atos 23:8).

- Os fariseus acreditavam que estava para vir uma época boa para os judeus, na qual as glórias do reino davídico seriam restauradas na Terra pelo Messias, o Ungido do Senhor. Esperavam num paraíso terrestre, embora acreditassem que os mortos piedosos ressuscitariam para participar dessas glórias terrestres.

- Cerca do ano 67 a.C., um homem chamado Simão subiu ao poder, e introduziu os decretos farisaicos que o governante anterior, Hircano, tinha abolido. Num só dia executou "oitenta bruxas," e estabeleceu um precedente terrível para os subseqüentes assassinatos em massa dos fariseus pelos saduceus, e vice-versa. A luta interna entre os dois partidos levou ambos a apelarem a Roma. Foram encontrar-se com o general romano Pompeu, em Damasco, para exporem os seus argumentos.

Pouco depois, Pompeu marchou contra Jerusalém. Com isso, os judeus não tinham contado, e levantaram uma resistência. Pompeu tomou o Templo por assalto e entrou no Santo dos Santos. Foi preservada a forma externa do estado judaico, mas daquela hora em diante o poder passou a Roma. A partir de então, a história dos fariseus e dos saduceus passou a consistir principalmente em intrigas e assassinatos, numa luta incessante pelo poder, sendo que os fariseus iam conquistando lentamente a ascendência. Quando Herodes tomou Jerusalém em 37 a.C., executou quarenta e cinco dos membros saduceus do Sinédrio. Poupou os fariseus, porque estes tinham aconselhado a abertura dos portares da cidade diante dele. Embora não quisessem prestar o juramento de lealdade a Herodes, este lhes respeitou as crenças religiosas. Perto do fim do reinado de Herodes, os fariseus caíram no desagrado dele, mas sua morte (que não deixou saudades!) deixou-os manter sua ascendência entre o povo. Josefo nos diz que, nos tempos do nascimento de Cristo, a seita tinha cerca de 6.000 membros.

- Parece que os fariseus, quando começavam a existir, tinham uma compreensão mais certa do espírito do Antigo Testamento do que nos dias de Cristo. Certamente ficavam mais perto do conteúdo global das Escrituras do que os saduceus. Infelizmente, ficavam manietados por sua devoção fanática às tradições orais transmitidas pelos rabinos, os ensinadores do partido. Aquelas incluíam um labirinto de regras e regulamentos mesquinhos que chegavam praticamente a obscurecer a própria Lei. Havia tantas restrições e opiniões que acabaram sendo um fardo intolerável para o povo.

- Nos dias de Jesus, o sumo sacerdote não era um fariseu, mas um saduceu chamado Anás. Esse sacerdote orgulhoso, de barba branca, era um estadista cheio de tramas e conivências. Conseguiu, mediante o pagamento de propinas vultosas, nomear nada menos que seis membros da sua família para o cargo de sumo-sacerdote. Seu filho Caifás ocupou o cargo. Esses homens eram

eclesiásticos orgulhosos. Desprezavam não somente o povo comum, mas também as ordens inferiores de sacerdotes que obedeciam às suas ordens. O partido de Anás, portanto, consistia em algumas poucas famílias sacerdotais aristocráticas. Sempre era um saduceu que, como sumo-sacerdote, presidia o Sinédrio (a corte religiosa suprema da nação), que tinha 71 membros.

CAPÍTULO XII

ÚLTIMOS DIAS ANTES DO MARTÍRIO

A – JESUS SOBE A JERUSALÉM

Para Jesus continuar a ensinar de modo organizado, não poderia passar muito tempo em Cafarnaum, com as grandes multidões seguindo-O por onde quer que fosse. Era necessário, portanto, que Ele mudasse o local do Seu ministério. Segundo parece, havia algum tempo Ele estava considerando voltar a Jerusalém em tempo para a Festa dos Tabernáculos, que estava para ser celebrada dentro em breve.

Já naqueles dias, havia bastante atividade na Galileia, pois dentro em breve a caravana anual de peregrinos estaria partindo em direção a Jerusalém, para celebrar a festa.

A Festa dos Tabernáculos era uma das mais importantes das festas anuais dos judeus. Durante os sete dias da celebração, o povo morava em cabanas, e assim relembra as suas peregrinações no deserto. A Lei era lida diariamente, e todas as manhãs, as trombetas eram tocadas vinte e uma vezes. A festa também tinha significado especial porque começava quatro dias depois do Dia da Expição, quando, então, a Expição solene era feita pelos pecados do povo.

1 - Os Irmãos de Jesus: Num dia daqueles, os irmãos de Jesus chegaram até Ele com algum conselho a respeito de fazer essa viagem. *“Ora, a festa dos judeus, chamada dos tabernáculos, estava próxima. Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos, e lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes” (João7:2-3).*

Fica evidente que os Seus irmãos na carne pensavam saber o que era melhor para Ele, mais do que Ele mesmo sabia. Estavam se preparando para fazer a viagem, e achavam que Ele devia ir também.

Posto que a fama do Seu ministério já se espalhara até àquelas alturas, havia certa distinção em ser um irmão de Jesus. Não eram crentes no sentido de Seus discípulos o serem, mas tinham visto os milagres por Ele operados, e não excluía a possibilidade de Ele ser o Messias. É claro que tinham o mesmo conceito do Messias que as multidões mantinham. Se Jesus era quem declarava ser, não devia esperar mais tempo. Que a nação soubesse quem Ele era! Para que tanto sigilo? *“Porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele” (João7:4-5).*

É difícil saber exatamente o que havia nas mentes dos irmãos quando Lhe disseram essas coisas. Parece que tomassem por certo que Jesus ansiava tanto pela fama quanto eles, e que somente a covardia o refreava. O Senhor poderia ter ficado ofendido com as observações deles, mas optou por responder com bondade e com dignidade.

Explicou que o Seu tempo ainda não chegara, e que Ele ainda não subiria a essa festa. Deixou, portanto, que Seus irmãos partissem sem terem certeza das Suas intenções.

Era, na realidade, necessário para a segurança dos Seus planos que o povo não fosse avisado de antemão, para evitar que os mais entusiastas tentassem fazê-Lo rei conforme tinham desejado fazer depois de Ele alimentar os cinco mil. O povo, é claro, perguntaria aos Seus irmãos se Ele viria à festa, e era necessário que os irmãos respondessem com sinceridade que não sabiam se Ele viria ou não.

2 – A Sabedoria de Jesus: De repente, em meio a todo esse debate, Jesus apareceu, sem o acompanhamento dos discípulos (segundo parece). Subiu diretamente ao Templo e começou a ensinar. Enquanto os judeus o escutavam, ficavam perplexos. Esse homem nunca freqüentou nenhuma das escolas rabínicas, de onde, pois, Lhe vinha tamanha sabedoria? Era uma pergunta semelhante àquela que tinha sido levantada em Nazaré.

Jesus respondeu à pergunta, dizendo que Sua sabedoria provinha do Seu Pai celestial. Além disso, lançou-lhes um desafio: *“Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo”* (João7:17).

Então Jesus chegou ao âmago do assunto. Disse-lhes que embora Moisés lhes tivesse dado a Lei, e eles tivessem obedecido a ela segundo a mera letra, desconsideravam totalmente os princípios da Lei. Apesar da sua observância fanática das trivialidades, não tinham obedecido aos mandamentos básicos da Lei.

Então Jesus disse: "Por que procurais matar-me?" Esse era um segredo culposo que os líderes dos judeus tinham ocultado às multidões, e foi uma surpresa para elas. Rebateram a declaração com uma acusação grosseira: "Tens demônio. Quem é que procura matar-te?"

Jesus não prestou atenção à zombaria e insolência, mas raciocinou com eles, profundamente sincero. Referiu-se ao Seu milagre anterior de cura, que tinha realizado num dos pórticos de Betesda, no dia do Sábado. Todos ainda se maravilhavam por causa daquele milagre; mas, porque foi realizado no Sábado, os judeus tinham procurado matá-Lo. Jesus demonstrou a inconsistência deles. A Lei ordenou que a criança fosse circuncidada no oitavo dia. Se esse dia caísse no Sábado, a criança não deixava de ser circuncidada naquele dia. E a cura não era mais importante do que a circuncisão?

B – A GRANDE PROFECIA DA VINDA DO ESPÍRITO SANTO – JOÃO 7:37-39

No último dia da festa, Jesus fez Sua profecia mais relevante. De manhã cedo os sacerdotes iam ao Tanque de Siloé a fim de tirar água para as cerimônias do Templo. Nesse dia, também, o povo, depois de render graças pela colheita, orava pedindo chuva. Provavelmente, foi depois de o povo ter orado pedindo esse dom precioso de Deus que Jesus colocou-se em pé e começou a falar da água vivificante que Ele daria a todos quantos nele cressem. Era uma profecia da vinda do Espírito Santo, que viria sobre os discípulos no Dia do Pentecoste.

À medida que Jesus ensinava o povo, cada vez mais pessoas ficaram persuadidas de que Ele era aquele Grande Profeta referido por Moisés. Outras ficaram convictas de que Ele não somente era um profeta, como também o próprio Cristo.

Apesar disso, alguns dos judeus levantaram uma objeção, que serve de ilustração de como um pouco de conhecimento pode ser pior do que nenhum. Os que levantavam objeções lembravam que as Escrituras ensinavam que Cristo nasceria em Belém, ao passo que Ele nascera em Nazaré. Conforme todos sabemos, Jesus realmente nascera em Belém, e essa falta de verdadeiros conhecimentos dos fatos deixara-os enganados. Se, porém, tivessem conhecido bem as Escrituras, teriam sabido que a Grande Luz brilharia também nas trevas da Galileia. Essa luz provinha de Emanuel, que seria chamado Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. (Isaías 9:1,2,6)

1 – A Tentativa Frustrada De Prender Jesus: Chegara a hora da atuação dos oficiais enviados pelo Sinédrio para prender Jesus. A divisão de opiniões entre o povo oferecia-lhes uma oportunidade favorável. Os oficiais ficavam semi-abrigados por detrás das colunas do Templo, esperando o momento de cumprir as suas ordens. Mas, ao escutarem as Palavras de Jesus, também eles sentiam a Sua influência, e perderam a força de vontade para agir contra Ele. Quando voltaram ao Sinédrio, sem prisioneiro, os sacerdotes principais e os fariseus perguntaram por que não o tinham trazido, e eles apenas conseguiram responder: "Jamais alguém falou como este homem." (João 7:47-49)

2 – Nicodemos Tenta Defender A Jesus: Uma só voz levantou-se em favor de Jesus, e era tímida, tratava-se de Nicodemos, que tinha visitado Jesus de noite. Disse: "Acaso a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-Lo e saber o que Ele fez?" Nicodemos nunca poderia esquecer-se daquelas horas da noite que passara com Jesus, e Suas Palavras o acompanhavam desde então. Temia, no entanto, confessar a sua fé, sabendo que tempestade de insultos receberia. Por isso, simplesmente levantou uma questão de ordem, perguntando se era lícito condenar Jesus antes de eles o terem ouvido. Mesmo esse pedido de informações despertou a zombaria deles, e perguntaram se Nicodemos também era da Galileia. *"Examina, e verás que da Galileia não se levanta profeta"* (João 7:52).

Aqui havia o âmago do erro deles. Consideravam que Jerusalém era o centro de toda a religião. Quando surgisse o Messias, viria de Jerusalém ou da circunvizinhança. Consideravam a

Galileia como mero território provinciano. Nada de bom poderia surgir dali. Na sua ignorância, não levaram em conta o fato que vários profetas tinham surgido daquela região, inclusive Jonas, Elias e Naum.

E com atitudes assim, o Sinédrio chegou ao fim da sua reunião. Não há cegueira tão grande como a daquele que não quer ver. Não tinham conseguido prender Cristo, mas tinham resolvido no coração que nunca cessariam até cumprirem seu propósito diabólico.

C – A TRANSFIGURAÇÃO – MATEUS 17:1-8

- Cerca de uma semana passara depois da grande confissão de Pedro. Os evangelistas não nos oferecem nenhuma informação a respeito dos acontecimentos daqueles dias. Temos certeza de que não eram dias ociosos. No fim daquele período, Jesus levou três dos Seus discípulos, Pedro, Tiago, e João, o círculo apostólico interior, e foi com eles até ao pico do Monte da Transfiguração.

- A suposição de que essa montanha fosse o Monte Tabor era uma tradição da igreja medieval. Mas isso parece ser pura imaginação, Em primeiro lugar, o Monte Tabor está situado uns 80 km ao sul da Cesaréia de Filipe, onde o grupo de apóstolos estivera. Além disso, uma cidade chamada Itabírio ocupava o cume, e dificilmente seria um lugar apropriado para o desenrolar do drama celestial da Transfiguração. O Monte Tabor está na Galileia, e somos informados especificamente que Jesus não voltou a passar pela Galileia a não ser depois dos eventos da Transfiguração. Nem é possível dizer que o Monte Tabor é um "alto monte." É, portanto, mais natural acreditar que Jesus, querendo atravessar a terra da Palestina ate aos seus limites setentrionais, escolheu um dos picos do Monte Hermom.

- Embora as cenas descritas do evento da Transfiguração sejam bem extraordinárias, certamente são históricas, e foram lembradas com detalhes na Epístola de Pedro, que ele escreveu muitos anos mais tarde.

- Assim foi que Jesus levou Seus três discípulos na subida da montanha até chegarem ao pico. Ali, passaram algum tempo em comunhão com Cristo, e então o Senhor pôs-Se de joelhos e começou a orar. Os discípulos também oraram, mas dentro em breve ficaram sonolentos, e acabaram adormecendo. Quando acordaram, a vista diante deles era bem estranha. O rosto de

Cristo brilhava como a luz do sol, e Suas roupas brilhavam e reluziam. E ali havia dois visitantes conversando com Ele.

- Com o peso da canseira, os discípulos tinham dormido profundamente. Mas a luz intensa e as vozes dos visitantes celestiais despertaram-nos à plena consciência. Ao escutarem a conversa, reconheceram que os dois visitantes eram Moisés e Elias em pessoa. Estavam conversando com Jesus a respeito da Sua morte iminente em Jerusalém. Seis dias antes, Jesus dera aos discípulos uma intimação desse evento (Mateus 16:28)

- A cena da Transfiguração realmente contém em miniatura os elementos do Reino em manifestação:

1) Havia Cristo, não na Sua humilhação, mas transfigurado, o rosto brilhando como o sol.

2) Como se fosse um ensaio do futuro Moisés estava ali, glorificado, como representante dos justos ressuscitados que passaram pela morte para o reino. Moisés morrera e fora sepultado. Judas revela como Satanás tentou impedir que fosse ressuscitado dentre os mortos: (Judas 9)

Podemos ter a certeza de que Satanás não teve sucesso na sua contenda com o arcanjo Miguel. Mesmo assim, o corpo que Moisés recebeu, e com o qual apareceu na Transfiguração, não podia ser seu corpo glorioso, pois Jesus ainda não ressuscitara dentre os mortos para ser *as primícias dos que dormem* (1 Coríntios 15:20). Tanto Moisés quanto Elias ainda possuíam corpos mortais, não corpos gloriosos.

3) Assim como Moisés representava os santos ressuscitados, assim também Elias representava os redimidos que entrarão no reino diretamente, sem passarem pela morte (1 Coríntios 15:50-53; 1 Tessalonicenses 4:14-17).

4) Os três discípulos, Tiago, João e Pedro, ainda não glorificados, tipificavam Israel na carne durante a era do reino (Ezequiel 37:21-27).

5) A multidão ao sopé da montanha representa as nações que serão trazidas ao reino depois de Israel ter sido estabelecido (Isaías 11:10-12).

6) Enquanto os discípulos olhavam, a visão começou a ficar menos nítida. Os dois visitantes estavam para ir embora. Pedro, observando isso, e desejoso de adiar essa

separação, falou: *“Ao se retirarem estes de Jesus, disse-lhe Pedro: Mestre, bom é estarmos aqui, então façamos três tendas: uma será tua, outra de Moisés e outra de Elias, não sabendo, porém, o que dizia “(Lucas 9:33).*

- Pedro realmente falou sem sabedoria, e isso tipifica a estultícia das pessoas que fazem pronunciamentos a respeito de questões importantes sem terem pensado com cuidado. O motivo de Pedro ficou claro. Queria conhecer pessoalmente Moisés e Elias. Achava que seria emocionante ouvir esses homens relatar pessoalmente eventos que tinham acontecido na sua vida terrestre. Além disso, tinha ouvido parte da conversa a respeito da morte iminente de Cristo. Tudo parecia muito confuso, e totalmente contrário às suas convicções mais profundas a respeito do Messias. Se Moisés, Elias e Cristo pudessem passar algumas semanas, ou mesmo alguns dias com Pedro e os demais, receberia novas luzes a respeito de muitas coisas que queria saber, mas que ainda não tinham ficado claras. Elias voltaria à Terra? Prepararia o povo para o reino vindouro? Quando Pedro viu os visitantes celestiais prontos para partirem, sabia que teria que falar de imediato, enquanto era tempo. E foi assim que fez o seu pedido impensado.

- Pedro não foi admoestado pelo seu discurso desnecessário. Mas mesmo enquanto falava, uma nuvem começou a descer sobre eles. Não uma nuvem de escuridão, mas uma nuvem da glória Shekinah. Então veio uma voz de dentro da nuvem, dizendo: *“Este é o meu Filho, o meu eleito: a ele ouvi “(Lucas 9:35).* Os discípulos não precisavam pedir instrução da parte de Moisés ou Elias. Não precisavam que Moisés explicasse os oráculos da Lei, pois estes foram cumpridos por Cristo. Não deviam buscar a glória da Antiga Aliança, mas procurar a glória maior e mais completa que Cristo trouxera.

- Infelizmente, hoje há aqueles que não reconhecem a glória da Nova Aliança, e ainda buscam a glória menor da antiga, que foi consumada em Cristo: *(2 Coríntios 3:11).*

- A visão tinha um propósito para o próprio Cristo. Era para fortalecê-Lo para a tribulação que o aguardava na Cruz. A visão afastou o véu por momentos, e Lhe concedeu um vislumbre das glórias que tinha deixado de lado a fim de que redimisse o homem, e as glórias que receberia de volta depois de passarem os Seus sofrimentos.

- Para os discípulos, também, tinha um significado profundo. Foram avisados que não deviam contar a visão aos seus condiscípulos, para não lhes provocar os ciúmes, nem lhes causar

mais confusão a respeito de qual seria a obra de Cristo na Terra. Obedeceram a essa ordem, embora pudessem apenas imaginar em silêncio qual seria essa ressurreição dentre os mortos.

-

1 - O Problema de Elias: Havia um problema, no entanto, que os deixava perplexos: tratava-se da vinda de Elias. Sua presença no monte despertou de novo a questão nas suas mentes (Mateus 17:10-13).

Enquanto desciam do monte, tinham feito a pergunta a respeito de Elias. Muitas mentes já tinham se ocupado no assunto. Realmente, esperava-se entre muitas pessoas que, de conformidade com Malaquias 4:5-6, Elias apareceria na Terra antes da vinda do Messias, e faria uma reforma poderosa que prepararia Israel para o Redentor.

Jesus tinha respondido à pergunta dos discípulos, explicando que Elias de fato viera, na pessoa de João Batista. Assim predissera o anjo Gabriel ao aparecer a Zacarias (Lucas 1:17).

Essa é uma referência específica à profecia de Malaquias 3:4-5, mas também é indicado que João Batista não era Elias pessoalmente, mas que viria "no espírito e poder de Elias."

Que João Batista não era Elias em pessoa fica claro em João 1:21. Os judeus tinham perguntado a João Batista se era Elias, e ele, sendo a única pessoa que pudesse saber com certeza, negou essa identificação.

Assim fica resolvido que João Batista não era Elias em pessoa. Veio, no entanto, no "espírito de Elias." Isso também explica as palavras de Jesus em Mateus 17:10-13. Jesus disse que Elias já viera em João Batista, e que foi morto. A vinda de João Batista no espírito de Elias era um cumprimento preliminar da profecia do Antigo Testamento. Por outro lado, a profecia freqüentemente tem um duplo cumprimento, e nesse caso Elias ainda virá para restaurar todas as coisas. Posto que esse aspecto da restauração ainda não foi cumprido em nenhum sentido, deverá acontecer, conforme diz Malaquias, imediatamente "antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR."

D – A ÚLTIMA VIAGEM A JERUSALÉM – LUCAS 9:51-56

- Chegara a hora para Jesus fazer Sua viagem final a Jerusalém. Tinha enviado os setenta para preparar o caminho pelas cidades e aldeias que visitaria. Lembrava-Se de ter sido acolhido tão

calorosamente pelos samaritanos durante uma visita anterior (João cap. 4). Ao entardecer, enviou mensageiros a uma das aldeias samaritanas, para preparar pousada para os discípulos. É possível que os mensageiros tenham sido Tiago e João, embora o narrador não especifique os nomes.

-

1 – Os Samaritanos Recusam Receber Jesus: Esses mensageiros, pois, trouxeram um relatório assim: os habitantes, informados da chegada de Jesus com os discípulos, recusaram-lhes a sua hospitalidade. Qual era a razão dessa falta de civilidade? E por que os samaritanos, que antes eram tão amigos e que queriam que Ele ficasse no meio deles, foram tão grosseiros dessa vez? Entre outras coisas: Jesus estava a caminho de Jerusalém, onde se localizava o Templo que tanto desprezavam. Acreditavam que Gerizim era o local onde os homens deviam adorar (João 4:20), e se este fosse o destino de Jesus com os discípulos, haveria boa hospitalidade para todos. Deve ser lembrado, também, que nessa viagem não havia só o grupo de discípulos, mas um grande número de outras pessoas que iam juntas. As caravanas dos peregrinos à Festa dos Tabernáculos tinham passado recentemente por ali, e os habitantes ressentiam-se dessas intrusões.

Não é de se admirar, portanto, que quando os discípulos queriam se informar a respeito de possíveis pousadas, os samaritanos recusaram hospedagem ao grupo, por estar a caminho de Jerusalém.

2 – A Ira Dos “Filhos Do Trovão”: A vergonha e a humilhação dessa recusa deixaram irados os "filhos do trovão," Tiago e João, que eram de natureza ardente. É muito decepcionante estar numa viagem, ficar cansado e desejoso de repouso e alimentos, e ter a hospedagem recusada. Além disso, os discípulos, a despeito de todas as advertências que o Senhor lhes fizera, achavam que estavam às vésperas da proclamação do Reino. Os dois irmãos estavam dispostos a inaugurá-lo com vingança! Disseram ao Senhor, portanto: "Queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?" Jesus tinha chamado esses dois irmãos de "filhos do trovão," e não é de se estranhar que queriam lançar raios e trovões contra quem se opusesse a eles. Naturalmente, não tinham certeza de receberem a aprovação de Jesus, de modo que acrescentaram, de modo astuto, as palavras: "como Elias também fez". A idéia é que seria mais necessário vindicar a honra do Messias e dos Seus discípulos do que a de um único profeta.

3 – A Repreensão de Jesus: Jesus repreendeu os dois por terem semelhante idéia: "Vós não sabeis de que espírito sois! " Cristo viera ao mundo, não para destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las. E passaram adiante para outra aldeia.

É provável que João tenha se lembrado muitas vezes dessas palavras de Jesus quando, alguns anos mais tarde, ele e Pedro uniram-se ao grupo evangelístico de Filipe na Samaria (Atos 8:5,14). Se tivessem recebido licença de destruir aqueles que os tratavam mal, é muito provável que alguns, que receberam a imposição das mãos visando a plenitude do Espírito Santo, não estariam com vida para receber a bênção.

4 – O Regresso dos Setenta: O Senhor, vendo que uma onda de sentimento antijudaico espalhava-se pela Samaria, não podia realizar uma missão de pregação naquele território. Teve, portanto, que descer o vale de Bete-Seã até à Peréia, na Sua viagem para Jerusalém. Em algum lugar do itinerário, o grupo encontrou-se com os setenta, que, tendo levado a efeito a sua missão, voltaram para Lhe contar do seu grande sucesso. *“Então regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu Nome! Mas Lhe disse: Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago. Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada absolutamente vos causará dano. Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus” (Lucas 10:17-20).*

Jesus recebeu esse relatório com sentimentos conflitantes. Ficou alegre com o seu testemunho de terem passado a exercer a autoridade do crente. Jesus os louvou, e lhes demonstrou que Satanás estava derrotado. "Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago." Jesus assegurou aos Seus seguidores que tinham domínio completo sobre Satanás, que não precisavam ter medo dele, mas que tinham autoridade de pisarem serpentes e escorpiões. É duplamente relevante que essas palavras foram faladas aos setenta, e não aos doze, pois assim fica clara a posição *de todos* os crentes diante do poder de Satanás, se tão-somente exercessem a sua autoridade.

Jesus podia regozijar-Se e agradecer ao Pai porque, embora essas grandes verdades não estivessem ao alcance dos sábios e entendidos, tinham sido reveladas aos pequeninos - aos mansos e humildes. (*Lucas 10:21*).

5 – O Perigo do Orgulho Espiritual: Nem por isso Jesus deixou de detectar um perigo oculto que ameaçava os setenta. Ser demasiadamente triunfante e perigoso.

Em primeiro lugar, a grande alegria deles não devia basear-se na sua capacidade de expulsar demônios, mas no fato de estarem arrolados os seus nomes nos céus. É possível acontecer que, quando as pessoas descobrem que possuem poder para expulsar os espíritos malignos e para curar os enfermos, sua exultação leve ao orgulho pessoal que, por sua vez, provoque a sua queda lastimável. Por isso, quanto mais o homem subir, tanto mais deve se humilhar no seu espírito, a fim de evitar as armadilhas perigosas que já derrubaram mais de uma pessoa desprevenida.

E – NA CASA DE MARIA E MARTA – LUCAS 10:38-42

- Quando Jesus partiu da Galileia, não pretendia chegar rapidamente em Jerusalém, segundo parece. Enviou os setenta diante d’Ele a fim de preparar Seu caminho em várias aldeias onde Ele ministraria, e assim viajaria, lentamente em direção a Jerusalém para a Páscoa. Mas Jesus andava diariamente pela fé, sendo guiado passo a passo pela vontade do Pai Celestial. É assim que nós também devemos viver. As circunstâncias na Samaria, nessa ocasião, obrigaram-No a passar adiante para a Judéia.

- Ao aproximar-Se de Jerusalém, deixou a estrada principal para chegar a uma aldeia chamada Betânia, onde moravam Maria e Marta com seu irmão Lázaro. As circunstâncias de Jesus ficar conhecendo a família são questão de conjectura. Se Maria é a Maria Madalena, ou se Marta era a viúva, cujo marido tinha sido Simão o Leproso, ou se Lázaro deve ser identificado com um rabino no Talmude, que tinha aquele nome são conjecturas que podem ser certas ou erradas.

- A família, segundo parece, desfrutava de uma posição acima da média, e era bem conhecida não somente em Betânia, como também em Jerusalém (*João 11:45-46*). A aldeiazinha,

sempre possuía certo encanto para Jesus. Era situada no outro lado do Monte das Oliveiras, e ficava separada da atmosfera tensa de Jerusalém.

-

1 - A Inquietação de Marta: A família tinha a máxima intimidade com Jesus, e quando estava naquela casa, passava Suas horas mais felizes. Naturalmente, com a chegada de semelhante Hóspede, havia muita atividade naquele lar. Marta, a dona da casa, era uma anfitriã de extraordinária eficiência, e sempre vigiava tudo para garantir que nenhum aspecto de boa hospitalidade faltasse.

Alheia a todas as outras coisas, Maria sentou-se aos pés de Jesus, a fim de contemplar o Seu rosto e assimilar todas as Suas Palavras. Marta tinha idéias de oferecer um banquete primoroso para honrar o Senhor, e para isso estava contando com a ajuda de Maria. Enquanto Marta labutava, ficou um pouco ciumenta porque Maria estava sentada desocupada aos pés do visitante, deixando à irmã todos os serviços.

A reverência que ela tinha pelo Hóspede levou-a a controlar-se por um pouco, mas, finalmente, não conseguindo conter-se mais, foi até Jesus e, com um pouco de mau humor, disse: "Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me."

Que cena bem típica e humana! Se Marta tivesse pedido mansamente a Maria a sua ajuda, teria provavelmente sido atendida. Marta, porém, era um pouco semelhante ao Pedro impetuoso, e explodiu em palavras impacientes diante do Senhor, dando a entender: "Não adianta eu pedir a ela então, Senhor, manda que ela faça!" É típico das pessoas impacientes, que desejam que os outros façam a sua vontade, agirem de tal maneira, que produzem o máximo ressentimento! Quando não conseguem o que querem, chamam por alguém com mais jeito, que talvez ajude a obter o resultado desejado. Marta levou esse método ao ponto de não estar indisposta a repreender seu Hóspede por ter negligenciado (segundo ela pensava) o Seu dever nesse sentido.

Jesus, com Sua grandeza de alma, tendia a deixar passar muitas fraquezas insignificantes da natureza humana, e não teria comentado que a festa que Marta preparava era suntuosa demais. Mas, posto que Marta levantou o assunto, era necessária uma suave repreensão. Podemos ver um sorriso, parcialmente triste, parcialmente divertido, no rosto de Jesus enquanto fala a ela,

repetindo seu nome: "Marta! Marta! andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada."

Uma refeição muito mais simples teria bastado. Mas agora Jesus, para tirar a amargura da pequena repreensão que dera, dá uma leve inclinação de cabeça para Maria ir ajudar a irmã. E podemos ver Marta voltando à sua cozinha, desejando não ter aberto a boca!

Mesmo assim, há boas lições a serem aprendidas de Marta. Aqueles que querem cumprir sua missão na sua chamada cristã devem estar dispostos a trabalhar. As atividades fervorosas têm seu devido lugar, mas é possível desperdiçar trabalhos excessivos na ostentação ou na hospitalidade supérflua, ao ponto de interferir com os objetivos mais importantes. Devemos ter a capacidade de discernir a hora de trabalhar arduamente e a hora em que devemos parar um pouco e avaliar o que já foi feito, tirar tempo para ouvir a Deus e pedir-lhe a direção e a estratégia certa. Embora, muitas vezes para alguns, não precisamos incomodar o Senhor com pequenos problemas que nós mesmos podemos resolver, mas na realidade, o que ele quer é ser incomodado. Pois, desta forma poderemos agir da maneira certa, tomar as decisões corretas e não errarmos o alvo.

F – MILAGRES NO CAMINHO A JERUSALÉM

1 - A Purificação dos Dez Leprosos - Lucas 17:11-19: Enquanto Jesus passava pela Samaria a caminho de Jerusalém, achou um grupo de dez leprosos esperando por Ele. Anteriormente, o Senhor enviara os setenta para preparar o caminho diante dele (Lucas 10:1). Foi destes, provavelmente, que os leprosos ficaram sabendo que Jesus passaria por ali. Por isso, ficaram de espera perto de uma aldeia na estrada que Ele usaria no Seu caminho a Jerusalém. Finalmente, viram Jesus e Seus discípulos chegando. Ainda mantendo-se longe, porque não podiam aproximar-se de outras pessoas (que seriam por eles contaminadas), começaram a gritar juntos: "Jesus, Mestre, compadece-te de nós" Jesus olhou para essa cena de desgraça, digna de dó. Parceiros na aflição, judeus e samaritanos tinham formado uma fraternidade da desgraça. Nas circunstâncias

usuais, os samaritanos e os judeus não mantinham o mínimo contato entre si, mas sua doença mortal tinha eliminado todas as distinções orgulhosas entre as raças.

O Cônego Farrar, na sua obra *The Life of Christ (A Vida de Cristo)* descreve assim a cena: “Perto da entrada de uma das aldeias, um grito rouco e queixoso feriu os Seus ouvidos, e, levantando os olhos, Ele viu dez leprosos, unidos numa comunidade de desgraça mortífera. Ficavam à distância, porque não ousavam chegar perto, pois sua aproximação envolvia a contaminação. Eram obrigados a advertir, com o grito 'Impuro! impuro!' todos aqueles que pudessem se aproximar deles. Era um grito que doía ao coração. Havia algo naquela morte em vida que é a lepra por lembrar as imagens mais pavorosas do sofrimento e da degradação, por corromper as fontes do sangue vital do homem, por distorcer as suas feições, por tomar nojento o seu toque, por infectá-lo e incrustá-lo com manchas doentias piores do que a lividez da morte que sempre fazia o coração do Senhor vibrar com compaixão instantânea. E nesse momento também era assim. Mal escutou o clamor triste: 'Jesus, Mestre, compadece-te de nós!' e, de imediato, e sem esperar até chegar mais perto, exclamou para eles: ide e mostrai-vos aos sacerdotes.' Sabiam o significado desse mandamento: tinham que ir apressadamente até o sacerdote a fim de reivindicar dele o reconhecimento da cura, a certidão da restituição a todos os ritos e privilégios da vida humana. E já de imediato, diante do som daquela voz poderosa, sentiam uma corrente de vida sadia, de energia recuperada, de sangue mais puro, pulsando nas suas veias; e enquanto iam, foram purificados.”

2 - O Cego Bartimeu Recupera a Vista – Marcos 10:46-52: Os dias finais do ministério de Jesus estavam chegando ao fim. Ele e Seus discípulos estavam subindo para Jerusalém, e sua caminhada passava por Jericó. Muitos peregrinos, indo até à Cidade Santa, estavam viajando no mesmo grupo.

Perto da cidade, havia um cego chamado Bartimeu, filho de Timeu, que ficava assentado ali, mendigando. Havia com ele outro cego, mas Bartimeu é o personagem principal desse relato. Sentados à beira da estrada, na sua desgraça, esses homens ouviram o som de uma multidão que se aproximava à distância. Não demoraram para ouvir passos mais perto, e perguntaram qual era o motivo do barulho. Foram informados que Jesus, o Nazareno, passaria por lá.

Bartimeu tinha ouvido falar em Jesus. Quem não tinha ouvido? Contaram-lhe a respeito dos milagres maravilhosos que Ele operava. Raiou no seu coração a esperança de que, um dia, teria um encontro com Jesus e seria curado da sua cegueira. Mas que chance um cego, sem amigos, teria de encontrá-Lo? Jesus nunca passava muito tempo num só lugar, e se Bartimeu tentasse chegar até Ele, teria ido embora antes de o cego alcançá-Lo. Era uma esperança inviável, portanto.

Quando ficou sabendo, naquele dia, que Jesus de Nazaré aproximava-Se e que estava para passar por lá, o coração de Bartimeu deu um pulo. Obviamente, não conseguiria enxergá-Lo no meio da multidão. Mas tinha uma voz, e a empregaria. Tinha apenas uns poucos momentos à sua disposição, antes de a oportunidade passar adiante, e para sempre. Mas Bartimeu tinha uma necessidade desesperadora, e já resolvera que não perderia essa oportunidade. Gritando a plenos pulmões, clamou: "Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!" Assim fazia sem cessar.

Assim, conseguiu atrair a atenção de Jesus, que mandou alguns levarem o homem até Ele. A multidão mudou de atitude, e lhe disse: "Tem bom ânimo; levanta-te, ele te chama." E assim, por poucos momentos, Bartimeu veio a ser o centro de interesse de dois mundos. Quando se levantou, lançou de si a sua capa na sua grande pressa. Há uma lição para nós nesse gesto. Quando chegamos diante de Cristo, devemos lançar fora as vestes da nossa própria retidão e receber a bênção como uma dádiva da pura graça.

Na presença do Mestre, Bartimeu ouviu as palavras faladas com bondade: "Que queres que eu te faça?" Com voz trêmula, respondeu: "Mestre, que eu tome a ver." Então Jesus tocou nos olhos dele e do seu companheiro, e disse: "Vai, a tua fé te salvou." E Bartimeu, com o outro homem, louvou a Deus, e seguiu a Jesus na caminhada para Jerusalém.

Existem pessoas que pensam ver uma discrepância nos relatos diferentes dos Evangelistas. Lucas declara que o milagre aconteceu quando Jesus entrava em Jericó. Mateus e Marcos declaram que era quando partiam de Jericó. Como os dois relatos podiam ser certos?

Sempre devemos lembrar-nos de uma coisa: Quando chegarmos a conhecer todos os fatos, desaparecerão as supostas "dificuldades" na Bíblia. Uma explicação perfeitamente simples no presente caso é que havia duas Jericós, das quais uma era a antiga cidade cananita, e a outra era a

nova cidade Herodiana. O milagre ocorreu entre as duas cidades. Sendo assim, ambas as declarações são certas.

G – A ENTRADA TRIUNFANTE EM JERUSALÉM – LUCAS 19:29-32

A ressurreição de Lázaro certamente fizera a fama de Jesus espalhar-se por toda a Jerusalém, tanto assim que os governantes já ficaram profundamente alarmados. Algo tinha que ser feito, e de imediato. O Sinédrio, portanto, decretou a morte de Jesus; e porque a ressurreição de Lázaro atraía tanta atenção, os chefes religiosos pensavam em mandar matar também a ele. Só esperavam uma oportunidade favorável para agirem. Em toda a cidade de Jerusalém, as pessoas falavam a respeito de Jesus e do Seu ministério. Ele freqüentaria a festa nesse ano? Então surgiu a notícia de que Ele já chegara em Betânia e que entraria na cidade no dia seguinte. Essas informações criaram grande entusiasmo, e muitos dos habitantes resolveram que sairiam ao Seu encontro e o escoltariam para dentro da cidade.

Nesse domingo de manhã ("Domingo de Ramos"), Jesus começou a andar em direção à cidade. Quando se aproximaram da aldeia de Betfagé, mandou dois dos Seus discípulos entrarem na aldeia, e, dando-lhes instruções exatas, disse-lhes que, ao entrarem na aldeia, achariam um jumentinho em que ninguém ainda montara. Deviam soltar o jumentinho; e, se alguém protestasse, deviam explicar as circunstâncias de que o Senhor necessitava dele. Os dois discípulos foram, e acharam tudo quanto Jesus dissera, e trouxeram o jumentinho de volta para Ele. As pessoas que estavam por perto tiraram as suas vestes e as colocaram sobre o jumentinho. Então Jesus montou, e a procissão começou a entrada triunfante na cidade.

A multidão observara os acontecimentos, e reconhecia o papel que Ele desempenhava. Jesus de Nazaré estava para entrar em Jerusalém a fim de Lhe dar as boas-vindas apropriadas. Segundo a maneira de uma procissão real, cortavam ramos de árvores, e os espalhavam no caminho. Outros tiravam as vestes exteriores e as estendiam diante dele. E, ao descerem o encosto ocidental do Monte das Oliveiras, 'Hosana nas maiores alturas! (Mateus 21:8-11)

Em certo sentido, tratava-se de Cristo Se oferecendo à nação como seu Messias. O próprio povo tinha grande entusiasmo, e a multidão *passou, jubilosa, a louvar a Deus em alta voz, por todos os milagres que tinham visto, dizendo: Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor paz no céu e glória nas maiores alturas!* (Lucas 19:37,38). Este, realmente, foi o momento supremo no ministério terrestre de Cristo.

Já a essas horas, alguns dos fariseus e dos chefes religiosos tinham chegado para ver qual o motivo da comoção. Foram até Jesus, e disseram: "Mestre, repreende os teus discípulos." Mas Jesus lhes respondeu assim: *Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão* (Lucas 19:40). Mas até mesmo as pessoas que clamavam os Seus louvores só tinham reconhecimento vago do Seu Messiado. Quando o povo de Jerusalém ficou comovido ao ver a procissão estranha que viera à cidade, perguntava: "Quem é este?" E as multidões clamavam: *Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia*" (Mateus 21:11). Parece que até mesmo o povo não pensava nele muito como o Messias, mas como um profeta. Ficava claro que a nação, a despeito da demonstração de entusiasmo, não estava pronta para recebê-Lo na missão para a qual foi enviado.

H – JESUS CHORA POR JERUSALÉM

- Quando Jesus e as multidões chegaram ao outro lado do Monte das Oliveiras, irrompeu sobre eles a vista da cidade. O Templo, magnífico, e outras construções grandiosas apresentaram uma mostra de esplendor ostensivo. Era considerado um dos espetáculos mais grandiosos do mundo antigo. Jesus, porém, ao contemplá-lo, sentiu-Se abalado na alma. Diante do túmulo de Lázaro, Suas lágrimas tinham sido silenciosas, mas enquanto contemplava a cidade condenada, Suas lágrimas caíam livremente, enquanto profetizava a destruição vindoura: *"Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou, e dizia: Ah! Se conhecesses por ti mesma ainda hoje o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco, e te arrastarão e aos teus filhos dentro de ti, não deixarão em ti pedra sobre pedra porque não reconheste a oportunidade da tua visitaçãõ"* (Mateus 19:41-44)

- Ai daquela cidade! Dentro de quarenta anos foram cumpridas as Palavras de Jesus, e os exércitos de Tito a conquistaram, e os habitantes pereceram ou foram levados à escravidão. O belo Templo foi totalmente incendiado, e a grandiosa cidade inteira reduzida a cinzas e escombros.

- A procissão fez uma pausa enquanto Jesus chorava sobre Jerusalém e pronunciava a Sua lamentação profética.

I – A SEGUNDA PURIFICAÇÃO DO TEMPLO – MATEUS 21:12-15

- A multidão chegara ao vale do Cedrom. Diante dela, havia os muros do Templo, e, posto que não podia invadir o recinto como um exército, começou a dispersar-se. Então Jesus e Seus discípulos entraram no Templo, e algumas das crianças continuaram seguindo, gritando: *Hosana ao Filho de Davi* (Mateus 21:14). Três anos antes, Jesus, no início do Seu ministério, entrara no Templo e o purificou por meio de expulsar o gado e os cambistas. Ao voltar desta vez, viu que a cobiça saíra vencendo, e que o Átrio dos Gentios estava, de novo, cheio de gado, e que ali imperavam as vozes dos camelôs, dos mascates, e dos cambistas. Assim como na ocasião anterior, a cena levou-O à indignação. A casa de Deus não deveria ter se transformado em mercado de gado ou casa de câmbio. Com uma mistura de tristeza e de ira, Ele os expulsou, e ninguém ousou resistir ao Seu zelo ardente. Somente depois de cessar a barulheira, depois de ter sido restaurada a quietude e a decência à casa de Deus, é que Jesus voltou aos Seus ensinamentos.

- Depois de o Templo ter sido depurado do comercialismo e da secularização, então os cegos e coxos entraram nele para receberem a cura! A ênfase indevida aos aspectos comerciais pode entristecer o Espírito Santo, e não somente pode impedir o reavivamento, como também trazer a maldição divina contra a obra.

1 – Advertência De Jesus Contra Os Falsos Líderes Religiosos: Enquanto Ele ensinava no Templo, os escribas e os fariseus, rilhando os dentes com fúria, mas sem nada conseguir contra Ele, procuravam enredá-Lo nas Suas Palavras. Todas as vezes, Jesus desviava seus ataques e os deixava parecer tolos. Quando procuravam argumentar que o Messias era o filho de Davi segundo a carne, Jesus lhes deu uma resposta que os deixou sem fala (Lucas 20:39-44). Em seguida, advertiu o povo contra os falsos líderes religiosos que buscavam os louvores dos homens, mas que

em secreto faziam coisas tais como extorquir das viúvas todos os seus bens, e, *para o justificar, fazem longas orações* (Lucas 20:47).

2 – A Oferta da Viúva Pobre: E enquanto dizia essas palavras, via os ricos colocarem suas ofertas no gazofilácio. Viu, também, uma viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas. Jesus passou, então, a fazer uma das Suas observações mais profundas sobre a contribuição: *“Verdadeiramente vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento”* (Lucas 21:3,4).

Até essas horas, porém, o dia chegara ao fim, e Jesus, saindo do Templo, foi caminhando de volta para Betânia. Presume-se que ia pousar na casa de Maria, Marta e Lázaro (Mateus 21:17).

CAPÍTULO XIII

O SOFRIMENTO DO MESSIAS JESUS CRISTO

A – CAMINHANDO PARA O GETSÊMANE

1 - A Nova Intimidade: Podemos notar os passos progressivos da intimidade divina. Primeiro, Jesus os chamou *servos* (João 13:13). Mas depois Ele os chamou amigos. *Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor...* (João 15:14,15). E finalmente, depois da Sua ressurreição, Ele manda Maria Madalena ir contar aos Seus irmãos que Ele ressuscitou dentre os mortos.

Apesar disso, com todas as suas bênçãos, devem estar dispostos a agüentar perseguições. O espírito do mundo não é o Espírito do Pai. Por isso, podem prever oposição. Posto que o mundo odiava a Cristo, também odiaria os Seus discípulos. Não somente os mundanos fariam assim, como também aqueles que supostamente eram os servos de Deus (João16:2)

2 - A Obra do Espírito: Até então, Jesus tinha falado pouca coisa a respeito da obra do Espírito, porque Ele estava sempre com eles pessoalmente: *Estas coisas... não vo-las disse desde o princípio, porque eu estava convosco (João16:4)*. Mas agora, já que estava partindo a fim de ir ao Pai, contava-lhes coisas que não ouviram antes.

Então Ele citou a razão por que Ele tinha que ir embora. Se, pois, Ele não fosse embora, não viria o Espírito Santo, ou Consolador (*João16:1-14*).

Até ao dia de hoje, o fenômeno da obra do Espírito no pecador não é bem compreendido por boa parte da Igreja. Mas, quando Ele veio, essa passou a ser uma das mais grandiosas das Suas manifestações. Os apóstolos não deviam recrutar na Igreja uma multidão de pessoas não salvas. Tinham que converter-se, e assim não seria possível antes de receberem do Espírito Santo uma convicção genuína do pecado.

Porque as pessoas têm deixado de lado o significado dessas Palavras de Jesus, têm procurado muitos substitutos na tentativa de atrair membros para a Igreja. Precisa haver uma verdadeira convicção do pecado. E esse seria um dos propósitos da vinda do Espírito.

Jesus passou a contar-lhes outras coisas a respeito da obra do Espírito Santo, mas acrescentou que algumas coisas teriam que esperar para o futuro, pois "vós não o podeis suportar agora." Mas quando viesse o Espírito, *Ele* os guiaria para toda a verdade e lhes mostraria as coisas que haviam de vir (*João16:12-13*).

Embora seja possível um crente cometer enganos e até mesmo ser desviado para erros (porque Deus nunca remove o livre arbítrio do homem), as pessoas cheias do Espírito são preservadas do pecado fatal.

O crente verdadeiro não demora para reconhecer que a sua caminhada é uma caminhada na santidade.

3 – Jesus Explica Sua Ida Para O Pai: Finalmente, Jesus lhes disse com clareza que Ele seria levado do meio deles, e que chorariam e lamentariam enquanto o mundo se regozijava. Mas Ele disse: *A vossa tristeza se converterá em alegria... e a vossa alegria ninguém poderá tirar (João16:20,22)*. Então pediriam ao Pai, em Nome de Jesus, tudo quanto quisessem. Até *agora nada tendes pedido em meu nome; pedi, e recebereis, para que` a vossa alegria seja completa*

(João16:24). E os discípulos começaram finalmente a compreender o que Ele queria dizer-lhes: *“Disseram os seus discípulos: Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura. Agora vemos que sabes todas as coisas, e não precisas de que alguém te pergunte; por isso cremos que de fato vieste de Deus” (João16:29,30).*

4 – A Oração Intercessória de Jesus: A oração de intercessão em João 17 é uma bela jóia que fluía do coração do Mestre enquanto orava em favor dos Seus discípulos e daqueles que viessem a crer nele mediante a palavra deles. Não precisamos estudá-la em detalhes aqui em nossa história de Jesus. Só ressaltaremos uma parte muito importante da oração, porque cremos que é especialmente aplicável aos nossos dias. Referimo-nos à Sua oração pela união da Igreja: *“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra, a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (João17:20,21).*

Aqui vemos que a união da Igreja tornaria possível a evangelização do mundo. Quando, pois, a Igreja se tornar uma só, o mundo crerá que Deus enviou Jesus. Os discípulos deviam tornar-se um só, assim como Ele e o Pai eram um só.

E, finalmente, orou para que todos estes estivessem com Ele eternamente na glória, "para que vejam a Minha glória." Que futuro glorioso para os discípulos de Cristo!

Quando Jesus terminou a Sua oração, Ele e Seus discípulos começaram sua última caminhada juntos, atravessando o ribeiro Cedrom e entrando no Jardim do Getsêmani.

B – JESUS NO GETSÊMANE – MATEUS 26:31-46

- Jesus, tendo terminado Suas instruções finais aos discípulos, saiu da cidade com eles. Eram onze discípulos, porque Judas Iscariotes separara-se do grupo em ocasião anterior, a fim de ocupar-se na sua missão traiçoeira. O grupinho desceu o encosto da ravina, atravessou o ribeiro Cedrom, e então foi subindo pelo Monte das Oliveiras. O ribeiro não tinha águas cristalinas. O sangue sacrificial dos altares do Templo corria para ele, de modo que as águas ficavam tingidas com o sangue dos cordeiros da Páscoa.

- Um só incidente ocorreu durante a caminhada. Jesus, sabendo que dentro em breve seria traído, voltou-Se para os discípulos e avisou que Ele estava para ser preso, e que eles, que formavam o rebanho, seriam dispersos.

- Todos os discípulos protestaram fortemente contra semelhante possibilidade. Pedro, que já se sentira abalado pela advertência do Senhor, de que ele o negará, vociferava mais fortemente os seus protestos. Se todos abandonassem o Senhor, Pedro não o faria! Iria até à morte com Ele. Mas Jesus só podia repetir o que falara antes: que antes de acabar a noite, Pedro o negaria três vezes.

O Mestre acrescentou, então, que, depois da Sua morte, ressuscitaria e Se encontraria com eles na Galileia; mas os discípulos se fizeram de surdos. Não tinham a mínima idéia do significado dessas palavras.

1 - O Jardim “Prensa de Azeite”: A essas alturas, já tinham chegado ao Jardim do Getsêmani. Era parte jardim, e parte pomar. A palavra Getsêmani significa "prensa de azeite," e, sem dúvida, recebeu esse nome de alguma prensa desse tipo, situada na vizinhança, para extrair o azeite das azeitonas que cresciam no monte. Não sabemos quem era o dono, mas provavelmente se tratava de algum amigo que deixava Jesus e os discípulos alojar-se ali. A tradição fixa o local a uma distancia de uns 50 m além do ribeiro, e também alega que as mesmas oliveiras que cresciam ali nos dias de Jesus ainda existem. Isso é impossível, pois nenhuma oliveira chega a 2.000 anos de idade. Além disso, Josefo declara que, durante o cerco de Jerusalém, foram abatidas todas as árvores dos arredores. Nem por isso deixa de ser certo que o local de Getsêmani acha-se naquela área tradicionalmente indicada.

2 – A Tristeza do Mestre: Estava ficando tarde, e os discípulos estavam prontos para envolver-se nas suas capas a fim de dormirem. Mas Jesus, cheio de apreensão são dos eventos que estavam para se desdobrar, tinha outras idéias. Mandou oito dos Seus discípulos sentarem-se e esperar enquanto Ele levasse Pedro, Tiago e João um pouco adiante, e lá abriu Seu coração diante deles. *Começou a entristecer-se e a angustiar-se* (Mateus 26:37). Naquela hora das trevas, Jesus ansiava por simpatia humana, Disse aos três: *A minha alma está profundamente triste até a morte;*

ficai aqui e vigiai comigo (Mateus 26:38). Jesus retirou-Se, então, um pouco mais longe, prostrou-Se sobre o Seu rosto e orou, clamando audivelmente com profunda angústia de alma. Enquanto os discípulos escutavam, distinguiram estas palavras da Sua oração: *Meu Pai. Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres* (Mateus 26:39). Ficou prostrado durante cerca de uma hora, e entrementes, os discípulos adormeceram. Chegando até eles, Jesus os repreendeu, dizendo: *Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?*

A agonia no Getsêmani foi uma das experiências mais estranhas de Cristo, e a maioria entre nós entende pouco a respeito. Mas *foi* ali que foi travada a grande batalha do Calvário. O Cônego Farrar, na sua obra *THE LIFE OF CHRIST (A Vida de Cristo)*, comenta a respeito, com linhas sombrias, porém belas: “Jesus sabia que chegara a hora terrível da Sua humilhação que a partir daquele momento, até Ele expirar com aquele grito alto, nada mais havia para Ele na Terra a não ser a tortura da dor física e da angústia mental pungente. Sofrimentos além da possibilidade de o ser humano tolerar seriam amontoados sobre o Seu corpo flagelado. Todas as angústias que as ofensas cruéis e esmagadoras podem provocar pesariam sobre a Sua alma. E nesse tormento do corpo e agonia da alma, até mesmo a sublime e radiante serenidade do Seu espírito divino sofreria um eclipse breve, porém terrível. A dor, com suas picadas mais cruéis; a vergonha, na sua brutalidade mais assoberbante; todo o fardo do pecado e o mistério da existência do homem na sua apostasia e queda.

Jesus tinha que enfrentar tudo isso no seu acúmulo máximo, inimaginável. Mas uma coisa ainda Lhe restava antes da luta propriamente dita, antes de começar a agonia com toda a sua realidade. Jesus precisava preparar corpo e alma para opor resistência, e acalmar Seu espírito com oração solitária, a fim de poder enfrentar aquela hora em que tudo o que havia de pior na Potestade da Iniquidade derramasse suas torturas sobre o Inocente e Santo. E Ele precisaria enfrentar sozinho aquela hora: nenhum olho humano veria, a não ser através das sombras do crepúsculo, a profundidade do Seu sofrimento. Mas bem que Ele teria gostado de receber a simpatia dos Seus. Na hora das trevas, era uma ajuda para Ele, só saber que estavam por perto, e que aqueles que mais o amavam estavam mais próximos. 'Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar,' disse Ele à maioria. Deixando-os dormindo na relva orvalhada, cada um envolto na sua manta, levou consigo Pedro, Tiago e João, afastou-Se cerca de um tiro de pedra (Lucas 22:41). Era

bom que Pedro enfrentasse tudo quanto estava envolvido na lealdade a Cristo; era bom que Tiago e João soubessem qual era a taça da qual eles tanto desejavam beber. Mas dentro em breve, até mesmo o convívio daqueles escolhidos era mais do que Ele podia suportar. Uma tristeza indizível, uma luta insuportável, um horror de densas trevas, a tontura e estupefação da alma sobrevieram a Ele, caindo no desmaio da morte já prevista. Era um tumulto de emoção que ninguém deveria ver. Disse: 'A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.' Relutantemente, Ele Se separou da ternura e devoção deles, que Lhe dariam consolo humano, e Se afastou ainda mais, talvez saindo do luar para dentro das sombras... Eles o viam, às vezes de joelhos, às vezes prostrado em súplicas sobre a terra úmida. Escutavam algumas frases dos sons da angústia murmurada com que Ele, na Sua humanidade, implorava com a vontade divina do Seu Pai. Podia haver diferenças entre as palavras, mas a substância da Sua súplica era sempre a mesma. 'Aba, Pai: Se possível passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres'.

E aquela oração, com toda a sua infinita reverência e temor, foi ouvida; aquele forte clamor e aquelas lágrimas não foram rejeitados. Não podemos ser intrusos no mais íntimo desse cenário. Está envolto numa auréola e num mistério em que nenhum pé humano pode penetrar. Nós, quando o contemplamos, somos como aqueles discípulos nossos sentidos ficam confusos, nossas percepções ficam ofuscadas. Só conseguimos participar do espanto e da grande aflição deles. Semiacordados, semi-oprimidos com o peso irresistível do sono perturbado, só conseguiam sentir que eram testemunhas (mas sem nitidez) de uma agonia indizível, muito mais profunda do que eles pudessem sondar, porque transcendia em muito qualquer coisa que nós, até mesmo em nossos momentos mais puros, podemos compreender. O local parece estar cheio das presenças do bem e do mal, lutando entre si num esforço silencioso para obter a vitória eterna. Eles olham Cristo, diante de quem os demônios tinham fugido uivando de terror, deitado com Seu rosto na terra. Escutam aquela voz clamando em murmúrios de agonia quebrantada, que antes tinha dado ordens ao vento e ao mar, que Lhe obedeciam.

As grandes gotas de angústia que caem dele, naquela luta mortal, parecem ser gotas pesadas de sangue. Debaixo das sombras escuras das árvores, no meio do luar interrompido, parece-lhes que há um anjo junto dele, que sustenta as Suas forças minguantes, que o capacita a

levantar-Se vitorioso daquelas primeiras orações, só com algumas marcas vermelhas na testa, refletindo a amarga luta.

Por que tanta agonia e aflição? Era Seu medo da morte que provocava essa luta? Longe de nós tal pensamento! Não havia terror da morte que levasse o Salvador a suar sangue. O Cônego Farrar continua:

"Não, era algo infinitamente além daquilo que nossa máxima imaginação poderia postular. Era algo muito mais mortífero do que a morte. Era o fardo e o mistério do pecado do mundo que pesava sobre Seu coração; era o beber, na humanidade divina de urna vida sem pecado, do cálice amargo que o pecado envenenara; tratava-se da Deidade curvando-Se para suportar um golpe pavoroso que era o resultado da apostasia dos homens. Tratava-se, também, de sentir quão virulenta e pavorosa era a força do mal dentro do Universo de Deus, para ela tornar necessário um sacrifício tão infinito. Tratava-se de o perfeitamente Inocente suportar a pior malícia que o um humano pudesse arquitetar; tratava-se de a perfeita Inocência e Amor sentir no âmago tudo quanto era detestável na ingratidão humana, tudo quanto era pestilento na ingratidão humana, tudo quanto era cruel na raiva humana. Tratava-se de encarar com coragem o supremo triunfo do ódio e fúria satânicos, unindo contra Sua cabeça solitária todas as flechas incendiárias da falsidade judaica e da corrupção pagã, a fúria concentrada dos ricos e respeitáveis, os gritos enraivecidos das multidões cegas e brutais. Tratava-se de sentir que os Seus, em favor dos quais Ele viera, amavam as trevas mais do que a luz, que os filhos do povo escolhido podiam ocupar-se totalmente em uma única repulsa louca contra a Bondade, Pureza e Amor infinito."

Finalmente, Jesus saiu vitorioso da luta. A batalha tinha sido travada e a vitória ganha, mas, aos discípulos adormecidos, disse: "Ainda dormis e repousais! " Mas não sobraram muitos minutos para o sono. Já naquele momento, uma fileira de soldados estava subindo pelo vale, com lanças e tochas. Soaram as Palavras de Jesus: *Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima* (Mateus 26:46). Ao acordarem e esfregarem os olhos, os discípulos olharam e viram aproximar-se um grande contingente de soldados. Diante deles, ia alguém de feições bem conhecidas a eles: Judas Iscariotes.

C – JESUS É PRESO – MATEUS 26:47-49

- A prisão de Jesus não foi efetuada por uns poucos oficiais do Sinédrio. Embora houvesse alguns oficiais do Templo no meio, a força mais poderosa consistia em um destacamento de soldados romanos. Os governantes dos judeus temiam que houvesse um motim popular, de modo que conseguiram soldados romanos como garantia (João 18:3,12). Muitos dos principais sacerdotes e anciãos do povo também foram juntos.

- Essa força composta levava espadas e varapaus. Embora houvesse a luz da lua da Páscoa, levaram lanternas e tochas, pois pensavam que houvesse uma busca de um Jesus fugitivo.

Os soldados treinados marchavam segundo o rigor militar, mas os servidores do Templo, carregando varapaus, andavam de modo indisciplinado, dando ao seu grupo a aparência de uma turba.

- Quem ia adiante da procissão era Judas. Tinha estado com Jesus e os discípulos em cada anoitecer, e sabia exatamente onde estariam. Os soldados tinham o dever de efetivar a prisão, mas, por não conhecerem Jesus de vista, alguém tinha que identificá-Lo. Era esse o serviço do traidor infame. Tinha combinado previamente um sinal pelo qual O reconheceriam. Dissera: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o” (Mateus 26:48)

- É provável que Judas tenha andado certa distância na frente da turba, como se ele não pertencesse a ela, mas se apressasse para chegar em tempo hábil para avisar o Mestre do perigo que corria. E foi-se aproximando de Jesus da mesma maneira de sempre, e disse: "Salve, Mestre Jesus, já sabendo de tudo, falou-lhe com bondade: *“Amigo, para que vieste?”* (Mateus 26:50). Então Judas O beijou. Mas, depois do beijo que era como picada, Jesus fez a pergunta aniquilante: *Judas com um beijo trais o Filho do homem?* (Lucas 22:48). Normalmente, o beijo simbolizava a renovação do compromisso de lealdade. Trair o Mestre com um beijo, no entanto, foi o ato mais terrível do qual Judas pudesse ter concebido. Era um pecado contra o Céu e contra a Terra.

- O traidor, que se adiantara da turba, foi abrindo caminho para dentro das sombras do jardim; previa, decerto, a possibilidade de Jesus tentar escapar. Este, porém, afastando-se de Judas, saiu para encontrar-se com os soldados. *“Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes. A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno. Então Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas o traidor, estava também com eles. Quando,*

pois, Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra” (João18:4-6). Essas palavras, que Jesus falou com toda a calma, produziram uma reação notável. Os soldados, assustados, cambalearam para trás e, tropeçando uns nos outros, caíram por terra. Essa não foi a primeira vez que a presença de Cristo tivera esse estranho efeito sobre as pessoas. Quando Ele purificou o Templo, aqueles que o tinham profanado fugiram, horrorizados. Em outra ocasião, muitos habitantes da Sua própria cidade de Nazaré buscavam tirar-lhe a vida, mas ele, passando pelo meio deles, seguiu seu caminho." Ainda outra vez, um grupo de oficiais do Templo foram prendê-Lo, mas voltaram de mãos vazias, dizendo: "Nunca homem algum falou como este homem." O empreendimento dos guardas era mesquinho e traiçoeiro. Para deterem Jesus, precisavam dos serviços de um traidor. Esperavam chegar até Ele desprevenido, talvez enquanto dormia, ou, se tivessem de fazer uma busca, eles o apanhariam em algum cantinho, tremendo de medo. Mas, pelo contrário, Ele tomara a iniciativa e chegara até eles; era Ele quem fazia as perguntas.

- A atitude franca e aberta de Cristo deixou o grande destacamento de soldados, pesadamente armados, parecer ridículo. Tiveram que reconhecer que não o estavam prendendo, mas que Ele de livre e espontânea vontade Se entregava a eles. Ele permanecia Senhor da situação. Voltou-Se aos sacerdotes e oficiais do Templo, e perguntou-lhes por que foram contra Ele com tanta gente armada. Por que foram prendê-Lo como se fosse um criminoso?

Ele não tinha ensinado diariamente no Templo, e não tinham eles bastante oportunidade de prendê-Lo se quisessem? Desmascarou a covardia de todos eles, e mostrou que obviamente não o haviam detido porque temiam a multidão.

- Até esse momento, os soldados tinham se recuperado do seu pânico passageiro, e tinham agarrado Jesus, tratando-O com tanto mais grosseria para encobrir a fraqueza que demonstraram antes.

- Quando Pedro, sempre impetuoso, viu as mãos grosseiras dos soldados amarrando Jesus, não conseguiu refrear-se: "Senhor, feriremos à espada?" exclamou, e, sem esperar uma resposta, deu um golpe. Cegamente, como homem semiacordado, e com a coragem do desespero, começou a lutar. Caindo sobre o homem mais próximo dele, golpeou com a espada, quase acertando na cabeça; acabou decepando-lhe a orelha. Pedro teria pago caro por esse golpe, se

Jesus não tivesse intervindo. Voltando-Se ao homem ferido, Malco, um servo do sumo sacerdote, recolocou a orelha cortada e o curou (Lucas 22:51).

- Então, voltando-Se a Pedro, disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão. Acaso pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?" O que teria acontecido com Pedro, sem a intervenção do Senhor? Decerto, teria sido despedaçado pelos soldados vingativos. Mas o ato de Jesus teve um efeito notável sobre os circunstantes. Quando viram a orelha milagrosamente restaurada não pensaram em prender Pedro, e nem algum outro discípulo.

D – JESUS PERANTE O SUMO-SACERDOTE – MATEUS 26:57-68

- Depois de o destacamento de soldados ter amarrado com segurança as mãos de Jesus, levou-O de volta para a cidade. As tropas atravessaram o Ribeiro Cedrom enquanto a cidade dormia. É provável que alguns poucos retardatários, voltando para casa àquelas horas, tenham visto passar essa procissão, espiado por instantes o rosto do prisioneiro, e então se recolhido sem a mínima idéia de terem visto naquela noite uma cena que afetaria a História Universal até ao fim do tempo.

- Jesus foi levado diretamente até o sumo sacerdote, Anás. Seria submetido a dois julgamentos: um deles, diante do Sinédrio, e o outro, diante de Pôncio Pilatos, o governador. As circunstâncias do processo jurídico eram complicadas, devido à situação política do país. Se a nação fosse independente, bastaria o Sinédrio condená-Lo. Mas, no caso, não seria possível mandar executar a pena de morte sem a autorização do governador romano, que naquela ocasião era Pôncio Pilatos. Roma não tinha a política de destituir de todo o poder e autoridade dos países governados pelos romanos. Lisonjeava-os por meio de lhes conceder alguma semelhança de um governo nacional. Era especialmente tolerante nas questões da religião. Por isso, o tribunal eclesiástico dos judeus tinha autoridade para julgar todas as questões religiosas, e para castigar os que fossem julgados culpados, excetuando-se no caso da pena de morte. Nesse caso, o governador romano teria que submeter-se a um processo adicional. E assim foi que Jesus foi obrigado a passar por dois julgamentos. Não somente houve dois julgamentos, como também cada um deles consistiu em várias etapas.

- No primeiro julgamento, Jesus teve que comparecer, sucessivamente durante a noite, diante de Anás em primeiro lugar, e depois, diante de Caifás e o Sinédrio, e finalmente diante do Sinédrio inteiro de manhã cedo.

-

1 – O Sumo-Sacerdote Anás: Anás era um velho sacerdote de cerca de setenta anos de idade, que se tornara sumo sacerdote, vinte anos antes. Ao todo, cinco dos seus filhos passaram a ser seus sucessores no cargo. Além disso, o sumo sacerdote em exercício naquela data era seu genro, Caifás. Anás era o cabeça eclesiástico virtual da nação, embora seu genro fosse o cabeça nominal. Essa família, que viera da Alexandria, no Egito, com convite de Herodes Magno, era uma casta dominante, ambiciosa e arrogante. Seus membros eram saduceus; frios, altaneiros, cobiçosos, e intensamente impopulares. O tráfico no Templo, tão severamente denunciado por Jesus, era levado a efeito com a conivência desses sacerdotes, visando seu próprio enriquecimento.

A purificação do Templo, feita por Jesus, era provavelmente a base do ódio que Anás tinha a Ele. O velho saduceu deve ter tomado a liderança na transação mediante a qual Judas ganhou trinta moedas de prata e foi enviado com os soldados para prender Jesus.

2 – Jesus Levado ao Sinédrio: Jesus estava nas mãos dos Seus inimigos tão impopulares. Se, porém, terminassem a parte do julgamento que coubesse ao Sinédrio, já em tempo hábil para entregar Jesus nas mãos do governador Pilatos, não haveria problema para temerem.

Realizar o processo jurídico à noite, porém, não era rigorosamente segundo as leis. Portanto, depois de terminar esse julgamento noturno e pronunciar a sentença, teriam que reunir a sessão de novo ao raiar do dia. Assim começou o interrogatório preliminar por Anás, o sumo sacerdote: *“Então o sumo sacerdote interrogou a Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo, ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto. Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei, bem sabem eles o que eu disse. Dizendo ele isto, um dos guardas que ali estavam, deu uma bofetada em Jesus, dizendo: É assim que falas*

ao sumo sacerdote? Replicou-lhe Jesus: Se falei mal, dá testemunho do mal, mas se falei bem por que me feres?" (João18:19-23).

Nenhum dos discípulos estava presente, mas um relato do processo jurídico não deixou de chegar aos ouvidos de João. O interrogatório por Anás começou de modo estranho. Não houve definição do crime alegado, nem foram apresentadas as testemunhas para corroborarem as acusações. Ao invés disso, Anás começou a perguntar a Jesus a respeito dos Seus discípulos e da Sua doutrina. A insinuação era que Jesus andava reunindo discípulos para lhes ensinar uma doutrina secreta que visasse o propósito de instigar uma revolução. A pergunta que Jesus fez a Anás, por sua vez, foi que se este não tinha evidências que confirmassem as suas suspeitas, por que o mandara prender? Tinha ensinado abertamente, e não havia segredo, de modo que, se o sumo sacerdote quisesse saber algo a respeito, bastava-lhe perguntar àqueles que o tinham ouvido.

Essas Palavras corajosas devem ter feito o rosto do sacerdote orgulhoso enrubescer-se com ira, pois estava acostumado às pessoas que gemiam com súplicas diante dele.

Um oficial do tribunal, considerando que seu dever era apoiar o inquisidor mistificado com uma demonstração de força física, disse: "É assim que falas ao sumo sacerdote?" E ao mesmo tempo, deu uma forte bofetada no rosto de Jesus. Alguém disse com razão, no tocante ao miserável mercenário: "Melhor lhe fora ter a mão ressequida, do que ter dado um golpe assim."

Era necessário um quórum de vinte e três membros para haver uma reunião legítima do Sinédrio. É provável que nessa ocasião o plenário estivesse completo. Com Jesus em pé diante de Caifás, o processo jurídico começou. A lei judaica tinha definido um conjunto bem completo de regras para um julgamento que envolvesse a pena da morte. As testemunhas de defesa deviam ser arroladas em primeiro lugar. E quando a promotoria começava a produzir as evidências contra o réu, as testemunhas da acusação eram avisadas a respeito da gravidade da sua situação, e que só podiam apresentar evidências em primeira mão. E todas essas evidências teriam que ser corroboradas por uma segunda testemunha.

3 – As Falsas Testemunhas: Caifás e os seus colegas desrespeitaram implacavelmente esses regulamentos. Tinham nas suas mãos Aquele que os perturbava, e não iriam deixá-Lo escapar. O

método de procedimento era diferente daquele que Anás adotara. Ao invés de procurarem envolvê-Lo na pregação de alguma heresia, buscavam falsas testemunhas que testificassem que Ele cometera (ou pretendia cometer) um crime público. As amargas divisões que mantinham entre si tomavam difícil a tarefa. Não podiam insistir nas supostas violações do Sábado por Cristo, pois as idéias dos saduceus dariam razão a Ele. Se insistissem na Sua suposta oposição à autoridade romana, os fariseus simpatizariam com Ele. Jesus poderia (do modo que Paulo fez posteriormente) ter explorado, as diferenças entre eles, visando Seu próprio livramento (Atos 23:6-10), mas não queria fazer assim. A única coisa que restava ao Sinédrio fazer era procurar falsas testemunhas (Mateus 26:59,60). Já tinham resolvido no coração que o matariam. Só lhes faltava elaborar uma acusação formal, mas com fundamentos imaginários, a fim de terem um pretexto jurídico para condená-Lo à morte. Mas, por mais que se esforçassem, não conseguiram levar algumas testemunhas a concordar entre si para contarem uma história consistente: *(Mateus 26:59-61)*.

Finalmente, conseguiram duas testemunhas que concordassem numa só coisa, e esperavam poder basear uma acusação formal no testemunho delas. As testemunhas falsas alegavam que tinham ouvido Jesus dizer: *Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias* (Mateus 26:61). Era uma perversão miserável daquilo que Ele realmente dissera. Nunca declarara que destruiria o templo de Deus, mas Se referia à destruição feita por eles (João 2:19). Aliás, mesmo se tal coisa tivesse sido dita, é difícil ver como serviria como base de um crime, pois Ele prometeu restaurá-lo de novo. O sumo sacerdote, vendo que não estavam chegando até onde ele queria, levantou-se de repente e disse: "Nada respondes ao que estes depõem contra ti? Queria dar a entender que um grande crime fora cometido. A verdade, porém, foi que ele se entregou à agitação extrema justamente porque não havia motivo para uma acusação formal contra Jesus.

O silêncio de Jesus deixava os sacerdotes desconcertados, frustrados, estonteados. Diante daquele silêncio, sentiam que eles eram os culpados, e Ele, o juiz.

Não recebendo nenhuma resposta de Cristo, esse sacerdote falso, na sua frustração furiosa, tinha seu último trunfo nas mãos, e resolveu colocá-lo em jogo. Voltando ao seu trono, Caifás submeteu Cristo a juramento e exigiu, com solenidade teatral, saber se Jesus era o Cristo, o

Filho de Deus: *"Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus"* (Mateus 26:63).

4 – Jesus o filho do Todo-Poderoso: Agora chegamos ao ponto crítico do julgamento de Cristo. Aceitou o direito de o sumo sacerdote obter informação por juramento (que aliás, era ilegal). Sabia, obviamente, que a pergunta Lhe foi feita sem o desejo de saber a verdade, mas meramente para incriminá-Lo, e que a resposta importaria na morte certa. Mas Cristo não teve a mínima hesitação, porque se recusasse a resposta, Seu silêncio seria considerado uma negação do Seu Messiado: *"Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu"* (Marcos 14:62).

A fim de garantir clareza total na Sua declaração, Jesus acrescentou que viria a hora em que o veriam "assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu". Nos dias da Sua popularidade, se tivesse proclamado o Seu Messiado, a multidão imediatamente o teria aceitado como rei; mas naqueles tempos, mantinha-Se quieto a respeito. Mas, no terrível momento decisivo em que proclamar essa verdade importaria na Sua morte, Cristo, em pé diante das autoridades da nação, proclamou Seu Messiado.

Caifás finalmente conseguira o que queria. Fez o gesto de "horror diante da blasfêmia," rasgando as suas vestes. Voltando-se para seus colegas, disse: "Que mais necessidade temos de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia?" E, com isso, "todos o julgaram réu de morte."

Toda a iniquidade da raça humana pervertida foi surgindo e transbordando numa malevolência cega e irracional. Davam-Lhe murros; puxavam a Sua barba; cuspiam no Seu rosto, zombavam dEle; e, depois de Lhe cobrir o rosto, o esbofeteavam, gritando: *Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu?* (Mateus 26:68).

E – O JULGAMENTO CIVIL PERANTE PILATOS – JOÃO 18:28-32

- A pena de morte tinha sido decretada para Jesus. Do ponto de vista jurídico, era ilegal os judeus sentenciarem um homem a morrer no mesmo dia em que o veredito foi pronunciado. Os membros do Sinédrio, no entanto, estavam inventando suas próprias regras no decurso desse falso processo jurídico contra Jesus. Não tinham votado por deliberação individual, conforme exigia a lei,

mas por aclamação o declararam culpado. Quando um criminoso era condenado a morrer, o Sinédrio tinha a obrigação de jejuar e orar durante todo aquele dia, mas esses falsos depositários da lei, muito pelo contrário, participaram da cena vergonhosa de esbofetear Jesus. Cuspiam nele e, depois de Lhe vendar os olhos, fizeram a brincadeira grosseira de bater nele, para então perguntar, em tons de zombaria, se Ele pudesse revelar, por profecia quem O atacara assim.

- É provável que alguns determinados membros do Sinédrio não tivessem sido convocados. Não vemos nem Nicodemos ali, nem José de Arimatéia, e esperamos que o nobre Gamaliel não tenha participado dos procedimentos vergonhosos. Decerto, nem foram convocados, e isso se compreende facilmente se seus sentimentos para com Jesus eram conhecidos.

-

1 – A Pena Capital nas Mãos de Roma: O Sinédrio teria gostado muito de mandar executar imediatamente a pena de morte por apedrejamento, mas havia algo que o impossibilitava. Os judeus não tinham a autoridade legal de aplicar a pena capital a ninguém. A única maneira, portanto, de conseguirem a sua intenção era entregar Jesus ao governador romano.

Mesmo assim, ficaram com outro problema: combinar entre si qual acusação formal poderiam apresentar contra Ele. É certo que o tinham julgado réu de blasfêmia. Essa acusação, no entanto, não faria sentido num tribunal romano. Precisaram inventar alguma maneira de perverter suas acusações contra Jesus ao ponto de parecer sedição política contra Roma.

2 – O Remorso de Judas Iscariotes: Enquanto se preparavam para levar Jesus diante Pilatos, houve um interlúdio macabro. O ator principal em toda essa iniquidade, Judas Iscariotes, que deve ter espiado secretamente tudo quanto transcorria, passou a ser acometido por um terrível sentimento de remorso. Foi até os sacerdotes principais e aos anciãos, levando as trinta moedas de prata, para confessar-se arrependido da sua ação terrível, esperando numa possibilidade totalmente irreal de poder inverter o que fizera. Sua oferta foi rejeitada com desprezo, e Judas saiu, um homem arruinado, para enforcar-se.

3 – O Governador Pôncio Pilatos: O governador da Judéia nesses tempos era um homem chamado Pôncio Pilatos. Sua residência principal não se achava em Jerusalém, mas, sim, na nova

cidade de Cesaréia, à beira-mar, que oferecia esplendores e luxos mundanos que nenhum outro lugar da Palestina possuía. Às vezes, porém, Pilatos tinha o dever político de passar temporadas em Jerusalém. Para sua desgraça eterna, achou-se nessa ocasião ocupando o palácio real que fora edificado anos antes por Herodes Magno, de infame memória.

Esse palácio ficava próximo ao terreno do Templo, no lado sudoeste. Para lá foram os judeus, cedo de manhã, levando seu prisioneiro, Jesus. Esse palácio era magnífico, e dizia-se que rivalizava com o próprio Templo. Os sacerdotes e os anciãos, por mais ansiosos que estivessem para terminar sua missão, não queriam entrar no palácio, que agora era sede do pretório romano, para não se contaminarem cerimonialmente por contato com gentios. Pilatos não sentiu nenhum prazer ao ver se aproximarem os judeus, pois seus relacionamentos com eles já eram tensos. Já tivera vários confrontos sangrentos entre seus soldados e os judeus, que resultaram em conseqüências políticas bem graves para ele. Seria alarmante para o governador a possibilidade de ainda mais relatórios de distúrbios na Judéia chegarem aos ouvidos do Imperador Tibério.

4 – Jesus Trazido a Pilatos: Pilatos, portanto, muito contra a sua vontade, sentiu-se obrigado a sair até os judeus para receber as queixas. Assentou-se na sua cadeira especial, com seus secretários ao lado, e, obviamente, vários soldados romanos ao seu redor, com as lanças em posição de prontidão.

De imediato, sentiu a sua atenção atraída ao prisioneiro que os judeus tinham trazido para lá. Cheio de desprezo pelos seus visitantes, desprezo este que mal conseguiria ocultar, exigiu saber qual era a acusação. A resposta dos líderes judaicos era mal-humorada, até mesmo insolente: "Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos." Tratava-se de uma indireta bastante grosseira, no sentido de o governador considerar suficiente o processo diante do Sinédrio, e abrir mão do seu direito legal de vista do processo. Os sacerdotes e anciãos, com cara de poucos amigos, achavam que essa demonstração de truculência intimidasse Pilatos ao ponto de ele lhes conceder imediatamente o pedido. Mas eles, mesmo com seu fanatismo assassino, não conseguiram intimidar Pilatos. Com desprezo total pelo seu auditório, disse: "Tomai-o vós outros e julgai-o segundo a vossa lei." Se ele não era para ser o juiz, muito menos seria o algoz.

Essa declaração forçou os judeus a confessar, humilhados, que não tinham poderes nem autoridade para executar a pena de morte, e que realmente estavam com sede de sangue. Era desagradável revelar esse fato, e confessar sua própria incompetência jurídica, mas não havia jeito. Disseram: "A nós não é lícito matar ninguém."

Os judeus teriam ficado atônitos se tivessem sabido que suas ações nada mais faziam do que cumprir a vontade determinada por Deus e registrada pelos profetas séculos antes. Poderiam ter apedrejado Jesus, mas Sua morte tinha que ser pela crucificação: *"Olharão para... quem traspassaram"*, disse o profeta Zacarias (Zacarias 12:10).

5 – Jesus Acusado De Traição Perante Pilatos: Percebendo que não teriam probabilidade de conseguir de Pilatos a autorização para executar Jesus na base de uma acusação de blasfêmia, acharam necessário inventar alguma outra acusação falsa. *"Levantando-se toda a assembléia, levaram Jesus a Pilatos. E ali passaram a acusá-lo, dizendo: Encontramos este homem pervertendo a nossa nação, vedando pagar tributo a César e afirmando ser ele o Cristo, Rei"* (Lucas 23:1-2).

a) Em primeiro lugar, disseram que Ele estava pervertendo a sua nação, expressão esta sem significado específico.

b) Em seguida, declararam que Ele proibia o pagamento do tributo anual. Quando nos lembramos da resposta de Cristo àqueles que Lhe perguntaram publicamente a respeito, só podemos concluir que esses líderes judaicos optaram por mentir descaradamente a Pilatos.

c) Finalmente, disseram que Cristo alegava ser um rei. Essa acusação tinha um pouco mais base do que as duas anteriores, que não passavam de mentiras desavergonhadas. Na realidade, porém, Cristo certamente não tinha o mínimo plano de Se tornar um rei terrestre, e Sua recusa diante da proposta de uma multidão, de o proclamar rei, já servira como prova total disso na ocasião da multiplicação dos pães. Por outro lado, os membros do Sinédrio nada mais teriam desejado do que um rei daquele tipo que seria um grande general vitorioso, que desfaria o domínio romano sobre Israel, e que transformaria Jerusalém em capital do mundo inteiro. E justamente porque Jesus não Se enquadrava nesse tipo de Messias que desejavam, passaram a odiá-Lo e a rejeitá-Lo.

6 – Jesus é Interrogado por Pilatos: Pilatos desconsiderou as duas primeiras acusações, pois conhecia muito bem a hipocrisia dos acusadores, que até então tinham demonstrado uma aversão fanática ao pagamento do tributo. Não podemos definir com certeza exatamente o quanto Pilatos já sabia a respeito de Jesus, mas, certamente deve ter ouvido falar a Seu respeito. O sonho que a esposa de Pilatos teve indica que o ministério de Cristo tinha sido assunto de conversa dentro do palácio. Durante o julgamento inteiro, Pilatos sempre evidencia interesse genuíno pelo Acusado.

Pilatos, vendo Jesus em pé diante dele, sem amigos, vestindo roupas de camponês, e com as mãos amarradas atrás das costas, já sofrendo os efeitos dos espancamentos grosseiros dados por aqueles desprezíveis agitadores das multidões, perguntou, estranhando tudo e com dó: "És tu o rei dos judeus?" Se Jesus tivesse confirmado ou negado com uma simples palavra, "sim," ou "não," Pilatos não teria tido condições de compreender com clareza a situação. Era necessário, portanto, distinguir entre a maneira de Pilatos conceber de um rei, e o ideal messiânico. Jesus perguntou, portanto: *Vem de ti mesmo esta pergunta, ou to disseram outros a meu respeito?* (João18:34).

Essa pergunta irritou Pilatos, porque não queria que os judeus tirassem a conclusão de que ele mesmo estava pessoalmente interessado no caso de Jesus. Respondeu rispidamente, portanto: *Porventura sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?* (João18:35). Jesus sentiu pessoalmente a vergonha da situação dos judeus. Pois Sua própria nação deliberadamente o prendera como se fosse um criminoso perigoso. Nem por isso Jesus deixou de oferecer a Pilatos uma explicação clara do tipo de Rei que Ele era, tanto do ponto de vista dos romanos, quanto da perspectiva dos judeus: *(João18:36)*.

O fato que Seu reino não era deste mundo demonstrava que Ele não era nenhum rival de César. Nesse último caso, Ele teria formado um exército, lutado contra os romanos, e libertado o país das forças de ocupação; mas a pura verdade era que não tinha havido ninguém que lutasse em favor dele, a não ser no caso do único homem (Pedro) que sacara uma espada e que fora ordenado a recolocá-la na bainha.

7 – Pilatos Declara Jesus Inocente: E foi assim que Cristo fez a distinção entre o Seu reino e o de César. Roma travou muitas batalhas sangrentas a fim de manter o seu império. A batalha de Cristo era estabelecer a supremacia da verdade. Aqueles que pertenciam à verdade ouviam a Sua voz.

Abstrações tais como a "verdade" não eram compreensíveis para Pilatos, o romano tão prático, que indagou: "Que é a verdade?" Mas pelo menos a resposta de Cristo deixou Pilatos com certeza de que Roma não teria motivo de imaginar que Jesus instigasse uma rebelião armada. Percebeu a hipocrisia dos judeus que o acusavam, ficou convicto de que Jesus era, além de inocente, um homem infinitamente mais nobre do que Seus acusadores mesquinhos e traiçoeiros. Talvez Pilatos pensasse que Jesus fosse um sonhador romântico, mas que certamente não tivesse cometido nada que justificasse Sua presença como réu diante de um tribunal romano. Por isso, Pilatos voltou aos judeus e pronunciou o seu veredito de ser ele inocente: "Eu não acho nele crime algum."

Não era esse o veredito que os judeus desejavam, muito pelo contrário! Ao invés de considerar encerrado o processo, foram levados a um estado de fúria mais feroz, e começaram a desandar em acusações torrenciais. Tinham passado a noite em claro por causa desse Homem, e agora se deixariam frustrar na obtenção dos seus objetivos? *“Insistiam, porém, cada vez mais, dizendo: Ele alvoroça o povo ensinando por toda a Judéia, desde a Galileia, onde começou, até aqui”*(Lucas 23:5).

Essa erupção violenta de palavras iradas e de acusações ferozes deixou Pilatos muito surpreendido. Em outras ocasiões, já tivera experiências muito amargas com os judeus, mas não esperara uma explosão tão dramática numa questão de um único preso. Não queria que a cena se degenerasse ao ponto de ser um motim que ele estaria obrigado a esmagar com o emprego de tropas.

8 – Jesus Enviado a Herodes: No meio dessa situação perplexa, Pilatos enxergou, de repente, uma saída diante dele. Escutara a referência à Galileia os judeus que acusavam Jesus tinham mencionado essa província, pois era ali onde as revoltas usualmente tinham a sua origem, e o fato despertou na sua mente algumas novas idéias. Perguntou se Jesus era galileu e, sendo

confirmado esse fato, ocorreu-lhe a feliz idéia de mandá-Lo a Herodes, com a desculpa que realmente Jesus pertencia à jurisdição de Herodes. Dessa maneira, Pilatos se veria livre de um processo no qual não tinha o mínimo desejo de se envolver mais. Pondo em prática imediatamente a sua decisão, mandou seus soldados escoltarem Jesus até ao palácio dos Macabeus, onde Herodes estava instalado para a Festa da Páscoa.

F – JESUS LEVADO PERANTE HERODES – LUCAS 23:6-11

- Herodes tinha decapitado João Batista sob a pressão instigadora fatal da sua esposa, Herodias, que se enfurecera porque o profeta ousara declarar adúltero o casamento entre ela e Herodes. Parece que o rei Herodes, que tivera a máxima relutância em matar João Batista, passou a sofrer fortes dores de consciência. Um régulo dissoluto cuja vida era marcada por devassidão e outras iniquidades, também se deixava dominar por superstições. Quando recebeu notícias das poderosas obras que Jesus realizava na Galileia, chegou imediatamente à conclusão de que Ele era João Batista ressuscitado dentre os mortos (Mateus 14:2). Embora sua mente tenha ficado dominada por temores e remorsos por algum tempo, tais sentimentos iam se dissipando. É provável que Herodes também tenha sido informado que Jesus pregava contra o repúdio às esposas, da mesma maneira que João Batista fizera. Na hora em que tais notícias chegassem aos ouvidos de Herodias, ela também queria a cabeça do Sucessor de João Batista.

- Tal era a situação que alguns fariseus, que pareciam ter sentimentos melhores para com Jesus do que a maioria dos seus colegas, tinham advertido Jesus que seria melhor Ele fugir, a fim de que Herodes não o matasse. O Senhor respondeu, dizendo que o caráter de Herodes era do tipo da raposa, e que Ele não se deixaria desviar do Seu propósito. (*Lucas 13:31-32*).

- Não seria exatamente essa a intenção de Herodes, no entanto, e quando, posteriormente, lhe surgiu essa oportunidade, recusou-a. Pelo contrário, acalmados seus temores supersticiosos quanto a Jesus ser João Batista, passou a desejar vê-Lo, a fim de Jesus operar na sua presença alguns dos milagres a respeito dos quais ouvira dizer. *“Herodes, vendo a Jesus, sobremaneira se alegrou, pois havia muito queria vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito; esperava também vê-lo fazer algum sinal”* (Lucas 23:8).

1 – O Encontro Entre Jesus e Herodes: O encontro entre Herodes e Jesus é uma cena de muitos contrastes. O reizinho era um homem caído na fossa negra da licenciosidade e da consangüinidade, e tinha no seu poder o Personagem mais santo e nobre que o mundo já conhecera. Herodes antegozava o encontro com o mais agudo interesse, pois esperava que Jesus, para prestar Sua homenagem à realeza, operasse alguns milagres, para divertir a ele e aos seus cortesãos, sem levar em conta o propósito de Pilatos ao enviar Jesus a ele.

Em primeiro lugar, Herodes queria certificar-se de que Jesus não era João Batista. E depois de observá-Lo com cuidado, dissipou as suas dúvidas a respeito, Diante disso, o tetrarca frívolo pediu que Jesus realizasse um dos Seus milagres, a fim de gratificar a curiosidade da realeza.

Devemos fazer uma pequena pausa aqui para notar que o pedido profano de Herodes não deixa de ter seu paralelo hoje. Mesmo no ministério, há homens imbuídos com o mesmo espírito, que, na sua oposição à cura divina, lançam desafios estouvados, a ponto de exigir que milagres sejam realizados diante deles visando seu benefício particular, e, em não sendo gratificada a sua curiosidade, pensam possuir provas formais contra a cura divina. Na pura verdade, porém, rebaixaram-se, pela sua atitude irreverente diante das coisas sagradas, ao nível da classe mais baixa dos seres humanos, segundo a descrição do próprio Jesus: *“Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pi sem com os pés, e, voltando-se, vos dilacerem”* (Mateus 7:6).

Porque Herodes se dedicara a uma vida de extravagância, as fibras do seu caráter tinham decaído ao ponto de se tornar essencialmente malignas, e ficou totalmente incapaz de entender a nobreza de caráter do seu Prisioneiro. Considerava Jesus como um prestidigitador, um mágico, um milagreiro ambulante que produzia milagres a pedido. Supunha, portanto, que Jesus aceitasse com alegria tão boa oportunidade para demonstrar a Sua perícia.

Conversar com semelhante homem teria sido uma profanação, e Jesus lhe respondeu com silêncio majestoso. Tinha sido encaminhado a Herodes a fim de ser sujeitado ao julgamento, mas Herodes transformara o encontro em outra coisa. Se Jesus tivesse feito o agrado de Herodes, e operado algum milagre, talvez o tetrarca fantoche o tivesse deixado ir embora, e até mesmo Lhe dado presentes para levar. Jesus conhecia Herodes, e era inconcebível que Ele operasse um milagre para Se tornar agradável a um homem que tratara de modo tão frívolo as coisas santas.

2 – Jesus Considerado Inocente por Herodes: Quando Herodes acabou percebendo que Jesus não falaria com ele, tomou outras atitudes. Não considerava que o homem diante dele era um criminoso, mas como bufão para ser ridicularizado. Ele e os seus sequazes trataram-No com desprezo, e escarneceram e zombaram dele.

Herodes tirou a conclusão errônea que, porque Jesus não operou um milagre não tinha capacidade para isso. Com gesto de despedida zombeteira, mandou trazer um dos seus mantos luxuosos do guarda roupa real, mandou vesti-lo em Jesus, e o encaminhou de volta a Pilatos no meio das risadas altas dos lacaios e capangas da sua corte.

Por mais que Herodes tivesse tratado Jesus com zombaria e escárnio, não o julgou culpado do crime do qual fora acusado. Pela segunda vez, Jesus foi inocentado.

G – JESUS CONDENADO À MORTE – LUCAS 23:13-32

- Pilatos viu, sem a mínima satisfação, os soldados trazendo o Prisioneiro de volta para seu tribunal. Falhara seu estratagema de livrar-se da responsabilidade de julgar Cristo, e foi obrigado a reabrir o processo. Tanto Herodes quanto Pilatos nada tinham achado em Jesus que merecesse a morte. Deveriam, portanto, ter libertado imediatamente o Prisioneiro. O governador deveria ter dito aos judeus que o inocentara da acusação de sedição, e que ele o protegeria, com todo o poder da autoridade de Roma, de qualquer violência. Mas ao invés de fazer assim, começou a temporizar. Como meio de abrandar a ira dos judeus, teria açoitado Jesus publicamente, fazendo-O parecer vil diante deles (Lucas 23:13-16). Em seguida, o soltaria.

-

1 – O Sonho da Mulher de Pilatos: Essa proposta, obviamente, era flagrante injustiça. Era uma manobra de conveniência e de meio-termo para aplacar os judeus. Apesar disso, a Providência, a fim de reforçar Pilatos no seu desejo de não ceder diante das exigências da multidão, enviou-lhe um aviso através da sua esposa, Cláudia Prócula. O livro apócrifo de Nicodemos faz referência a ela, e declara que era prosélita. Orígenes declara que posteriormente se converteu ao cristianismo. O recado que a esposa lhe mandou era que Jesus era um justo, e que Pilatos não devia, em hipótese alguma, ceder diante das exigências dos judeus que queriam Sua

execução: *“E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito” (Mateus 27:19).*

Enquanto Jesus estava sendo levado ao palácio de Herodes, é possível que Pilatos tenha voltado para sua residência oficial (em Jerusalém) e conversado a respeito com sua esposa. Ela, abalada pelos acontecimentos, adormecera, e, no seu sono perturbado, tinha visto algo que a deixara alarmada. Quando acordou, Pilatos já voltara ao seu tribunal. Ela, portanto, escreveu seu recado de advertência e o mandou ao marido.

Esse incidente da esposa teve um efeito curioso de Pilatos sobre a imaginação da Igreja Primitiva, e muitas tradições a seu respeito têm sido conservadas. Supostamente, converteu-se ao cristianismo, e a Igreja Grega até mesmo a canonizou. É provável que a maioria dessas tradições seja de pura imaginação, embora não seja impossível que Cláudia tenha se convertido depois da sua estranha experiência. Seja como for, sua solicitude para impedir que Pilatos cometesse uma injustiça terrível, associa-a com aquelas mulheres nobres que têm procurado preservar seus respectivos maridos das armadilhas e tentações da vida pública. Não podemos mesmo duvidar que Deus estivera envolvido naquele sonho, a fim de poupar a Pilatos a decisão fatídica que estava para tomar.

2 – A Escolha dos Judeus: Quando Pilatos leu essa advertência da parte da sua esposa, resolveu com mais firmeza inocentar Jesus. Pensava ver uma saída. Durante a Festa da Páscoa, havia o costume de o governador romano soltar um prisioneiro para agradar os judeus. E, realmente, naquela hora já havia uma turba reunida, que gritava, pedindo seu "presente" anual regular.

Nessa ocasião, a exigência era bem-vinda aos ouvidos de Pilatos, porque achava nela um modo de fugir do seu dilema. Ofereceria a eles Jesus, que poucos dias antes era herói de uma demonstração popular, como candidato para o Messiado. Naturalmente, essa atitude de Pilatos era injusta, pois Jesus não tinha sido condenado, e soltá-Lo dessa maneira era agir como se Ele já tivesse sido declarado culpado.

Mas o que Pilatos não entendia era que não se tratava da mesma multidão que aclamara Jesus poucos dias antes, que acenara com palmas e gritara "Hosana." A turba mista diante de

Pilatos já tinha seu próprio predileto, um homem chamado Barrabás. Era um "prisioneiro notável," que fora condenado como líder de uma insurreição que levava várias pessoas à morte. Esse homem, meio assaltante e meio revolucionário, tinha captado a imaginação popular, e gritavam com Pilatos que era só Barrabás cuja soltura pediam. Essa exigência estava fora dos planos de Pilatos; mesmo assim, achava que uma vez que a turba visse a forma nobre de Jesus em pé ao lado do revolucionário subversivo, certamente escolheria Jesus. Por isso, mandou chamar Barrabás, e o deixou lado a lado com Cristo. Enquanto assim acontecia, os principais sacerdotes e as autoridades eclesiásticas distribuíam-se no meio da turba e empregavam todos os truques e argumentos para influenciar o povo contra Jesus. É provável que seu argumento mais eficaz tenha sido dizer-lhes que Jesus era o predileto de Pilatos, e, por isso, não poderia ser o escolhido pelos judeus (*Mateus 27:15-22*).

E foi assim que a multidão foi gritando a Pilatos que Barrabás devia ser solto, e não Jesus. A turba pouco sabia a Seu respeito; estavam obcecados na sua intenção de conseguir a soltura do seu herói da insurreição mais recente.

Para Pilatos, parecia chocante que essa multidão enlouquecida da ralé realmente preferisse um assassino a Jesus.

3 – Porque Pilatos Na Sua Autoridade Não Soltou A Jesus: Alguém pode estranhar por que Pilatos, plenamente convicto de que devia soltar Cristo, não se impôs contra o clamor da multidão, a fim de fazer o que sabia ser certo.

O fato era que Pilatos tivera grandes problemas com os judeus, desde o dia em que se tornou governador. Antes dos tempos dele, outros governadores, com deferência aos judeus, nunca tinham deixado os soldados levar para dentro de Jerusalém insígnias com a efígie do imperador. Pilatos desprezara essa idéia de ceder ao preconceito popular, e suas cortes levaram suas insígnias para dentro da cidade. Isso tinha sido feito à noite, de modo que não foi notado de imediato. Mas quando o povo viu os estandartes romanos esvoaçando acima da cidadela, sentiu ultraje e indignação. Uma delegação de cidadãos foi até Cesaréia a fim de protestar fortemente diante de Pilatos. Este desconsiderou o pedido da remoção dos estandartes. Depois de cinco dias e

cinco noites de escutar as petições tristonhas, Pilatos pensou numa maneira de acabar com o assunto.

No sexto dia, portanto, ao renovarem a sua petição, deu um sinal aos soldados emboscados, que cercaram os judeus, ameaçando-os com a morte imediata caso não desistissem e voltassem para casa. Mas ficou atônito quando os judeus se deitaram com o rosto em terra e desnudaram o pescoço, dizendo estarem dispostos a morrer caso não fosse concedida a sua petição. Pilatos cedeu imediatamente, e ordenou a remoção das insígnias que tinham provocado tanta repulsa.

Essa concessão, no entanto, só serviu para abrir o caminho para mais desafio à sua autoridade. Não demorou para outra questão ser levantada. Jerusalém não possuía um fornecimento adequado de água potável, e Pilatos resolveu construir um aqueduto para trazer água. O projeto era bom, mas foi infeliz no plano de custear a obra pública com fundos do Templo. De novo, os judeus fizeram fortes protestos. Pilatos resolveu não ceder dessa vez, e quando a turba se formava, mandou os soldados, à paisana, misturarem-se entre os populares, a fim de acabarem com a oposição. Ao começar o motim popular, os soldados atacaram a turba. Espancaram muitos até a morte, e pisotearam outros. A insurreição foi esmagada, mas assim foi incitado o ódio maligno do povo. Houve mais levantes, que Pilatos esmagou com brutalidade selvagem. Uma dessas ocasiões é mencionada em Lucas 13: 1, que diz que Pilatos misturou o sangue de certos galileus com os sacrifícios que realizavam. Um ultraje final foi introduzir os escudos do imperador no palácio de Herodes em Jerusalém. Foi levada uma queixa diretamente ao Imperador Tibério. Este desagradou-se muito, e, depois de repreender Pilatos, ordenou a remoção daqueles escudos.

É fácil perceber, portanto, por que Pilatos, que sinceramente desejava soltar Jesus, temia outra revolta que talvez resultasse na sua própria destituição do cargo. Se pudesse, teria esmagado aqueles líderes, mas sabia que devia agir com cautela depois daqueles acontecimentos anteriores.

E assim, Pilatos ficou em pé diante da multidão, querendo soltar Jesus, mas temendo que, nesse caso, os judeus levassem outra queixa ao imperador. Para Pilatos, a escolha de Barrabás, feita pela multidão, foi uma surpresa total. Quando perguntou: *Que farei então de Jesus, chamado*

Cristo? esperava que dissessem: "Solte-nos Jesus, também." E é provável que tivesse concedido esse pedido. Mas, ao invés disso, gritaram: "*Crucifica-o! Crucifica-o!*" (Lucas 23:21).

Nem por isso Pilatos deixou de pleitear com a multidão de novo: "*Então, pela terceira vez, lhes perguntou: Que mal fez este? De fato nada achei contra ele para condená-lo à morte; portanto, depois de o castigar, soltá-lo-ei*" (Lucas 23:22)

Foi tudo em vão. A multidão, incitada ao ponto do frenesi, e com o mesmo espírito de um grupo de linchamento, uivava, exigindo o Seu sangue. Não queria a Ele; queria Barrabás (Lucas 23:25).

4 – Lavar As Mãos, Um Ato De Covardia: E então Pilatos fez uma coisa curiosa. Em pé diante da multidão, mandou trazer uma bacia de água e passou a lavar as mãos (*Mateus 27:24-25*). De certo modo, era impressionante a ação de Pilatos; mas tinha o aspecto teatral. Pilatos estava lavando as mãos, ao passo que realmente as deveria ter usado.

Muitos homens que têm cargos públicos cedem diante das pressões, nalguma coisa que sabem ser errada, e então passam a culpa a terceiros. Ninguém, porém, pode fugir da sua própria responsabilidade. Vem a hora em que a pessoa tem que optar pela decisão certa, independentemente das conseqüências. Foi fútil a tentativa de Pilatos lavar o sangue das suas mãos. O sangue não se remove tão facilmente.

5 – Os Judeus Optam Pela Maldição: A turba desgraçada que tinha uivado pedindo o sangue de Cristo, estava bem disposta, no seu triunfo, a aceitar a responsabilidade. Todos disseram: "Caia sobre nós o seu sangue, e sobre nossos filhos!" Na sua loucura, não levaram em conta as conseqüências. Não teriam a mínima idéia de que suas palavras seriam cumpridas contra seus filhos e, netos 40 anos depois, no terrível cerco de Jerusalém, no qual dezenas de milhares pereceram pela fome, pelo fogo e pela espada. E os infelizes que sobraram com vida foram arrebanhados como gado, e tocados até à beira-mar, onde foram embarcados nos navios que os levaram aos mercados de escravos. Nunca foi feito um clamor mais irresponsável. Obtiveram o seu propósito, mas a maldição caiu sobre eles e seus descendentes por um período de 1900 anos.

6 – Cristo ao Pelourinho: Jesus foi levado para ser açoitado. Os cristãos tendem a evitar os pormenores dos sofrimentos de Cristo. Sem dúvida, seria mais fácil desviar o rosto da cena macabra. Mas não podemos evitar totalmente os pormenores do crime supremo dos séculos, cujas reverberações nunca cessaram. Olhando desdobrar-se o drama tenebroso, o horror nos deixa com náusea. Tendo já sofrido na Sua batalha com as forças da maldade no jardim do Getsêmani, e tendo sido esbofeteado pelo oficial do sumo sacerdote, passou a ser considerado "caça legítima" para Seus algozes vis. Com as mãos atadas atrás das costas, e a plebe gritando ofensas obscenas, foi levado ao pelourinho.

O açoitamento era feito diante dos olhos de todos. As roupas de Jesus Lhe foram tiradas, e foi forçado a curvar-se baixo sobre uma viga com as mãos amarradas, de modo que não houvesse meio de defender-se. O açoite tinha várias tiras de couro, cada uma com uma ponta cortante de metal. Quando os golpes cruéis atingiam a vítima, as pontas metálicas tiravam sangue. O açoite cortava tão profundamente nas carnes e nos nervos, que era comum a vítima desmaiar ou até mesmo morrer. Alguns têm suposto que Pilatos, por dó, tenha diminuído o número de açoites exigido pela lei, trinta e nove, mas o plano secreto do governador para obter a Sua soltura dependia de ele saciar o apetite sádico da turba com a severidade do Seu sofrimento.

Há outro aspecto do açoitamento de Cristo que freqüentemente tem sido negligenciado por teólogos do passado. Trata-se do fato de que as açoitadas recebidas por Jesus faziam parte da expiação: "Pelas Suas pisaduras fostes sarados!" As Escrituras ficam bem explícitas quanto a isso, e é estranho que esses fatos tenham sido tão freqüentemente olvidados ou desconsiderados. Que Jesus carregou sobre Si as enfermidades da raça humana, além dos seus pecados, fica claramente explícito na profecia de Isaías citado por Mateus 8:14-17.

A fim de Jesus suportar sozinho as nossas transgressões, Ele foi ser açoitado no pelourinho. Tendo Ele carregado uma vez as nossas enfermidades, não é necessário que nós as suportemos, nem uma só vez.

H – A CRUCIFICAÇÃO – MARCOS 15:22-26

- As nove da manhã, aproximadamente (a terceira hora da luz do dia) foi quando o grupo chegou ao lugar chamado Gólgota. Os soldados foram direto à sua tarefa de pregar os condenados

às cruzes. Vários tipos de cruzes eram usados na execução dos criminosos. Algumas eram formadas como a letra X, outras, como a letra T. A forma mais comum, no entanto, era a cruz com um travessão em ângulo reto, que seria aquela usada na crucificação de Cristo.

-

1 – Porque Cristo Não Quis Beber O Vinho Com Mirra: Imediatamente antes de a vítima ser colocada no instrumento de suplício, era-lhe dada uma dose de vinho medicamentoso, segundo o costume em Jerusalém; assim ficavam embotadas as suas sensibilidades e a dor era um pouco atenuada. Havia uma sociedade de senhoras de distinção em Jerusalém que assumia a responsabilidade de preparar essa taça de misericórdia, que era oferecida a todos os criminosos, independentemente dos seus crimes. Exausto, com fadiga extrema, e ardendo de sede, Jesus agarrou a taça que Lhe foi passada, sem suspeitar do seu conteúdo. Mas, tendo sentido o gosto, recusou-Se a beber. Por quê? Em primeiro lugar, era vinho alcoolizado, e Jesus, embora Se deliciasse com o suco puro de uva, não quis beber vinho fermentado, embora a intenção fosse para aliviar o Seu sofrimento. Além disso, o vinho continha mirra, um opiato poderoso que embotava os nervos e oferecia um efeito anestésico adicional para aliviar as agonias daquela morte pavorosa pela crucificação. Jesus ainda tinha serviços para fazer. Com Seu último hálito, Ele perdoaria pecadores. Por isso, tinha que conservar a Sua mente desanuviada até ao momento da intervenção da morte.

2 – A Ovelha Muda: Quatro soldados realizavam a tarefa brutal da crucificação. Não era incomum as vítimas, no frenesi da dor, gritarem maldições contra os algozes e os espectadores. Mas com Jesus, era diferente. E, como *ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca* (Isaías 53:7). Os soldados, que cumpriam seu dever na sua maneira profissional usual, não conheciam Jesus em absoluto.

3 – O Sofrimento Cruel De Cristo: As três cruzes foram colocadas no chão, e aquela que pertencia a Cristo ficou no meio. Então, despojado das Suas roupas, Jesus foi deitado sobre a cruz, com os braços estendidos ao longo do travessão, e a ponta de um prego de ferro foi colocada na palma da mão. Então, um golpe poderoso de martelo fazia o prego de ferro atravessar as carnes,

tendões, e ossos, e entrar *firmemente na* madeira. Semelhantemente, a cruz, com seu fardo de carne estremeçada, caía pesadamente para dentro do buraco cavado para isso, ao passo que a vítima experimentava a angústia inconcebível de ter seu peso sustentado por quatro chagas abertas.

Ali ficou Jesus, dependurado entre a Terra e o Céu, um espetáculo para homens e anjos, com as torturas se tornando cada vez mais insuportáveis, atacando cada vez mais a mente à medida que os minutos se passavam. A crucificação provocava dores tão fortes que quando a vítima desmaiava, a intensidade das dores a acordava para a plena consciência.

A morte pela crucificação parece incluir a soma total de todos os sofrimentos que o corpo humano pode experimentar: câimbras, sede, insônia, febre, vergonha pública, tormentos prolongados continuamente, conforme diz o Cônego Farrar: "todos intensificados até ao ponto máximo em que é possível suportá-los, mas sem ultrapassarem o ponto em que o sofredor recebesse o alívio de cair inconsciente. Cada movimento provocava novas torturas. Cada ferida latejava com dores lancinantes incessantes, e cada tipo de desgraça aumentava continuamente à medida que a sede intolerável se acumulava ao ponto de a morte, o inimigo desconhecido que usualmente é o mais temido, ser bem-vinda na sua aproximação, como a amiga mais bondosa."

4 – Os Soldados Cumprem A Profecia: Entrementes, os quatro soldados, tendo completado a sua tarefa, tomaram as vestes de Cristo para repartirem entre si. Um ficou com Sua capa; outro, com Sua cinta; o terceiro, com Suas sandálias; e o quarto, com Seu turbante. Só sobrou Sua túnica interna. Mas quando os soldados a examinaram, viram que não tinha costuras, que era *toda tecida de alto a baixo* (João19:23).

Não era incomum uma roupa assim entre os camponeses da Galileia, mas para os soldados romanos era novidade. Nunca tinham possuído nada semelhante e, por não quererem recortá-la a fim de reparti-la, lançaram sortes por ela, e assim cumpriram as Escrituras: "Repartiram *entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes*" (Mateus 27:35).

5 – A Inscrição Ordenada Por Pilatos: Os governantes dos judeus, que tinham saído para testemunhar a execução, notaram pela primeira vez a inscrição que Pilatos mandara escrever:

JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. Tinham ido para lá a fim de expressar sua satisfação maligna com a morte da sua vítima, mas quando viram essas palavras afixadas, acima da cabeça de Jesus, era um golpe na sua consciência. O costume romano era mandar um funcionário andar na frente da procissão a caminho da execução, e proclamar os crimes cometidos pelo condenado. Mas no caso de Jesus, nada assim é mencionado. Pelo contrário, parece que Pilatos aproveitou a oportunidade para vingar-se dos judeus que o tinham humilhado. Seu último ato no tribunal foi dar a impressão de estar convicto de que Jesus era realmente rei deles. Então, prolongou essa sua ofensa ao colocar a inscrição acima de Cristo na cruz. Era como que dissesse: "Esse é o rei dos judeus e é isso que a nação judaica faz com o seu rei."

Naturalmente, essa inscrição enfureceu os judeus, e transformou sua taça de triunfo em taça de amargura. Enviaram uma deputação a Pilatos, para pedir uma alteração desses dizeres. É provável que tenha sentido alegria em vê-los, para ter essa oportunidade final de vingar-se daqueles que tanto desprezava. Além disso, concordava um pouco com aquilo que escrevera; quase acreditava que o Homem que tinha sido mandado à morte merecesse um reino, mas que o próprio povo judaico não fosse digno dele.

A deputação pedira que a inscrição fosse alterada assim: "Ele disse: Sou o rei dos judeus." Sem condescender em esbanjar palavras para justificar a sua ação, deu-lhes uma resposta abrupta: "*O que escrevi, escrevi*" (João19:22), e os mandou embora.

I – JESUS NA CRUZ – MATEUS 27:41-44

- Lá no Gólgota, o drama continuava a desenrolar-se. A maioria entre a multidão parava, olhando com gravidade a cena terrível. Mas alguns, depois de olharem um pouco, passavam perto dele, meneando a cabeça e blasfemando. Outros zombavam, e falavam para Ele, se fosse de fato o Filho de Deus, descer da cruz. Queriam só ver se Ele destruiria o Templo e o reedificaria em três dias. Os principais sacerdotes e seus assistentes rebaixaram-se ao acrescentar suas zombarias e escárnios às vozes da plebe. E enquanto viam a Sua vida esgotando-se, foram se congratular uns com os outros: "Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se." E então, dirigindo-se a Cristo, gritaram com insolência desavergonhada: "É rei de Israel! desça da cruz, e creeremos nele."

- Jesus olhou em Seu redor, procurando um rosto amigo, mas não houve quem consolasse. Não havia voz de simpatia, mas somente ingratidão, blasfêmia e despeito. Mas não respondeu palavra a toda a zombaria, e manteve Seu silêncio real. Nenhuma palavra no meio dos gritos ímpios rosnados pelos iníquos, a não ser uma oração: *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”* (Lucas 23:34).

-

1 – A Quem se Referia Esta Oração de Jesus: Alguns têm perguntado até que ponto essa desculpa que Jesus fez em favor dos Seus inimigos podia ser aplicada. Podemos dizer que nenhuma de todas aquelas pessoas sabia o que fazia? Judas, que o traiu, não sabia? Os principais sacerdotes não sabiam? E Herodes não sabia? As Palavras de Jesus podem ter-se referido primariamente aos soldados, pois foram pronunciadas no meio do trabalho deles. Os soldados sem instrução, que só sabiam obedecer às suas ordens, eram os menos culpados. Um deles, o centurião, antes de terminar o dia, ficou impressionado ao ponto de confessar que Jesus era o Filho de Deus (Mateus 27:54). Depois, havia Pilatos, que procurara soltá-Lo, embora suas próprias fraquezas o tenham levado a ceder aos judeus. Mas o que se diz do Sinédrio? Pedro declara em Atos 3:17: *“E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades.”* Devemos crer, portanto, que a oração de Cristo era tão compreensiva como os corações dos Seus discípulos.

Como foi atendida a oração de Jesus? É claro que ninguém pode ser perdoado sem se arrepender. O crime terrível do assassinio do Filho de Deus exigiria que a terra se abrisse e engolisse os que o cometeram. Mas nada assim aconteceu. A oração de Cristo ofereceu um bom prazo para o arrependimento.

Jerusalém recebeu quarenta anos de adiamento do castigo. O Espírito de Deus foi derramado no Pentecoste. Milhares foram convertidos. Os apóstolos tiveram a oportunidade de pregar à nação inteira. E não foi em vão a sua obra, pois grandes multidões creram. E a Igreja foi estabelecida para levar a mensagem ao mundo inteiro.

2 – O Pedido do Ladrão na Cruz: Houve um caso, no entanto, em que a oração de Cristo foi atendida mesmo enquanto Ele ainda estava na cruz. Havia dois ladrões crucificados ali, um de cada

lado de Jesus. Poderíamos pensar que esses salteadores, sofrendo as torturas da crucificação, não tivessem, em meio às suas próprias agonias, tempo para zombar daquele que estava dependurado ao lado deles. Mas o relato diz que os *mesmos improperios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com ele*” (Mateus 27:44).

Há uma tradição que declara que um dos ladrões se chamava Dimas. É possível que tenha ouvido Cristo pregar em alguma ocasião, e que Suas palavras tenham achado esconderijo no seu coração. É possível que tenha visto algum dos Seus milagres. Quando ficou sabendo que Jesus fora preso, e que seria crucificado juntamente com ele, talvez tenha havido uma leve esperança de que o Senhor operasse um milagre e livrasse todos eles. Não havendo nenhum milagre desse tipo, o ladrão, por momentos, participou dos improperios contra Jesus.

Então Jesus proferiu aquela oração: *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”*. Essas Palavras comoveram o coração do salteador, e o levaram a sentir sua própria vergonha e degradação. Reconhecia que estava sofrendo as conseqüências justas dos seus maus feitos. Mas enquanto pensava, o outro malfeitor ergueu a voz de novo, dizendo: *“Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também”* (Lucas 23:39). Desta vez Jesus não respondeu, mas tinha um amigo para responder em Seu nome. O ladrão arrependido, a despeito dos seus sofrimentos, falou em Sua defesa: *“Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós na verdade com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez”* (Lucas 23:40-41). E mesmo enquanto falava, a fé surgia no seu coração. De repente, raiou sobre ele! Aquele que estava pregado à cruz ao seu lado era realmente o Messias! Já não pensava na sua vida humana, mas na sua alma. Jesus o salvaria? Quanto à vida neste mundo, o ladrão não tinha mais esperanças. Mas talvez Jesus se lembrasse dele quando Ele passasse para o mundo do Porvir. *“E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”* (Lucas 23:42-43).

Alguns acham difícil crer nas Palavras que Jesus disse. Mas realmente eram verdadeiras. Quando os espíritos dos sofredores fugiram dos corpos que expiravam, tanto Cristo quanto o ladrão arrependido foram até ao seio de Abraão, à habitação dos justos que tinham morrido. O espírito do outro ladrão, impenitente até ao fim, desceu para as trevas no outro lado do abismo,

onde são colocados os espíritos maus, e de onde não saem. Uma só palavra teria mudado o seu destino. Mas o pecado o obcecara, e preferiu seguir seu próprio caminho.

J – A MORTE DE JESUS – LUCAS 23:44-48

- Foi às três horas da tarde que Jesus morreu. Dentro de três horas, naquela época do ano, o sol se poria e o sábado começaria. Segundo o costume dos romanos, os corpos eram deixados nas cruzes durante vários dias, até que pudessem pela perda do sangue ou fossem despedaçados pelas feras ou pelas aves de rapina. Mas aqueles que não se consideravam poluídos ao marcarem sua festa da Páscoa com o assassinio do Salvador, ficaram muito alarmados com a idéia da santidade do seu Sábado da Páscoa ser profanada por cadáveres deixados enforcados até depois do pôr do sol.

- Por isso, pediram a Pilatos que as pernas das vítimas fossem quebradas, a fim de lhes apressar a morte e possibilitar a remoção dos seus cadáveres. Um martelo pesado era usado para isso, e o choque violento parecia ter o efeito de provocar a morte instantânea, ou, pelo menos, rápida. Faltando o apoio das pernas, a vítima não poderia mais lutar pelo hálito. Posto que os soldados tinham o dever de vigiar as vítimas até se lhes esgotar a vida, o pedido foi atendido sem dificuldade. Os soldados quebraram as pernas dos dois ladrões, mas quando chegaram até Jesus viram que Ele já estava morto. Por isso, nada fizeram contra Ele, e assim foi cumprido o simbolismo do Cordeiro da Páscoa: "Nenhum dos seus ossos será quebrado!"

- Existe outro pensamento que tem sido expressado a respeito dos acontecimentos daquele momento. Jesus era o Príncipe da Vida; a morte não poderia subsistir na Sua presença. Era necessário, portanto, que Jesus morresse antes que os dois ladrões sucumbissem. Porque havia casos em que alguma vítima, aparentemente morta, se reanimava depois de tirada da cruz, e posto que a vida do soldado respondia por qualquer falha nesse sentido, um deles, para maior garantia, atravessou o lado de Jesus com sua lança. A ferida atingiu a região do coração, e imediatamente saiu sangue e água. Essa circunstância não é incrível, de modo algum, e tem sido confirmada pela ciência médica. Indica que Cristo morreu literalmente com o coração rompido. Seu coração foi se inchando de tristeza até romper-se, e sangue separou-se entre o coágulo e o soro aquoso.

1 – Os Sinais Sobrenaturais: A morte de Cristo não ocorreu sem haver determinados sinais sobrenaturais. O primeiro foi assim: o véu do Templo, que cobria a entrada do Santo dos Santos, foi rasgado de cima para baixo. O fato de o rasgo ter começado em cima e descido até embaixo indica que foi o dedo de Deus que agira.

O que era simbolizado por esse evento singular? Significava que a glória Shequiná tinha partido do Templo. Indicava que a era do Antigo Testamento já passara, e que uma nova era estava para começar. Era o grande ponto crucial da História, um evento que significava que o mundo antigo passava para a História. O Espírito de Deus, que habitara em templos feitos por mãos humanas, estava deixando a velha habitação, e doravante habitaria em templos não feitos por mãos humanas. Conforme disse o apóstolo Paulo: “Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo?”

O véu rasgado em duas metades disse algo mais. Significava que o muro entre os judeus tinha sido desfeito, e que já não era necessário um sistema de cerimônias e rituais sacerdotais a fim de aproximar-se de Deus (Hebreus 10: 19-22).

É claro que os judeus remendaram apressadamente o véu e o recolocaram no seu devido lugar. Mas era tarde demais. A glória Shequiná partira de lá, e passara a morar dentro das pessoas cujos corações tinham sido aspergidos com o sangue de Jesus. Infelizmente para os judeus, o véu tem tampado seus olhos durante muitos longos séculos. Mas finalmente veio a hora para aquele véu ser levantado.

K – O SEPULTAMENTO DE JESUS – LUCAS 23:49-56

- Provavelmente, entre as quatro e as cinco horas da tarde, os três corpos foram retirados das cruzes. Onde foram sepultados os três malfeitores? Possivelmente, no local, juntamente com suas cruzes. Senão, foram levados a algum lugar amaldiçoado de sepultamento, onde os criminosos executados eram jogados de qualquer forma em algum buraco. Sem dúvida, Jesus teria participado do mesmo fim, não tivesse surgido uma circunstância inesperada.

-

1 – O Pedido de José de Arimatéia: Os romanos tinham o costume de permitir que amigos de criminosos executados retirassem o respectivo cadáver. Se, portanto, alguém surgisse para

pedir o cadáver de Jesus, não hesitariam em conceder a petição. Alguém apareceu mesmo com um pedido assim; seu nome era José de Arimatéia: (João19:38-42; Lucas 23:50-51). Este é o primeiro momento em que José de Arimatéia aparece no cenário da História. Era homem rico, e um membro do Sinédrio que não concordara com os demais no assunto de Jesus. Somos informados de que realmente era discípulo de Cristo, mas isso secretamente, por medo dos judeus. Embora tivesse sido omissivo quanto a declarar abertamente a sua fé em Jesus, sua indignação e tristeza por causa do crime cruel cometido pelos seus colegas levaram-no a abandonar toda a cautela. Enquanto o corpo de Cristo ainda estava na cruz, foi até Pilatos e rogou-lhe permissão para retirar o corpo para o sepultamento. Pilatos informou-se com o centurião se Jesus realmente morrera, e recebendo a resposta afirmativa, deu seu consentimento.

Embora José, previamente, tivesse sido tímido no tocante ao seu amor a Jesus, a vilania abjeta do Sinédrio levou-o à decisão de que, independentemente do perigo pessoal, demonstraria a sua devoção ao fornecer-lhe um lugar de sepultamento. Ao receber de Pilatos a permissão necessária, comprou uma peça de linho fino, e, tirando o Seu cadáver da cruz, envolveu-o no pano.

2 – O Auxílio de Nicodemos: A iniciativa tomada por José encorajou a fé dos demais, que estavam tendo problemas de consciência. Quando enfrentou corajosamente o perigo, seu exemplo encorajou outro discípulo secreto, um governante dos judeus, Nicodemos, a tomar posição. Lembremo-nos que Nicodemos anteriormente tinha visitado Jesus de noite, e que o Senhor lhe dissera que devia nascer de novo. Em outra ocasião, tinha feito uma tentativa tímida de defender Jesus diante do Sinédrio, mas foi silenciado pelos demais. Mas agora, juntamente com José de Arimatéia, tomou posição pública em favor de Jesus, ao levar ao sepulcro especiarias para sepultamento uns 50 kg de mirra e de madeira perfumada de aloés. Perto do local da crucificação, José possuía seu próprio sepulcro, uma caverna que tinha sido escavada na rocha. O sol estava para se pôr no oeste, e o sábado estava para iniciar-se, de modo que deu apenas tempo para levar o corpo, deitar nele as especiarias, envolvê-lo no linho, e deitá-lo cuidadosamente no sepulcro lavrado na rocha. Depois de os amigos de Jesus terem cumprido essa tarefa, o sol desapareceu além do horizonte ocidental. Os homens rolaram uma pedra grande para tampar a entrada do sepulcro, e então foram caminhando, com tristeza, para casa.

3 – O Pedido dos Principais Sacerdotes e dos Fariseus: Poderíamos imaginar que, finalmente, os inimigos de Cristo ficassem satisfeitos, mas não conseguiram totalmente remover das suas consciências culpadas o medo de algum problema inesperado que ainda surgisse para confrontá-los. Voltaram a Pilatos, portanto, e pediram soldados para guardar o túmulo (Mateus 27:62-66).

Explicaram, portanto, ao governador que se lembravam que Jesus predissera que Ele ressuscitaria no terceiro dia. Para evitar que Seus discípulos chegassem de noite e furtassem o corpo, para então fingir que Ele tinha ressuscitado dentre os mortos, queriam guardas estacionados em derredor do sepulcro para impedirem semelhante acontecimento. Previam, astutamente, que, se assim acontecesse, "o último embuste" (segundo diziam) "seria pior que o primeiro." Pilatos lhes deu permissão, com toda a altivez, e os mandou embora, sem sentir desejo de conversar mais com eles. Nem Pilatos nem os judeus perceberam que os discípulos de Jesus não estavam com a mínima idéia de mexer com o cadáver. Para eles, o evento inteiro era uma desgraça trágica e irrecuperável. Suas esperanças de que Jesus fosse o Messias, depois de terem voado tão alto, espatifaram-se em terra, e eles ficaram esmagados de tristeza e de decepção. Tinham sonhado em grandes coisas, mas, a crucificação e a morte daquele que tinham amado tanto, dissiparam totalmente seu sonho. Sentiram-se como homens que nunca mais voltariam a sorrir.

L – A LOCALIZAÇÃO DO CALVÁRIO – JOÃO 19:41-42

- Antes de terminarmos a história da crucificação, devemos considerar uma pergunta que é frequentemente feita: "Onde se localiza o Calvário e o túmulo onde Jesus foi colocado?" Cremos que há uma resposta autorizada. Merece nosso reconhecimento neste assunto o escritor L.T. Pearson, cujo livro *Where is Calvary? (Onde Está o Calvário?)* é uma investigação erudita do assunto, e que é a origem de muitos dados citados nesta seção. Onde se localiza o lugar chamado Calvário? E onde fica o local do túmulo onde o corpo de Cristo foi colocado? Nenhum lugar neste mundo é tão sagrado.

1 – O Monte Moriá Como Referência: Por várias razões, cremos que o Monte Calvário acha-se do lado de fora dos muros de Jerusalém, na extremidade norte do Monte Moriá. O sepulcro fica perto do local da crucificação, segundo declara João 19:41-42.

Na Bíblia, a primeira menção do Monte Moriá acha-se em Gênesis 22:2, quando Deus ordenou Abraão a oferecer seu filho Isaque.

O local foi escolhido por Deus. E foi ali que Abraão ofereceu seu filho como holocausto e recebeu-o de volta dentre os mortos, por assim dizer. Simbolicamente, portanto, a morte e a ressurreição do Filho de Deus foram ensaiadas de antemão, naquele mesmo local. Na vida de Abraão, tratava-se de uma prévia do grande sacrifício que seria oferecido ali 1900 anos depois.

O Monte Moriá entrou na História outra vez quando Davi cometeu o pecado de numerar o povo, e a nação se tornou ré do juízo (*1 Crônicas 21:15,18,26*).

Nesse local do Monte Moriá, o juízo contra os pecadores foi impedido, e assim continua impedido para todos os pecadores. Assim como Davi edificou ali um altar, assim também a cruz é o Grande Altar, onde o Sacrifício Supremo foi feito em data posterior.

Foi também no Monte Moriá que Deus mandou Salomão edificar o Templo (*2 Crônicas 3:1*).

E em *2 Crônicas 7:12,16*, o Senhor disse que aquele seria o Seu lugar para os sacrifícios, para que o Seu nome habitasse ali para sempre. O Templo que Salomão edificou não cobriu a totalidade do Monte Moriá, mas somente o sul dele. O Monte Moriá continua para o norte, para além do muro da cidade, e chega ao seu ponto mais alto no Calvário, ou Gólgota. Foi ali que Cristo foi crucificado. Os Evangelistas são muito exatos nessa questão: (*Mateus 27:33; Marcos 15:22; Lucas 23:33*).

2 - Por Que é Chamado "Lugar da Caveira": Olhando para essa pequena colina que parece uma falésia (agora é lugar de estacionamento de ônibus), notamos sua formação curiosa, uma representação de uma caveira humana, que resulta da ação natural das intempéries contra a rocha. Notamos que os Evangelhos declaram especificamente que era o "lugar da caveira." Essa face abrupta da colina foi o resultado de um fosso cortado na colina, em quase 20 m de profundidade e a menos de 200 m do muro da cidade. Foi feito alguns anos antes da era de Cristo a fim de manter os inimigos a uma distância segura do muro. Essa separação artificial tem levado

as pessoas a esquecer-se que Calvário ou Gólgota fazia, originalmente, parte do restante do Monte Moriá. Felizmente, Gólgota tem sido preservado das obras de construções, porque há séculos tem permanecido como um cemitério maometano!

A totalidade da cidade de Jerusalém pode ser vista dali. O espetáculo terrível de Cristo na Cruz foi ocultado da vista pública da cidade, depois das trevas que ali desceram.

Conforme mencionamos, o muro atual de Jerusalém fica a menos de 200m distante do Gólgota. Esse muro, edificado por Solimã no século XVI, fica diretamente em cima do muro de Herodes, conforme comprovam as escavações arqueológicas. Além disso, o portão romano, ou herodiano, fica diretamente em frente do Gólgota, e forçosamente é aquele por onde Cristo passou, carregando a cruz.

3 – Outras Confirmações Sobre o Monte Moriá: Agora, pois, temos as necessidades da tipologia. Era necessário que Cristo fosse sacrificado no Monte Moriá, mas também fora do portão da cidade. Por isso foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta (Hebreus 13:12).

Esse era o lugar reservado pelos judeus para o apedrejamento, e quando os romanos ocuparam o país, utilizavam o lugar para suas execuções.

Mas o lugar onde o Senhor foi crucificado é constatado por mais um fato. O túmulo estava por perto (João19:42). Era a propriedade particular de José de Arimatéia. Esse túmulo ou sepulcro acha-se ali, lavrado na própria rocha do Calvário. Certamente, é um túmulo judaico do período romano. Vários registros históricos, que não temos espaço para mencionar aqui, também comprovam que esse foi o próprio túmulo de Jesus.

O túmulo de Cristo é diferente de todos os demais, por ser um túmulo vazio! Ele não está ali, mas ressuscitou! Aquele que foi morto, agora vive para sempre! E porque Ele vive, nós também viveremos

CAPÍTULO XIV

A VITÓRIA DE JESUS SOBRE A MORTE

A – A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO – MARCOS 16:1-8

- Para as mulheres que visitaram o sepulcro, foi uma grande surpresa ver que a pedra pesada tinha sido rolada para fora da entrada. A primeira conclusão seria que vândalos tinham conseguido revolver a pedra e furtar o corpo. Olhando para dentro, nada viam. Quando ficou bem óbvio que o corpo de Jesus não estava mais ali, Maria Madalena saiu de imediato para levar a notícia surpreendente a João e a Pedro. Sabendo onde estavam hospedados, apressou-se para lhes avisar do acontecimento misterioso. As outras mulheres teriam ficado onde estavam, enquanto Maria Madalena ia levando seu recado. Em pé na entrada do sepulcro, tornaram-se conscientes, de repente, que um Jovem estava assentado no lado de dentro, à direita. Este falou às mulheres, informando-lhes que Jesus ressuscitara.

- Enquanto o anjo falava, as mulheres olhavam e viam que havia ainda outro anjo com ele. Lucas 24:4-9 nos oferece a informação adicional. Às vezes surge a pergunta: Estes eram homens glorificados, ou anjos? Embora os anjos sejam ocasionalmente referidos como homens, é possível que tenham sido testemunhas humanas. Nesse caso, poderiam ter sido Moisés e Elias, que apareceram anteriormente no Monte da Transfiguração? Vemos duas testemunhas aparecerem de novo no Monte das Oliveiras, depois da ascensão de Jesus (Atos 1:1-11). É uma possibilidade, mas não pode ser confirmada com certeza. Seja como for, a visitação celestial foi algo que comoveu tão profundamente as mulheres que, sem esperarem a volta de Maria Madalena, foram apressadamente contar aos apóstolos sua experiência estranha.

- Entrementes, Maria Madalena chegara até onde estavam Pedro e João, e irrompeu sobre eles com a notícia estranha, dizendo: *“Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram”* (João20:2). Essas notícias assustaram os dois discípulos. E sem mais conversa, sem esperar para ver se Maria Madalena queria voltar com eles, saíram correndo até ao sepulcro, a fim de verem por conta própria. João correu mais depressa, e chegou primeiro, com Pedro seguindo de perto (*João20:3-9*).

1 – A Chegada dos Discípulos no Túmulo: João, olhando pela entrada, conseguiu ver, pela luz da aurora, o lugar onde o corpo do Senhor deveria ter estado. Pedro chegou e, com sua impetuosidade usual, nem hesitou, mas precipitou-se para dentro e começou a procurar indícios do que teria acontecido com o corpo. João seguiu-o para dentro. O sepulcro estava obviamente vazio, mas as circunstâncias eram estranhas. Os lençóis em que Jesus estivera envolto estavam ali numa posição tal, que davam a impressão de o corpo ter evaporado diretamente do meio deles.

Estavam sem sinais de terem sido mexidos, como se ainda envolvessem um corpo, e o lenço que envolvera Sua cabeça sagrada, em posição separada (conforme o costume), mas onde deveria ter ficado Seu rosto (que não era tampado) havia um vazio! Somente um milagre sobrenatural poderia ter levado o corpo de Cristo de dentro das mortalhas, deixando-as na sua posição original! Afinal de contas, quem levaria um cadáver sem suas envolturas? Os homens olhavam um para o outro, totalmente estupefatos. Devagar, começaram a perceber que o que acontecera era de natureza sobrenatural. As Palavras de Jesus no tocante à Sua ressurreição dentre os mortos começaram a lhes passar pela mente. Precisavam urgentemente de tempo para pensar, e já que o túmulo vazio lhes contara tudo quanto podia, os dois discípulos, atônitos com os acontecimentos emocionantes, voltaram para casa.

Entrementes, as mulheres que tinham visto os anjos e que tinham ido embora do sepulcro a fim de levar as notícias maravilhosas aos demais discípulos, tinham começado a localizar alguns deles. Não iriam de imediato para onde Pedro e João estavam, posto que Maria Madalena já tinha ido para lá. Esses outros discípulos reagiram com franca incredulidade quando as mulheres disseram ter visto seres celestiais no sepulcro; atribuíram essa história à alucinação provocada por mentes excitadas.

2 – Maria Madalena a Primeira a Ver Jesus: Quando Pedro e João voltaram e relataram que eles, também, tinham achado vazio o sepulcro, e que as demais mulheres já tinham ido embora de lá, Maria Madalena sentiu-se impulsionada por uma forte curiosidade a visitar o túmulo e procurar algum indicio para solucionar o mistério que se aprofundava. Chegou ali, e olhou para dentro e, naturalmente, o corpo continuou ausente. Maria estava convicta que ladrões tinham profanado o túmulo e, sem saber o que poderia fazer, ficou ali em pé, chorando. De

repente, ao olhar para dentro mais uma vez, viu dois anjos, sentados onde o corpo estivera, um à cabeceira, e um aos pés. Não sabia que eram anjos, e estes lhe dirigiram a palavra: *“Maria, entretanto, permanecia junto á entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. Então eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram”* (João20:11-13).

Quando Maria Madalena acabou de contar a sua tristeza, entre soluços, dizendo: "Levaram o meu Senhor." algum gesto feito pelos anjos deve tê-la levado a olhar para trás, e assim viu alguém em pé por perto. Era Jesus, mas ela, com os olhos cheios de lágrimas, não o reconheceu. O Senhor perguntou-lhe: "Mulher, por que choras? a quem procuras?" Ela imaginou que fosse o vigilante do jardim, que talvez a considerasse uma invasora de propriedade alheia. Surgiu na mente dela uma idéia um pouco absurda, que este talvez tenha removido o corpo para evitar estragos causados no jardim pelos muitos curiosos. Falou: *“Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei”* (João20:15), muito embora não tivesse a mínima idéia de como o faria.

Jesus meramente pronunciou o nome dela, "Maria!" e isso lhe bastou. A inflexão familiar da Sua voz captou sua atenção de imediato, Exclamou: "Rabôni!" (que quer dizer, Mestre), e teria se lançado aos Seus pés a fim de abraçá-los com beijos.

Pensava que Jesus tivesse sido restaurado a ela da mesma maneira que antigamente, mas Ele a refreou suavemente, dizendo: *“Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus”* (João20:17).

Maria Madalena só conhecera Cristo de modo humano, e tendo-o achado de novo, com vida, queria manter-se agarrada a Ele segundo o relacionamento antigo. Depois da Sua Ressurreição, porém, Ele estava para assumir um novo relacionamento, e demonstraria a Maria que ela não devia tentar mantê-Lo aqui na Terra, mas imediatamente levar a outras pessoas a mensagem da Ressurreição. Que condescendência maravilhosa! Jesus tem à Sua disposição todo o poder no Céu e na Terra, mas Ele roga e persuade como se dependesse de obter o consentimento dos Seus seguidores em obedecer-Lhe!

É uma lição prática maravilhosa que essa mulher, de quem Jesus expulsou sete demônios, recebeu a honra de ser a primeira pessoa que o viu no dia da Sua Ressurreição. Mas é verdade que aquele a quem muito foi perdoado, ama muito. A profundidade da angústia de Maria tinha sido tão grande que nem sequer o aparecimento dos anjos poderia deixá-la atônita nem interromper os seus pensamentos. Somente quando se voltou e viu Jesus é que houve alívio para a forte dor da sua alma.

3 – Jesus Aparece a Pedro: Lucas também nos conta a respeito do aparecimento de Jesus a Pedro, como a primeira de uma série de visitas aos apóstolos (Lucas 24:34). Que o Senhor tinha algo pessoal a dizer a Pedro parece provável, tendo em vista a ordem que o anjo dera às mulheres: *“Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galileia; lá o vereis, como ele vos disse”* (Marcos 16:7). Jesus, por certo, queria dizer algo a Pedro a sós, à parte dos demais discípulos. Não está registrado o que foi dito durante essa entrevista. Os pormenores devem ter sido muito sagrados e íntimos para serem publicados. Pedro estava nas profundezas da autocondenação por ter negado a Cristo, e deve ter achado que ele, assim como Judas Iscariotes, tinha se excluído para sempre do círculo dos apóstolos, e talvez da própria esperança. A lembrança da maneira como xingava e blasfemava ao negar Cristo deve ter surgido como um fantasma maligno para assombrá-lo. Os primeiros relatos (duvidosos, de início) da ressurreição de Cristo, ao invés de lhe dar alegria, devem lhe ter feito sentir vergonha e temor diante da idéia de encontrar-se com Jesus face a face.

Pedro, um homem de tipo rude, mas com a consciência muito delicada, deve ter derramado diante dele a sua confissão, intercalada com muitos soluços, ao passo que o Senhor, vendo a profundidade do seu arrependimento, foi dirigindo a conversa em direção às coisas que Ele falara profeticamente antes da Sua morte: *“Tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos”* (Lucas 22:32).

Antes de a entrevista chegar ao fim, Pedro era um homem novo, diferente. Deve até mesmo ter se sentido como quem recebeu o perdão após ter sido condenado à própria morte. O apóstolo tinha sido nomeado para uma missão especial, e foi cumpri-la sem demora. Foi

procurando os vários discípulos para lhes contar a boa notícia, e o seu testemunho pesava na balança.

A notícia foi sendo passada de discípulo em discípulo, e não demorou para todos estarem reunidos para considerarem o acontecimento maravilhoso. Cada um estava profundamente emocionado, querendo saber todos os pormenores daquilo que acontecera no sepulcro, com seu significado.

B – A GRANDE COMISSÃO – MATEUS 28:16-20

- A Grande Comissão foi dada na ocasião inesquecível do encontro entre Cristo e os quinhentos numa montanha na Galileia. A importância desse evento é ressaltada pelo fato de ter sido referido de antemão, várias vezes antes de acontecer. Mas nem todas as Suas instruções foram dadas nessa ocasião (ou, se o foram, também algumas delas foram repetidas em outras ocasiões). Por causa da importância dos recados finais de Cristo, passaremos a considerá-los um por um. A primeira instrução foi dada no dia da Sua ressurreição.

-

1 - Os Discípulos Deviam Pregar a Remissão dos Pecados (João 20:21-23): O que significava esse mandamento de Jesus? A Igreja Medieval baseou nestes versículos a doutrina do confessorário. Dizia-se que esse mandamento de Jesus autoriza o sacerdote a perdoar os pecados.

Examinemos com cuidado esse trecho, e vejamos se a Igreja Medieval chegou à explicação certa. Há um trecho paralelo em Lucas 24:33-45, que descreve o mesmo incidente. Para obtermos um relato bem completo, devemos ler as duas passagens bíblicas (João 20:21-23; Lucas 24:33-45). Notamos que não somente estavam presentes os onze apóstolos, como também estavam presentes certas mulheres (Lucas 24:9,10,33), de modo que o que Cristo disse a respeito de perdoar ou reter pecados, deve aplicar-se a todos.

Embora a Igreja Medieval declarasse que somente o sacerdote tem a autoridade de perdoar os pecados, a Igreja Protestante tem declarado que seus pastores têm poderes de declarar a remissão do pecado, somente no caso daqueles que se arrependem. Qual é o ensino

certo? Cristo deu a resposta nesse mesmo encontro com os discípulos, conforme o registro de Lucas:

“E Ihes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas” (Lucas 24:46-48).

Jesus mandou os apóstolos, bem como todos os demais fiéis que estavam presentes, pregarem o arrependimento em Seu Nome, e que todos os que se arrependessem receberiam o perdão dos pecados!

O Livro de Atos dos Apóstolos nos conta como os apóstolos cumpriram esse mandamento. No Dia do Pentecoste, Pedro pregou ao povo, e quando muitos perguntaram: "Que faremos, irmãos Pedro respondeu: *“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em Nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38).*

E assim Pedro Ihes disse que, em se arrependendo e se batizando, receberiam tanto a remissão dos pecados quanto o dom do Espírito Santo. E foram 3.000 as almas batizadas naquele dia.

Pedro e os demais apóstolos teriam tido tempo para levar tantas pessoas ao confessionário para ouvir a sua confissão? Não. Pelo contrário, deviam confessar a Deus, e então *“aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Atos 2:21)*. Note que essa promessa não era só para aquela ocasião, mas para todos os tempos (Atos 2:39).

Portanto, a alegação de que o sacerdote recebeu autoridade da parte de Deus para perdoar os pecados das pessoas, segundo a maneira praticada no confessionário, não se baseia nas Escrituras. Cristo é Aquele que perdoa os nossos pecados. Devemos confessar a Ele: *“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João1:9)*

2 - Jesus Manda Batizar (Mateus 28:18,19): A Grande Comissão incluía o mandamento de batizar. O mesmo mandamento é referido também em Marcos 16:16: *“Quem crer e for batizado será salvo”*. Não é aqui que vamos debater o assunto do batismo nas águas, mas o fato de a ordem de batizar estar incluída na Grande Comissão demonstra a sua importância. João Batista

administrava o batismo do arrependimento, e Jesus deixou Seus discípulos continuarem o mesmo batismo enquanto o Batista vivesse (João 4:2). Não lemos que batizavam depois da morte de João, e Atos 19:3-5 deixa claro que o batismo cristão era algo totalmente ultrapassado.

O batismo que Jesus autorizou era claramente diferente daquele de João Batista. Mantinha a mesma chamada ao arrependimento, porque quando Pedro pregou no Dia do Pentecoste, disse: *“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados”* (Atos 2:38). Mas ser batizado em Cristo significa ser batizado na Sua própria vida. Quando alguém recebe ao sacramento do batismo, está declarando publicamente que renunciou o mundo, que desceu às águas na morte simbólica, e que de lá subiu para uma nova vida, a vida da ressurreição com Cristo.

3 - Ensinando Todos a Guardar Todas as Coisas que Eu Vos Tenho Ordenado (Mateus 28:20): Quando Jesus ensinou aos Seus discípulos as Suas grandes verdades, elas eram tão revolucionárias que Ele reconhecia que os homens procurariam desculpas mil para não cumpri-las. Talvez a ferramenta mais poderosa que Satanás usa para levar os homens a ficarem longe da verdade seja a tradição que foi desenvolvida nos séculos posteriores, de que havia um Evangelho para os apóstolos, e outro para os seus sucessores. Indicando que na época dos apóstolos haviam os milagres e os dons, por que eram necessários para aquela época, no entanto hoje não é mais necessário. Embora os apóstolos nunca tivessem ensinado nenhuma idéia semelhante a esta, foi pouco tempo depois que morreram que surgiu esta nova doutrina, assim: alegadamente, o ministério do sobrenatural, o batismo no Espírito, a manifestação dos dons carismáticos, e o ministério da cura divina, todos estes pereceram juntamente com os apóstolos.

Jesus procurou evitar que esse erro surgisse, por meio de incluir na Sua Grande Comissão estas palavras: *“Ensinando-as a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século [da presente era].”*

Nunca haveria um período na história em que a presença de Cristo, ou os Seus dons, seriam retirados. Ele estaria com eles para sempre: *“Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre”* (Hebreus 13:8).

4 - Pregar o Evangelho a Toda Criatura (Marcos 16:15,16): A Grande Comissão visava a pregação do Evangelho a todos os habitantes de todas as nações. Não havia restrições ou exclusões. Tinha que ser a tarefa suprema da Igreja. Depois de completada com sucesso essa obra, terminaria a presente era histórica, e Cristo voltaria à Terra, conforme o próprio Jesus declarou nitidamente em Mateus 24:3,14.

A Igreja, portanto, tem uma tarefa tremenda e uma responsabilidade grave, todo crente em Cristo tem seu dever para cumprir em favor dos pagãos. Cada um de nós pode dizer que fez a sua parte?

5 - Os Sinais Deviam Seguir a Pregação do Evangelho (Marcos 16:17-18): Alguns têm disputado a autenticidade do trecho em Marcos 16:9-20, porque uns poucos manuscritos o omitiram. Mesmo assim, acha-se na maioria dos manuscritos, e no manuscrito do Vaticano, que é dos mais mencionados por o ter omitido, há um espaço em branco entre Marcos 16:8 e o Evangelho segundo Lucas, como se o copista não tivesse certeza se deveria incluí-lo ou não.

Esse trecho é citado copiosamente pelos pais da Igreja Antiga, e o modo grosseiramente abrupto de terminar o Evangelho, se fosse mesmo para terminar no v. 8, é prova quase esmagadora que havia matéria adicional a seguir. É difícil imaginar que Marcos, o evangelista tão dinâmico e positivo, tivesse terminado seu livro com as palavras “estavam com medo” [é assim a ordem em Grego].

No entanto, a autenticidade do trecho, à parte de todas as demais razões, é atestada pelo fato que está em perfeita harmonia com os ensinamentos do restante do Novo Testamento.

a) Em meu nome expulsarão demônios. O ministério de Cristo está repleto de incidentes em que foram expulsos espíritos malignos. Na sinagoga de Cafarnaum, Ele expulsou o demônio do homem que perturbava o culto (Marcos 1:21-25). No entardecer do mesmo dia, ao pôr do sol, muitos endemoninhados foram levados até Ele (Mateus 8:16). Expulsou o espírito epilético do menino que caía espumando na boca (Lucas 9:39). Libertou Maria Madalena, que estivera possessa por sete demônios (Lucas 8:2). E agora, na Grande Comissão, Cristo deu os mesmos poderes aos Seus discípulos. O cumprimento da Sua promessa é demonstrado em Atos

16:18; que descreve como Paulo expulsou o espírito de adivinhação de uma moça que antes "tirava a sorte" por dinheiro.

b) Pegarão em serpentes: Estas palavras têm perturbado algumas pessoas. Cristo realmente deu esse mandamento aos Seus discípulos? Significa que o cristão deve sair para literalmente procurar serpentes venenosas e pegar nelas, para comprovar que é crente? Devemos deixar a própria Bíblia explicar a Bíblia. Quando Paulo, conforme o registro em Atos 28:3-5, pegou acidentalmente numa serpente, não foi fazendo alarde com ela para demonstrar ser ele bom crente, mas a sacudiu de si, para ela cair no fogo. E está registrado que não sofreu nenhum dano. Naturalmente, é a coisas assim que Cristo Se referiu no Seu mandamento.

Há, aparentemente, mais um significado simbólico nessa declaração do Senhor na Grande Comissão. Evidência disso vê-se na promessa dada aos Setenta em Lucas 10:18-19.

c) E se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal: O significado do próximo sinal vê-se, também, nesse:" A palavra "se" indica claramente o sentido. As pessoas não precisam andar procurando venenos para beber e cobras peçonhentas para brincar com elas, a fim de comprovar que são crentes. Por outro lado, se por engano ou por acidente tiverem tais contatos, poderão reivindicar sua imunidade. Essa promessa da proteção divina contra todos os danos para aqueles que crêem está totalmente consistente com as palavras do Salmo 91.

d) Se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados: Aqui temos a promessa de Cristo, como parte da Grande Comissão, que os crentes poderão impor as mãos sobre os enfermos, e estes se recuperarão e serão curados. Não pode haver a mínima dúvida do que Cristo queria dizer. O ministério da cura tornou-se uma parte integrante do ministério da Igreja Primitiva. Diante da Porta Formosa do Templo, Pedro e João pegaram nas mãos do coxo de nascença, e o levantaram, e conseguiu andar e saltar. Milagres fluíam em profusão, mas sempre havia ainda mais pedidos de curas. Os enfermos eram trazidos das cidades em derredor. Não era possível ministrar a todos individualmente, mas havia tanta fé fervorosa que as pessoas recebiam a cura pelo simples fato de a sombra de Pedro tocar nelas de passagem.

Durante todos os dias dos apóstolos, não havia nenhuma diminuição dos milagres. Perto do fim do ministério de Paulo, quando não lhe havia a possibilidade de visitar todos os enfermos, pegava lenços e aventais que tiveram contato com o seu corpo, e os enviava aos que

sofriam de enfermidades ou que eram atacados por espíritos malignos, e recuperavam (Atos 19:11-12). Que esse mesmo ministério devia continuar na Igreja é indicado claramente por Tiago, que colocou como ministério dos presbíteros a oração pelos enfermos: (*Tiago 5:14-15*).

C – A ASCENSÃO DE CRISTO – ATOS 1:2-5

- Quarenta dias se passaram depois da ressurreição de Jesus dentre os mortos. Tinha aparecido pelo menos nove vezes a um ou mais dos Seus discípulos por vez. Mas chegara o momento em que Ele teria que apartar-Se deles até ao dia em que voltasse em glória para julgar as nações.

1 – A Pergunta dos Discípulos: Pela última vez, apareceu a eles em Jerusalém, e os conduziu até Betânia, que está no encosto oriental do Monte das Oliveiras. Durante algum tempo, os discípulos tinham estado com vontade de Lhe postular determinada pergunta, mas ficavam com certo reverente temor dele com Seu corpo glorificado da Ressurreição. Posto, porém, que este seria o último encontro entre eles, consideravam tão urgente a pergunta que não mais a poderiam adiar. Disseram, pois: ***“Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?”*** (Atos 1:6).

Na realidade, o Senhor tinha respondido a essa pergunta no Seu discurso do Monte das Oliveiras. Contara-lhes como a ira viria contra aquela geração, porque ela não conhecia o tempo da sua visitação (Lucas 19:41-44), e que Jerusalém seria cercada por exércitos, tomada e pisoteada, e seus habitantes seriam cativos para muitas nações até serem cumpridos os tempos dos gentios (Lucas 21:24). Mas, naquela ocasião anterior, os discípulos ainda tinham a mente tão carnal que esses ensinamentos caíram em ouvidos como que surdos. Parece que não conseguiam livrar-se da idéia de um reino visível iminente. Antes da morte de Cristo, sentiam a certeza de que semelhante reino seria estabelecido de imediato. Depois da Ressurreição, no entanto, não tinham tanta certeza. Nesse último encontro em Betânia, tomaram consciência de que, se fosse para Lhe perguntar isso, teriam que fazê-lo de imediato.

O Senhor, porém, deixou em segundo plano esse tipo de pergunta, e lhes disse: ***“Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade”*** (Atos 1:7). A pura verdade era que tinham uma tarefa diante deles a evangelização do mundo. E assim os discípulos compreenderam que não seria no futuro imediato a inauguração do reino de Israel.

Mesmo assim, alguns cristãos continuavam a acalentar a esperança de que ocorreria ainda dentro do decurso da sua vida. Em várias ocasiões, Paulo teve que corrigir a crença persistente de que a Segunda Vinda de Cristo estava no futuro imediato (2 Tessalonicenses 2:1-3).

2 – A Promessa do Revestimento de Poder: O Senhor passou, então, a lhes fazer sentir a importância de permanecerem em Jerusalém até receberem a promessa do Pai, o batismo no Espírito Santo. Depois desse acontecimento, deviam começar a evangelização das nações - começando em Jerusalém, expandindo para Samaria, e avançando assim até alcançarem todas as nações: *“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e ate aos confins da terra”*. (Atos 1:8).

3 – O Momento da Ascensão: Enquanto Jesus ainda falava essas palavras, os discípulos notaram, de repente, que Ele estava sendo levantado da Terra. E, enquanto estendia as mãos para impetrar a bênção, foi sendo levado cada vez mais para o alto, até uma nuvem encobri-Lo dos seus olhos.

Transfixados ali em silêncio, os seus olhares continuavam firmados no céu, como se esperassem receber mais algum vislumbre do seu amado Amigo e Mestre. Repentinamente, tomaram consciência de dois homens vestidos de branco, que se puseram ao lado deles e lhes falaram: *“E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles, e lhes perguntaram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Este Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá de modo como o vistes subir”* (Atos 1: 10-11).

Quais eram esses dois homens vestidos de branco? Quem eram essas duas testemunhas? Eram os mesmos dois que estiveram no sepulcro na manhã da ressurreição? (Lucas 24:4-7). Seja como for, eram mensageiros celestiais, e traziam um recado apropriado. Não havia razão para os discípulos ficarem em pé ali, com os olhos fixados nos céus, pois aquele mesmo Jesus voltaria da mesma maneira que Ele foi embora.

Voltaria realmente, e Seus pés colocar-se-iam de novo no Monte das Oliveiras (Zacarias 14:4). Entrementes, deviam preparar-se para a tarefa que tinham diante deles. E assim os onze,

talvez depois de conversarem mais com os visitantes celestiais, voltaram-se para começar sua viagem de volta ao Cenáculo, onde esperariam aquele revestimento do poder que dentro em breve viria sobre eles.

4 – Mensagem a Alguns Curiosos e Incrédulos: Alguns têm demonstrado sua impiedade ao zombarem da idéia de que Jesus pudesse ter chegado ao céu por meio de subir da Terra, e dizem que isso não concorda com o fato de uma Terra esférica que gira no seu próprio eixo de 24 em 24 horas. Mas o ato da ascensão significa exatamente onde está o céu, um plano de existência muito mais alto do que o da Terra.

Jesus nunca tentou desembaraçar completamente diante dos homens os mistérios da existência na dimensão espiritual; nem satisfazia as curiosidades daqueles que desejam especular sobre o relacionamento geográfico entre a Terra e o Céu. O Céu certamente é um lugar; é uma realidade. Se, porém, Jesus tivesse procurado explicar esses mistérios tremendos aos apóstolos, todos teriam ficado desesperadamente confusos, e seriam desviados da tarefa supremamente importante de pregar a grande mensagem que tinham que levar ao mundo. A resposta de Jesus deixou claro que havia tempos e épocas a respeito dos quais o Pai mantinha em Seu exclusivo poder todos os conhecimentos.

CONCLUSÃO DO CURSO

“E o Pai, que me enviou, ele mesmo testificou de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer. E a sua palavra não permanece em vós, porque naquele que ele enviou não credes vós. Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam; e não quereis vir a mim para terdes vida.”

JOÃO 5:37-40

Como proposto para este curso, esperamos que você tenha aprendido através deste estudo puro e simples sobre a vida e ministério de Jesus Cristo, que a sua trajetória é diferente das biografias de todos os grandes homens da história, mesmo aqueles que foram destaque em suas épocas ou nações.

A história desses homens sempre chega ao fim no sepulcro, mas quanto à história de Jesus Cristo, a parte mais importante começou depois da sua morte e ressurreição, pois somente ele, entre todos os homens que já viveram na Terra, chegou a atracar-se com o maior inimigo do homem. Desceu até às regiões da morte, e ali a derrotou. Ressuscitando triunfante sobre a morte, o inferno, e o sepulcro. E Ele mesmo garantiu que vai voltar, não mais como o Cordeiro de Deus, mas como o Leão da Tribo de Judá.

Incentivamos ao aluno a continuar o estudo sobre este, que é o ícone de amor, altruísmo, dedicação e serviço, Jesus Cristo o único Senhor e Salvador de todos os homens.

REFERÊNCIAS

- 1) Josefo, Flavio; *A História dos Hebreus*; São Paulo: Editora CPAD; 2015.
- 2) Camacho, Fernando e Mateos, Juan, *Jesus e a Sociedade de seu Tempo*; São Paulo: Edições Paulinas, 1992
- 3) Cascio, Calogero; Coacci, Giuliano; Garofalo, Salvatore; Gregori, Nino; Picirillo, Michele e Vidal, José Raimundo; *Vida de Cristo – Contada para os Homens do Nosso Tempo*; São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- 4) Jeremias, Joachim; *Palavras Desconhecidas de Jesus*; São Paulo: Editora Academia Cristã, 2006.
- 5) Lindsay, Gordon; *The Life & Teachings of Christ*; Dallas: CFNI, 1982.
- 6) Cousin, Hugues; *Narração de Milagres em Ambientes Judeu e Pagão*; São Paulo: Edições Paulinas; 1993.
- 7) Kozen, Léo Zeno; *João Batista Conforme o Historiador Flávio Josefo*; São Leopoldo: In: Palavra Partilhada, 1992.
- 8) Wayne Grudem, *Teologia Sistemática Atual e Exhaustiva*; São Paulo: Editora Vida Nova, 1999.
- 9) A.B. Langston, *Esboço de Teologia Sistemática*; Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1988.
- 10) Guy P. Duffield/Nathaniel M. Van Cleave, *Fundamentos da Teologia Pentecostal*; São Paulo: Editora Quadrangular, 1991.
- 11) Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*; Campinas: Luz Para o caminho Publicações, 1994.
- 12) Pannenberg, Wolfhart, *Teologia Sistemática*; Santo André: Editora Academia Cristã, 2009.

OBS:

É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, sem a permissão por escrito, do Seminário Casa de Profetas.